



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RUSSA E A SUA PROJEÇÃO
NA POLÍTICA EXTERNA PARA A ÁSIA CENTRAL**

Tese apresentada para a obtenção de grau de Mestre em
Ciência Política e Relações Internacionais – Segurança e Defesa
Major em Relações Internacionais

Por

Adolfo Gustavo León Carrillo

Instituto de Estudos Políticos

Julho 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RUSSA E A SUA PROJEÇÃO NA POLÍTICA EXTERNA PARA A ÁSIA CENTRAL

Tese apresentada para a obtenção de grau de Mestre em
Ciência Política e Relações Internacionais – Segurança e Defesa
Major em Relações Internacionais

Por Adolfo Gustavo León Carrillo

Sob orientação de Prof. Doutora Raquel Vaz Pinto

Instituto de Estudos Políticos

Julho 2012

Índice

- Agradecimentos 6
- Resumo / Summary 7
- Introdução 10

I - Rússia – Formação e Império

- 1.1. - Os primórdios: a formação étnica, política e religiosa da Rússia 14
 - 1.1.1. – Povo, Nação e Estado 14
 - 1.1.2. – Formação étnica 16
 - 1.1.3. – Formação política 20
 - 1.1.4. – Formação religiosa 24
 - 1.1.5. – A hegemonia moscovita 27
- 1.2. – Os caminhos da Rússia: a russificação, ocidentalização e asiaticização 30
 - 1.2.1. – Geografia e Império 30
 - 1.2.2. – A russificação 32
 - 1.2.3. – A ocidentalização 38
 - 1.2.4. – A asiaticização 42
 - 1.2.5. – Derivações: pan-eslavismo e soviétismo 44
- 1.3. – Os pilares do regime imperial e a sua política externa identitária 48
 - 1.3.1. – Nobreza, Povo e Czar 48
 - 1.3.2. – Expansão imperial 49
 - 1.3.3. – Uma janela na Europa 50
 - 1.3.4. – A conquista do Cáucaso 55
 - 1.3.5. – Expansão na Ásia 57
 - 1.3.6. – Política externa: diversidades 62

II - Outubro – Nascimento e queda da União Soviética

- 2.1. – A Revolução de Outubro: a procura de uma nova identidade 65
 - 2.1.1. – A entrada no século XX 65
 - 2.1.2. – A Rússia pré-revolucionária 66
 - 2.1.3. – A natureza da Rússia pré-comunista 69
 - 2.1.4. – A identidade em formação: princípios bolcheviques 73
 - 2.1.5. – A construção do socialismo 77
 - 2.1.6. – Duas tendências no seio da Revolução 80
 - 2.1.7. – As linhas gerais da Revolução 81

2.2. - Os pilares da União Soviética e a sua política externa identitária	84
2.2.1. - Linhas de continuidade na história russa	84
2.2.2. - A descontinuidade da revolução	85
2.2.3. - A construção da URSS: política das nacionalidades	88
2.2.4. - Política territorial	93
2.2.5. - Identidade, Ideologia e Interesses permanentes da Grã-Rússia	96
2.3. - O colapso e a Rússia pós-soviética	101
2.3.1. - Colapso: o papel do PCUS	101
2.3.2. - Gorbachev e a reforma do sistema	105
2.3.3. - O desmantelamento	108
2.3.4. - Ieltsin e a nova Rússia	111
2.3.5. - Vladimir Putin: ordem e crescimento	114
2.3.6. - Uma Rússia para o século XXI	120
III - A ordem Imperial e a ordem soviética	
3.1. - Ásia Central e a conquista russa	122
3.1.1. - O espaço da Ásia Central	122
3.1.2. - Primeiros contactos: construção de um modelo colonizador	124
3.1.3. - Penetração e conquista	125
3.1.4. - Administração territorial: o caminho da russificação	127
3.1.5. - Administração: desenvolvimentos	131
3.1.6. - A semente da revolta	133
3.1.7. - A revolta: elites e ideologias	135
3.2. - A ordem soviética na Ásia Central	139
3.2.1. - A nova ordem política	139
3.2.2. - Guerra civil	141
3.2.3. - Reorganização territorial	145
3.2.4. - Nation-Building na Ásia Central	147
3.2.5. - URSS: o edifício soviético	149
3.2.6. - O Estalinismo e os seus sucessores: política do Kolkhoz	152

IV - A Rússia perante a Ásia Central independente

4.1. – A Ásia Central pós-soviética 159

- 4.1.1. – Condições para as independências 159
- 4.1.2. – Da URSS à CEI 164
- 4.1.3. – Cazaquistão 166
- 4.1.4. – Uzbequistão 168
- 4.1.5. – Quirguistão 170
- 4.1.6. – Turquemenistão 172
- 4.1.7. – Tajiquistão 175

4.2. – A Rússia na Ásia Central: a política externa hoje 178

- 4.2.1. – A crise da identidade russa na política externa 178
- 4.2.2. – Política externa: de Ieltsin a Putin 180
- 4.2.3. – Organizações de integração regional: a CEI 182
- 4.2.4. – Organizações de integração económica 184
- 4.2.5. – Organizações de segurança regional 185
- 4.2.6. – Relações bilaterais: Cazaquistão 186
- 4.2.7. – Uzbequistão 188
- 4.2.8. – Quirguistão 190
- 4.2.9. – Tajiquistão 191
- 4.2.10. – Turquemenistão 192
- 4.2.11. – Concorrência regional: Índia e Turquia 193
- 4.2.12. – China 195
- 4.2.13. – EUA 196

4.3. – A Rússia na Ásia Central: perspectivas de futuro 198

- 4.3.1. – Proximidade e afastamento de Moscovo 198
- 4.3.2. – Fases da política externa russa 199
- 4.3.3. – Vantagens da Rússia 201
- 4.3.4. – Desafios para a Rússia 204
- 4.3.5. – Soft Power: a necessidade de uma política identitária 206

- Conclusões 209
- Bibliografia 213
- Tabela de Anexos 221

Agradecimentos

Ao longo destes anos, a realização desta tese fez parte integral da minha vida e ocupou uma boa parte da mesma. O meu primeiro e maior agradecimento é para a família, que sempre me apoiou em todo o necessário, facilitando-me as condições necessárias para o desenvolvimento da obra.

À minha orientadora, Prof. Doutora Raquel Vaz Pinto, agradeço-lhe o tempo dedicado, as suas correções e as suas recomendações, as sugestões e toda a ajuda prestada ao longo da construção deste texto. Para ela - e para todas as pessoas ligadas ao Instituto de Estudos Políticos - que sempre responderam com prontidão e eficiência a todas as minhas questões, um muito obrigado.

Agradeço ao Dr. Nuno Gonçalves Antunes pelas horas infindáveis passadas a discutir História e pelos seus esclarecimentos em algumas questões de historiografia. O valor das suas opiniões foi muito considerado. Um agradecimento especial também para a Dra. Svetlana Kutnievich e para Olesya Nikolova pelos seus esclarecimentos sobre algumas questões da realidade russa, e por me permitirem compreender melhor os sentimentos dos russos em relação à sua história e ao seu lugar no mundo.

Ao Dr. José Pedreira e a Paulo Mira agradeço a sua boa vontade e flexibilidade, pois sem eles a vida laboral ter-me-ia roubado muitas horas de trabalho académico. Finalmente, mas não de menor importância, agradeço a todos os meus amigos a sua paciência e apoio, e o facto de terem aguentado estoicamente as minhas intermináveis divagações. Para todas estas pessoas e para mais algumas que não nomeio, mas que, de uma forma ou outra tornaram este processo possível, o meu mais profundo agradecimento.

Resumo

A Rússia, desde as suas origens, empreendeu uma política expansionista que a tornou num Império multiétnico, dificultando a construção da sua identidade. Os processos de *russificação*, *ocidentalização* e *asiatização* são tentativas de construir esta identidade. O século XX trouxe uma revolução comunista com a qual, a *russificação* e a *ocidentalização* combinaram-se num processo que podemos definir como *sovietização*. A *sovietização* foi a base da construção de uma nova identidade, não só na Rússia mas também na Ásia Central, zona geográfica que não contava com nenhum Estado e foi alvo de um intenso processo de *Nation-Building*. O colapso soviético tornou estes Estados independentes e estes continuaram a sua construção identitária longe de Moscovo. O século XXI apresenta-se como multipolar e a Rússia deseja recuperar o seu lugar no mundo. Para tal, precisa de definir uma identidade nova e ser capaz de manter uma posição de liderança na Ásia Central, na qual se encontram muitos dos recursos energéticos de que precisa. A utilização correcta do seu *hard* e *soft power* e a capacidade de lidar com os novos concorrentes, EUA e China, será definitiva para conseguir alcançar os seus objectivos.

Palavras-Chave: Rússia, identidade, *russificação*, *ocidentalização*, *asiatização*, Ásia Central, *Nation-Building*.

Abstract

Since its origins, Russia has followed expansionist policies, and quickly became a multi-ethnic Empire, making it difficult to build a national identity. The processes of *Russification*, *Westernization* and *Asiatization* attempt to build that identity. The twentieth century brought to Russia a communist revolution in which *russification* and *westernization* merged into what we can call *sovietization*. *Sovietization* became the basis, in which a new identity was forged, not only for Russia but for Central Asia as well. An intense process of *Nation-Building* was applied into this geographical area and new States were created for the first time. The downfall of the Soviet Union allowed these States to become independent, and they began to build a new identity away from Moscow. On this new century, Russia wishes to regain its place as a major player of the international community. In order to achieve it, is imperative to construct a new identity for itself, and be able to sustain a leadership position on the Central Asian region, in which most of the energetic resources needed can be find. The correct use of *hard* and *soft power* tools, as well as the ability of dealing with new strategic adversaries – USA and China – will be crucial in order to achieve its goals.

Keywords: Russia, Identity, *Russification*, *Westernization*, *Asiatization*, Central Asia, *Nation-Building*.

Ó século xx,
ó grande era do spútnik,
como é grande a tua tristeza e mortificação,
tu – século generoso,
e canalha também,
século que assassina as nossas ideias,
século de uma juventude furiosa.

Bulat Okudjava, *Os juvenis furiosos*

Introdução

Na última década do século passado e na primeira deste novo vivemos o auge da unipolaridade americana, mas assistimos também a mudanças que nos levam a pensar que o sistema das relações internacionais está a desenvolver-se na direcção de um cenário multipolar no qual verificar-se-á uma “ascensão dos demais.”¹ Dentre estes Estados que ascendem consideramos a Rússia; de resto, um dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia e China; países identificados como prováveis potências económicas juntamente com os EUA e Japão, pela Goldman Sachs para 2050², grupo ao qual se juntou a África do Sul em 2011³) como um dos mais importantes na construção da nova ordem mundial, e portanto, a análise da sua política externa constitui um exercício de grande relevância. Ao tratar-se da mais extensa Federação do mundo, é fácil perceber que não nos é possível analisar senão uma área geográfica específica. Julgamos que o espaço constituído pela Ásia Central pós-soviética, com as suas cinco novas Repúblicas independentes - Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão, Tajiquistão e Turquemenistão - releva especial interesse ao tratar-se de uma área rica em recursos naturais e estratégicos na qual se desenvolve um novo “grande jogo”⁴ cujos actores principais são a Rússia, os EUA e a China. O ressurgir da Rússia baseia-se sobretudo na sua riqueza e capacidade de produção energética, riqueza que se encontra em parte nos territórios agora

¹ Seguimos aqui o argumento de Fareed Zakaria na sua obra “O Mundo Pós-Americano” cujo primeiro capítulo leva esse nome.

² WILSON, Dominic e PURUSHOTHAMAN, Roopa. **Dreaming with BRICs: The path to 2050.** [Online] *Goldman Sachs Global Economics Paper*. Out.2003, no.99. p.2.
Disponível online: <http://www2.goldmansachs.com/ideas/brics/book/99-dreaming.pdf>

³ Jornal Público. Economia [Online] 04 Março 2011. (último acesso 21 Julho 2012)
Disponível online: <http://economia.publico.pt/Noticia/brasil-sauda-adesao-da-africa-do-sul-ao-bloco-dos-bric-1483260>

⁴ Novo em comparação ao primeiro “grande jogo” no qual o Império Russo e o Império Britânico se enfrentaram durante praticamente todo o século XIX.
MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. *La Rusia de los Zares*. 1ª Edição. Madrid. Espasa Calpe, 2007. pp.270-272 e 301-303.

independentes do seu “estrangeiro próximo”. A necessidade de controlar a sua distribuição é fundamental para a estratégia de crescimento russa e permite-lhe utilizar a mesma como arma para submeter Estados rebeldes e ganhar influências no espaço pós-soviético e na União Europeia.⁵ A China, energeticamente dependente, por sua vez, estimula iniciativas neste mesmo espaço com o objectivo de adquirir os mesmos recursos evitando a Rússia como intermediária.⁶ A presença chinesa na região foi, no entanto, vista pela Rússia com olhos mais tolerantes, pois na verdade a perda da sua hegemonia na região deveu-se à repentina presença americana na sequência dos atentados de 11 de Setembro. Se até então os EUA não tinham quase interesse na região, após o ataque terrorista a zona transformou-se em prioritária na política de segurança americana e sua presença militar destruiu o *status quo* até então estabelecido. Face a esta nova situação, Moscovo considerou que uma aliança com a China de partilha de interesses na região era uma boa solução para conter a crescente presença americana⁷. Apesar da Rússia dispor de notável influência na zona, os riscos de perdê-la são reais e inaceitáveis. No sentido de evitar essa situação, a Rússia opta pela cooperação multilateral com a China e com as novas Repúblicas, através da promoção de uma ordem multipolar alicerçada em organizações regionais e em relações bilaterais fortes. Existe nesta política uma clara vontade de conter Washington.⁸ A Rússia conta com grande experiência na zona, e possui uma forte herança; não só como “criadora de

⁵ ORTEGA, António José Sanchez. **La reemergencia de Rusia en el espacio postsoviético. La energía como objeto y medio.** [Online] *Revista Electrónica de Estudios Internacionales*. 2009. p.3-4. Disponível online: http://reei.org/reei17/doc/articulos/articulo_SANCHEZ_AntonioJose.pdf

⁶ Idem.

⁷ LO, Bobo. *Axis of Convenience: Moscow, Beijing, and the New Geopolitics*. Londres. Chatham House, 2008. p.95.

⁸ FREIRE, Maria Raquel. **Tempo de balanço: (AS)simetrias nos mandatos presidenciais de George W. Bush e Vladimir Putin.** *Relações Internacionais*, set.2008, nº.19. passim.

nações⁹” como também por contar ainda com diásporas de populações russas que nalgumas regiões constituem, inclusive, maiorias.¹⁰ Possui infra-estruturas que permitem o controlo dos recursos energéticos e mantém uma presença militar.¹¹ Possui também uma boa margem de crescimento do seu *soft power* na região, poder este que tem sido desaproveitado em favor de um *hard power* que, em boa verdade é insuficiente e ineficiente na medida em que cria tensões e inimizades evitáveis. Este conjunto de ferramentas, sejam elas de *soft* ou *hard power*, precisam de ser coordenadas por uma linha de pensamento e actuação articulada que depende da capacidade dos líderes do Kremlin e do povo russo de construir uma nova versão da sua própria identidade. Existem vários modelos e linhas de pensamento ao respeito que devemos observar com atenção¹². Ao longo do tempo, a história russa tem revelado continuidades na sua política interna e externa que têm sobrevivido às descontinuidades provocadas pelas grandes revoluções e momentos tumultuosos e, em todo momento, a política externa tem contribuído como elemento de formação da identidade muito mais do que como a expressão da mesma. Ao tratar-se de um Estado de difícil definição geográfica (situado entre a Europa e a Ásia) e política (pois é um Império multinacional, na prática, desde a sua fundação), tem vindo a desenvolver não um, mas três modelos ou vias identitárias que podemos definir como o modelo de *russificação*, que defende o carácter único da cultura e civilização russa, diferente de todas as outras; o modelo de *ocidentalização*, que advoga pela pertença da Rússia à matriz cultural europeia e o modelo de *asiatização*, que pretende aproximar Moscovo ao espaço e às tradições asiáticas

⁹ ROY, Olivier. *The New Central Asia: Geopolitics and the Creation of Nations*. Ed. Taurus, 2000. p.61.

¹⁰ KENEZ, Peter. *História da União Soviética*. 1ª Edição. Lisboa. Edições 70, 2007. p.356.

¹¹ ORTEGA, António José Sanchez, op. cit., p.3.

¹² LEQUER, Walter. **Moscow's Modernization Dilemma**. *Foreign Affairs*, November/December 2010. passim.

herdadas das invasões mongóis e recentemente pelo dinamismo económico da região Ásia-Pacífico. A isto podemos somar o carácter messiânico que sempre acompanhou as elites russas, que em tempos imperiais viam em Moscovo a “Terceira Roma” e seguidamente no governo dos comissários, onde a mesma Moscovo se tinha tornado a capital da revolução proletária internacional, berço de um mundo novo. Nesta política construída de “cima para baixo”, os povos que habitam a Rússia não costumam ter uma palavra a dizer e identificam-se apenas em parte com os projectos propostos pelos seus governantes. Assim, a Rússia revolucionária do século XX, carregando o peso das suas tradições e heranças históricas, lançou-se na construção de uma nova realidade que para a Ásia Central significou um processo de *Nation-Building* definitivo numa região onde até então nunca tinham existido Estados no sentido moderno da palavra. Mas, como é que a recém-criada União Soviética poderia construir nações se, por sua vez, herdava um Império que não conformava uma nação ou sequer um Estado? Que tipo de política interna ou externa poderia ser aplicada para criar tal Estado e projectar poder ao exterior no seu nome? Podemos tentar responder a estas perguntas observando a história da Rússia e das suas políticas internas e externas (que quase se confundem) desde o início, para entender as raízes nas quais assentam as atitudes e desejos da Rússia do século XXI, novamente na encruzilhada e à procura do seu sítio num mundo que se perspectiva multipolar e onde poderá, eventualmente, voltar a ocupar um lugar de destaque.

Nota: nesta tese utiliza-se o Times New Roman tamanho 12 no corpo de texto e tamanho 10 nas notas de rodapé, os parágrafos em duplo espaçamento e as notas de rodapé em espaçamento simples. O método de citação e referência bibliográfica seguido é a norma ISO 690. Excluindo Bibliografia e capas, a tese conta com 55.501 palavras.

I - Rússia – Formação e Império

1.1. – Os primórdios: a formação étnica, política e religiosa da Rússia

1.1.1. – Povo, Nação e Estado

Os termos “Povo”, “Nação” e “Estado” não significam a mesma coisa embora, por vezes, e sobretudo no caso do segundo e do terceiro, se usem como sinónimos. No nosso caso, e dada a relevância destas noções para os estudos identitários, utilizaremos os termos da seguinte forma: “povo” é um conjunto de habitantes submetido a um mesmo poder político, não constituindo necessariamente uma nação. A “Nação” é um grupo com interesses próprios que exige um poder político nascido do seu seio, que pode partilhar uma etnia, língua, religião, limites geográficos, e orgulhos e humilhações partilhadas historicamente. As nações podem por o acento tónico num ou noutro destes elementos mas parecem partilhar sempre um passado comum e o desejo e a vontade de realizar tarefas colectivas comuns agora e no futuro¹³. Quando falarmos de “Estado” referimo-nos ao Estado nacional soberano de modelo europeu que se define através de três condições de existência – povo, território e poder político¹⁴. Estes três termos tornam-se fundamentais na política apenas quando a Revolução Francesa de 1789 declara, um par de anos mais tarde, que “o princípio de toda a soberania reside essencialmente na Nação¹⁵.” A partir desse momento, a coincidência entre Nação e Estado se torna um princípio guia do legado político ocidental¹⁶. Mas naquele então a

¹³ MOREIRA, Adriano. Teoria das Relações Internacionais. 5ª Edição, Coimbra. Almedina, 2005. p 365.

¹⁴ MIRANDA, Jorge. Manual de Direito Constitucional, Tomo 1 – Preliminares. O Estado e os Sistemas Constitucionais. 6ª Edição. Coimbra. Coimbra Editora, 1997. p.44.

¹⁵ Artigo 3º da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1791.

¹⁶ MOREIRA, Adriano. op. cit., p.364.

ideia de Nação estava longe de se encontrar definida e portanto tinha de se dar uma resposta intelectual ao termo, e muitas destas respostas foram encontradas numa suposta base étnica e linguística. Assim, os Estados-Nação actuais de base étnica têm sido descritos como “comunidades imaginadas” criadas por intelectuais e políticos do século XIX, que transformaram tradições nacionalistas românticas, mais antigas, em programas políticos¹⁷. No entanto, e em primeiro lugar, o facto deste esforço ter sido assim realizado não significa que no passado não possa ter havido outras formas de inventar nações, simplesmente estas formas foram diferentes. Em segundo lugar, estas sociedades são reais e muito poderosas apesar do seu carácter imaginado uma vez que são em certo sentido fenómenos psicológicos. A criação desta ideologia nacionalista promoveu e promove ainda movimentos nacionalistas que se desenvolvem em três fases: primeiro, um pequeno grupo de intelectuais “iluminados” estuda a língua, a cultura e a história de um determinado povo, a seguir, estas ideias são propagadas por um grupo de “patriotas” que as divulgam na sociedade e finalmente o movimento nacional atinge o seu auge pelo apoio das massas. Como veremos mais adiante, este processo de formação de identidades não só forjou o nosso entendimento das nações no Ocidente mas também no Leste europeu, onde surgiu uma narrativa própria, não só para a Rússia, mas para muitos dos povos que se encontraram nalgum momento sob o seu domínio, embora o sentimento de pertença a um país só se tenha tornado o mais importante dos laços mais tarde. Tampouco existiam identidades nacionais comuns a unir as pessoas de classes altas e baixas, senhores e camponeses, formando uma comunidade de interesses profundamente sentida¹⁸. Existia sim, e não só na Rússia mas

¹⁷ Segundo o conceito de Benedict Anderson, exposto na sua obra “Imagined Communities. Reflections on the origin and Spread of Nationalism.” (1983)

¹⁸ GEARY, Patrick J. O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo. 1ª Edição. Lisboa. Gradiva, 2008. p.24-27.

no mundo inteiro, uma confusão de tribos, clãs, ducados, principados, reinos e outras unidades mais ou menos locais. Na verdade, só pouco a pouco os horizontes psicológicos se expandiram na medida em que o surgimento da indústria implicou o abandono do localismo e tornou-se integrador¹⁹. Como veremos mais à frente, esta será a situação da Ásia Central à chegada dos russos no século XIX. Tendo em contas estes princípios, podemos então começar a observar a narrativa histórica da Rússia através de três elementos fundamentais da sua identidade: a sua formação étnica, política e religiosa.

1.1.2. – Formação étnica

Etnicamente, os Russos pertencem ao grupo que veio a denominar-se desde o século VI, eslavo, e que por sua vez com o tempo se veio a dividir em três; eslavos orientais, ocidentais e meridionais; sendo os territórios russos povoados pelos orientais. Aparecem pela primeira vez sob essa denominação nas crónicas do historiador bizantino Procópio de Cesárea e no godo Jordanes que referem várias tribos que desde a segunda metade do século V tinham ocupado a zona compreendida entre o mar Negro e os rios Dnieper e Dniéster, provindos do vale do rio Vístula mais a norte. Segundo esta versão, é nesse século VI que se produz a ruptura e progressivamente, entre os séculos VII e IX, os eslavos de leste ou orientais estabelecem-se na Rússia²⁰. Devemos, no entanto, centrar este acontecimento com outro maior: o colapso do Império Romano de ocidente e a ocupação do mesmo pelas tribos bárbaras que tinham povoado o seu além-fronteiras, as quais se encontravam já há bastante tempo num processo de absorção da cultura romana. Uma vez que se encontravam integrados, o vazio deixado nas antigas fronteiras

¹⁹ TOFFLER, Alvin. *A Terceira Vaga*. 1ª Edição. Lisboa. Livros do Brasil, 2003. p.82.

²⁰ MUÑOZ-ALONSO, op.cit., p.20.

foi ocupado por novos povos, entre os quais se destacaram os Saxões, os Ávaros e precisamente os Eslavos. Aos olhos dos antigos bárbaros que já se encontravam em fusão com os romanos, estes “novos bárbaros” eram diferentes, eram os “outros” que eles tinham previamente sido. Esta caracterização é importante porque manter-se-á em muitos campos e em muitas mentalidades a ideia dos eslavos – sobretudo dos eslavos meridionais e de leste – serem parte dos “outros” e não do “nós” comum europeu. Mas a primeira ameaça para estes povos estabelecidos não veio dos eslavos mas sim dos Ávaros que eram uma confederação das estepes que, fugindo da expansão turca na Ásia Central, apareceu em 567 nos Cárpatos e entraram em contacto com o Império Bizantino. Conseguiram transformar vários povos num reino poliétnico que sobreviveu dois séculos e meio até ser derrotado por Carlos Magno após o qual desapareceram da história. Um dos povos que encontraram foi precisamente o Eslovo, que por sua vez tinha vindo a povoar as regiões orientais da Alemanha, assim como os Balcãs e uma extensa área situada entre o Báltico e o Mediterrâneo. O encontro por vezes significou a fuga e a consequente pressão exercida sobre o Império Bizantino, enquanto que outras vezes supôs alianças dirigidas contra os bárbaros romanizados e o mesmo Império. No entanto, o que caracterizava os eslavos não era a sua simples capacidade guerreira, mas o facto de chegarem às terras que ocupavam como agricultores de pequena escala conjuntados em unidades sociais pequenas com organização individual. Eram colonizadores, o que tornava a sua presença duradoura, integravam as populações indígenas nas suas estruturas linguísticas e sociais, e não estavam coordenados nem centralizados. São estas as características que levam a que as regiões por eles ocupadas se tornem enraizadamente eslavizadas após a desapareição dos Ávaros. E também são estas as características que levaram a que se formassem três ramos de eslavos que à medida que se iam distanciando iam ganhando identidades próprias e diferenciadas.

Finalmente, cabe destacar que as migrações eslavas não adoptaram nem os sistemas de impostos nem a agricultura, a organização social ou a administração política dos Romanos, nem se fundamentaram nela. As suas origens e métodos continuam a ser em grande parte desconhecidos mas os efeitos foram mais profundos que os conseguidos por outros povos como Godos ou Francos²¹. Aliás, os seus efeitos são de tal modo duradouros que ainda no início do século XX a principal instituição rural é a comuna agrária das aldeias, organismo responsável da justiça e da equidade económica e social, cujo funcionamento era colectivo e bastante igualitário²². Esta mesma é ainda inspiração para os futuros soviets da revolução de Outubro. Destacamos disto duas ideias que convém não esquecer resultantes deste processo e com efeitos até os nossos dias: a Europa ocidental começou a desenvolver a sua identidade tendo como inimigo unificador os povos “outros”, entre os quais alguns pretendem situar uma parte ou a totalidade dos eslavos – em parte pela sua não absorção na cultura romana – e as grandes migrações vindas de leste a partir de então foram para sempre objecto de grande temor, embora se encontrem na mesma génese da Europa ocidental construída nos séculos anteriores.

Para além dos três ramos de eslavos que se foram autonomizando ao longo dos séculos, viria também a surgir uma divisão nos eslavos orientais que formariam posteriormente aquilo que chamamos “russos”. Os *Rus* em si entram na história ocidental na segunda metade do século IX como veremos mais à frente, originalmente unificados no principado de Kiev, e misturados com escandinavos que participaram na fundação do mesmo, sendo seus membros rapidamente absorvidos, embora a futura

²¹ GEARY, Patrick J. op. cit., p.147.

²² SERVICE, Robert. Historia de Rusia en el siglo XX. 1ª Edição. Barcelona. Editorial Critica, 2010. p.27.

nobreza boiarda se reconheça a si própria em parte como herdeira dos mesmos²³. Já por volta do ano 940 existem firmes evidências da sua existência organizada e possuidora de uma autoridade capaz de se posicionar diplomaticamente a favor ou em contra de outros povos através de alianças comerciais ou militares²⁴. Em 1240 os mongóis derrotaram completamente o principado de Kiev e todos os outros seus subsidiários, que passaram ao seu controlo directo. Só com as lutas pela independência levadas a cabo pelo Principado de Moscovia é que se tentará uma unificação de todos os Russos, mas a antiga etnia russa já se encontrava dividida, facto que se torna cada vez mais claro no século XIV durante o qual encontramos três grupos distintos cujo particularismo cultural e linguístico será cada vez mais patente. No Norte, de Novgorod ao Ural encontra-se o grupo dominante, os Grão-Russos; produto de mistura com outros povos, sobretudo finlandeses Vikings. Em oposição a eles e aos seus planos de construir uma “Grande Rússia” (*Velikaia Rus*), o clero de Constantinopla introduz a noção de “Pequena Rússia” (*Malaia Rus*) que muito depressa passará a chamar-se Ucrânia (*Ukrajina*) significando “terra de fronteira.” Esta terra é a que se encontrará sob controlo directo dos mongóis e será posteriormente disputada por polacos e lituanos. Na mesma altura aparece também a noção da “Rússia Branca” (*Bielaia Rus*) que designa as terras situadas no oeste, cujos habitantes, convertidos em súbditos lituanos, ocupam as regiões de Pripet e a bacia do Dvina ocidental. Pouco a pouco cada um destes grupos foi desenvolvendo os seus particularismos nacionais e religiosos, afirmando a sua própria identidade. Assim, podemos falar da existência de três Rússias diferentes surgidas de uma matriz comum que a história tem vindo ora a unir, ora a separar²⁵. No entanto,

²³ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.20-21.

²⁴ The Cambridge History of Russia, Volume I – From Early Rus to 1689. Edited by Maureen Perry. Cambridge University Press, 2006. p.57.

²⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.39.

estas diferenças, apesar de existirem, só se tornarão importantes no século XIX e XX. O próprio Lénine condenaria o orgulho nacional Grão-Russo dando-nos assim uma prova irrefutável da sua existência nas discussões intelectuais do seu tempo.²⁶ Por outro lado, é também verdade que muito do discurso das três Rússias foi uma criação da elite intelectual e semi-intelectual, sendo o caso mais flagrante a Bielorrússia onde a consciência nacional do povo predominantemente camponês era rudimentar e cuja existência independente foi criada sob protecção alemã durante a I Guerra Mundial e só durou o tempo que eles lá permaneceram²⁷.

1.1.3. – Formação política

Politicamente, não é difícil situar o começo da civilização russa em Kiev, na primeira *Rus* consolidada que será poucos séculos depois destruída pela invasão mongol do século XIII. Antes, o vasto território da actual Ucrânia e Rússia europeia era habitado por tribos e povos diversos que se dedicavam à agricultura e ao comércio entre o Báltico com o Mar Negro e Mediterrâneo. A imagem de isolamento e marginalidade que costuma atribuir-se àquelas paragens não corresponde à realidade; por aí se davam grandes contactos entre a Europa do Norte, Bizâncio, o mundo árabe e Ásia Central²⁸. Maioritariamente povoado por eslavos, estes não constituíam um Estado e durante muito tempo viveram sob o domínio de diferentes impérios nómadas que foram desaparecendo um após outro²⁹. Nas suas características agrícolas e comerciais, é

²⁶ Escreve a dada altura: “Estamos penetrados pelo sentimento de orgulho nacional, e precisamente por isso odiamos particularmente o nosso passado de escravos (...)” Neste caso, refere-se à escravatura em relação à classe dominante. LÉNINE, V.I. *Acerca do orgulho nacional dos Grão-Russos*. Em: LÉNINE, V.I. *Obras Escolhidas em três tomos*. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.566.

²⁷ KENEZ, Peter. *op.cit.*, p.82.

²⁸ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. *op. cit.*, p.17-18.

²⁹ KENEZ, Peter. *op. cit.*, p.12.

naturalmente decisiva a geografia da região. Destacam os grandes rios que servem como vias de transporte: o Dnieper, o Dniester, o Dvina e o Volga. Uma segunda característica geográfica é decisiva para a futura construção política que é a existência de duas grandes zonas: uma de enormes bosques no norte e outra de grandes estepes no sul. Só os rios permitem acesso à primeira, a segunda é uma porta aberta às invasões vindas da Ásia. Assim, o nascimento das primeiras comunidades políticas russas girará à volta dos rios, primeiro consolidando-se no território mais aberto, e após a sua invasão, deslocando-se para a zona mais protegida dos bosques.³⁰ Fora da pequena comunidade de comerciantes, a vasta maioria do povo dedicar-se-á à agricultura numa área tão vasta e variada que necessariamente se desenvolverão diferentes técnicas para garantir a sobrevivência³¹. Esta característica contribuirá para as dificuldades iniciais de criar uma autoridade de governo mais ou menos central. Diz-se que a Rússia sempre foi autocrática mas, historicamente, tudo parece indicar que nos seus inícios eram essencialmente um povo desorganizado ao ponto de não terem formado o seu próprio Estado sozinhos, mas apenas com ajuda dos Vikings que chegaram da Escandinávia durante o século IX³². Ao longo deste século e do seguinte, estes misturaram-se com os eslavos até serem absorvidos, deixando a sua marca nos caracteres físicos e na toponímia dos russos do norte, ou Grão-Russos. É também durante este período que os *Rus* começam a ser considerados na historiografia, pois a sua presença é testemunhada por fontes numerosas e as suas acções começam a impactar a vida de outros povos. No ano de 860 chegam mesmo a atacar Constantinopla. Relatam as crónicas que no ano de 856 surge a primeira entidade política russa em Novgorod fundada pelo escandinavo

³⁰ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.18-19.

³¹ The Cambridge History of Russia, Volume I. op. cit., p.21.

³² KENEZ, Peter. op. cit., p.12.

Rurik, sendo que o seu sucessor Oleg conquistaria em 882 a pequena cidade de Kiev, fundada, segundo o mito, por três irmãos – Kii, Scek e Choriv – no ano de 482. Com esta conquista, ambos os principados ficam unificados e Kiev torna-se a “mãe das cidades russas” e centro do Estado que controla a maior parte da comunicação fluvial entre o Báltico e o Mar Negro. Esta *Rus* é portanto uma criação eslavo-escandinava na qual, como já se disse, depressa o elemento eslavo absorve o escandinavo não sem deixar uma dinastia nobre, os boiardos, que se considera em parte herdeira destes. Nestas condições, a *Rus* de Kiev adquire personalidade política internacional no ano de 911 quando assina o seu primeiro tratado com o Império Bizantino³³. Previamente no entanto já tinham adquirido o direito de comerciar com ele mesmo dentro da própria cidade na qual podiam penetrar em grupos de cinquenta e por apenas uma porta³⁴. Ao longo da sua existência, o Principado depara-se com três questões que a partir de então se tornarão persistentes ao longo da história russa: as dificuldades internas na sucessão dinástica; o desejo expansionista; e a preocupação de defender o território das sucessivas invasões vindas sobretudo do sul e do leste.

Serão precisamente estas questões as que levarão ao fim deste primeiro Principado. As questões sucessórias mal resolvidas começam a levar a uma divisão territorial cada vez maior na qual cada Cidade-Estado vai deixando de reconhecer a primazia de Kiev. O pólo do poder começa a deslocar-se das estepes aos bosques nos quais o Principado de Vladimir-Suzdal ganha protagonismo. São várias as razões, mas não podemos excluir as razões defensivas entre as mais importantes. A invasão mongol concluída em 1240 apenas põe fim a uma espiral decadente que já tinha começado com

³³ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.19-21.

³⁴ The Cambridge History of Russia, Volume I. op. cit., p.55.

anterioridade³⁵. Esta mudança geográfica do pólo de poder viria a tornar-se definitiva no futuro com o surgimento de Moscovia, mas significa mais do que isso, é também uma mudança profunda na história da Eurásia. Após 250 anos de ocupação mongol, o que irá surgir não será já uma só unidade política mas três: as regiões do Sudeste viriam a ser dominadas por Lituanos e Polacos, o Noroeste viria a ser dominado por uma Novgorod que manteve o legado político de Kiev até a sua conquista por Moscovo, e esta mesma a dominar o Nordeste. Para além desta divisão, a emergente Moscovo viria a tornar-se politicamente o oposto dialéctico do antigo Estado de Kiev; se este era governado por uma assembleia da cidade em que participavam todos os chefes de família, limitando o poder do príncipe, em Moscovia não existirá nenhuma limitação por parte dos boiardos ao seu príncipe. Assim, o pequeno legado democrático de Kiev não voltará a surgir no novo Estado russo³⁶.

Para além desta divisão e mudança no poder, a invasão mongol também terá efeitos duradouros na imagem que a Rússia passará a ter da Ásia e da China. Para eles, este continente constitui uma fonte de ameaça e insegurança. Uma vez que os mongóis em pouco contribuíram na vida dos seus súbditos, semeando apenas destruição e sentimentos de humilhação, são também os representantes do barbarismo, do atraso social e do perigo³⁷. Nem toda a gente concordará com esta definição mas será sem dúvida maioritária ao longo dos séculos. Não será porém, esta a única invasão dos territórios russos com grande impacto, a outras serão as protagonizadas pelos Suecos, em constante conflito com os russos do norte pelo controlo da Finlândia e Carélia –

³⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit p.26-27.

³⁶ KENEZ, Peter. op. cit., p.13.

³⁷ LO, Bobo. **A fine balance - The strange case of Sino-Russian relations.** *Russie.CEI.Visions, IFRI*, Abril 2005, no.1. p.3.
Disponível online: www.ifri.org/downloads/boboloanglais.pdf.

derrotados na margem do rio Neva – e a protagonizada pelos Cavaleiros Teutónicos, derrotados por sua vez no lago Peipus em 1242, ambos por Aleksander Nevski. A importância destas invasões é imensa, pois criam na elite russa um forte sentimento de repulsa pelo ocidente, pois ao contrário dos mongóis que apesar das conquistas não alteram substancialmente as instituições de poder nem as tradições sociais e religiosas do povo, os ocidentais ou “latinos” chegam com a intenção de converter as populações ao catolicismo e subverter o poder político. Assim, as elites políticas e religiosas decidem colaborar com os mongóis, mais tolerantes, e combater os ocidentais. Por seu lado, o povo manteve uma surda resistência frente aos mongóis. Desta resistência vai emergindo o que podemos chamar de “consciência nacional russa,” consciência esta fortemente ligada à cristandade ortodoxa³⁸. Notamos nestas atitudes também outra característica estável na existência da Rússia: as elites e o povo raramente se encontram em sintonia.

1.1.4. – Formação religiosa

Chegados a este ponto impõe-se falar do terceiro grande elemento da identidade, pois não é possível ignorar que a forma de relacionamento com a transcendência contribui definitivamente à cultura de um povo: a religião³⁹, a qual foi-se desenvolvendo paralelamente com a formação política. Os eslavos eram pagãos e adoravam uma série de deuses dentre os quais destacava Perún, deus do trovão e dos relâmpagos, da guerra e do fogo. O seu culto é mencionado na Crónica Primeira de Rus, e sabemos que pelo menos até o ano mil, as elites ainda o adoravam. No entanto, o contacto com outras culturas foi lentamente introduzindo mudanças na cultura religiosa

³⁸ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.30-32.

³⁹ MOREIRA, Adriano. Religiões e Poder Político. No seu: MOREIRA, Adriano e RAMALHO, Pinto (coord.) Estratégia. Volume XVII. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica. 2008. p.9.

dos eslavos e o relacionamento cada vez maior com Bizâncio foi introduzindo com mais força o Cristianismo. Entre o ano 955 e 957 a princesa Olga, regente de Kiev converte-se oficialmente, acompanhando desta forma a muitos súbditos que já se tinham convertido. No entanto, a conversão “oficial” do Principado dá-se em 988 quando Vladimir I se converte e desposa uma princesa bizantina. Este, antes de se converter, encomenda a uma “comissão de investigação” que estude as principais religiões monoteístas, sendo o cristianismo confirmado⁴⁰. Assim, Kiev colocou-se sob a influência do país mais civilizado da Europa, recebendo missionários gregos que introduziram material religioso traduzido a um alfabeto adaptado à língua eslava. Este acesso imediato a um importante conjunto de obras escritas permitia um rápido desenvolvimento cultural⁴¹. No entanto, este mesmo alfabeto viria a afastar a Rússia da igreja de Bizâncio e das ocidentais, uma vez que estas utilizavam respectivamente o grego e o latim⁴². Este afastamento contribuiu não só a alimentar a ideia dos Russos serem os “outros” como que, mais gravemente, privou os eruditos de conhecerem através do grego e do latim a grande cultura da Antiguidade, ficando assim no futuro fora da Renascença. Excluídos culturalmente, o seu mundo intelectual permaneceu muito tempo circunscrito ao material que por acaso era traduzido à sua língua. Até o século XVII, a cultura desenvolvida em Rússia era essencialmente religiosa⁴³.

A Rus de Kiev ficou portanto ligada a Bizâncio e em 1054 quando se produz o grande cisma a Igreja Russa seguirá sem duvidar a estes, tornando-se assim ortodoxos. A partir deste momento, a Igreja torna-se cada vez mais num dos pilares da ordem

⁴⁰ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.24.

⁴¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.16.

⁴² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.24.

⁴³ KENEZ, Peter. op. cit., p.16-17.

keviana⁴⁴. Esta ligação manter-se-á até a queda de Constantinopla em 1453, evento a partir do qual se escolhera o primeiro “metropolita de todas as Rus” em 1461⁴⁵. Como já se disse, a decadência da Rus deslocou o pólo de poder para o Norte e a invasão mongol acabou definitivamente com o que restava dela, mas a igreja não mais perderia a influência e a importância na construção identitária. Por um lado, a cúpula religiosa cooperou com os mongóis garantindo assim a sua sobrevivência, por outro, o povo usou a religião como resistência contra a conquista. Sob o domínio mongol vão florescendo novas cidades que começam a rivalizar entre si em importância e de todas elas emergiria Moscovo vitoriosa. Uma das razões pelas quais isto acontece é porque o metropolita Pedro translada a sua residência de Vladimir para lá e antes de morrer proclama, dirigindo-se a Ivan I (1325-40), uma das profecias mais importantes da história russa:

“Deus benzer-te-á e colocar-te-á mais alto que todos os Príncipes; e estenderá a glória desta cidade mais do que nenhuma outra; a tua descendência conservará este lugar pelos séculos dos séculos e a mão do altíssimo abater-se-á sob os vossos inimigos.”

Desta forma, a Igreja compromete-se com a nova dinastia e designa à nascente Rússia uma missão imperial. É também este momento o germe da tese de Moscovo como “Terceira Roma”⁴⁶, base do imperialismo e da ideia “messiânica” russa, uma espécie de destino manifesto que regressará no futuro sob variadas formas⁴⁷. Assim, a Rússia encontra – com base em Moscovo – um vínculo religioso muito antes de possuir

⁴⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.24-25.

⁴⁵ The Cambridge History of Russia, Volume I. op. cit., p.338.

⁴⁶ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit. p.34.

⁴⁷ LEQUER, Walter. op. cit., p.1.

homogeneidade política e económica, vínculo reforçado pela missão universal liderada pelos príncipes moscovitas⁴⁸.

É Moscovo um fenómeno político construído fortemente sobre um fenómeno religioso, e ambos entrelaçaram-se até serem indivisíveis. O mundo ocidental contou na sua formação com uma igreja forte e separada do poder político que contribuiu para o desígnio de que existe uma área pertencente a Deus e outra a César⁴⁹. Moscovo, por sua vez seguiu o modelo bizantino no qual não existia concorrência entre as autoridades secular e religiosa; o imperador era o chefe da igreja. Este cesaropapismo permitiu o surgimento de outro dos pilares fundamentais da futura Rússia: o governo autocrático, reforçado ainda mais pela quase inexistente oposição exercida pelos nobres que não governavam mas em troca obtiveram, na medida em que perdiam poder político, a instituição social mais relevante da história russa: a servidão⁵⁰.

1.1.5. – A hegemonia moscovita

A hegemonia moscovita deu-se portanto primeiro no plano espiritual, mas este plano foi rapidamente reforçado fisicamente com a criação de uma vasta rede de mosteiros no século XIV que permitem projectar o poder moscovita e começar a unificar os povos ao seu redor. Estes mosteiros ajudam no desenvolvimento da agricultura local e sobretudo, começam a produzir e reforçar as ideias anteriormente expostas até formar aquilo que podemos designar “ideologia moscovita” que consiste politicamente em reunificar as três Rússias, e religiosamente em tornar Moscovo – perante a iminente queda de Constantinopla – no centro da Cristandade, mais

⁴⁸ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.35.

⁴⁹ MOREIRA, Adriano. Religiões, op.cit., p.9.

⁵⁰ KENEZ, Peter. op. cit., p.14-15.

concretamente, da Cristandade ortodoxa, coroação máxima da história sagrada, tornando-a assim na “Terceira Roma.”⁵¹

A hegemonia política Moscovita torna-se efectiva quando Dmitri Donskói derrota os tártaros que se encontravam num processo de franca decadência. A vitória deste não é definitiva mas marca um princípio de independência que se vê imediatamente ameaçada pela crescente ameaça lituana vinda de ocidente, com a qual a Rússia entrará em constantes combates ao longo dos séculos seguintes. Mas Moscovo consegue consolidar-se e expandir-se até mais do que triplicar o seu território. A anexação de Novgorod culmina o processo⁵² que se vê reforçado pela queda de Constantinopla nas mãos dos Turcos em 1453, marcando a definitiva independência da Igreja Russa⁵³. Ivan III torna-se o primeiro Príncipe a denominar-se a si próprio Czar, e este título é reconhecido em 1512 pelo Imperador Maximiliano I de Habsburgo na figura de Vasilii III⁵⁴. Nasce assim o regime autocrático denominado Czarismo e com ele a águia bicéfala como símbolo da Rússia.

A Rússia emerge na história como um Estado formado por uma etnia eslava de leste dividida em três Rússias as quais pretende unificar politicamente sob a égide de Moscovo, cuja ideologia messiânica foi fornecida por uma igreja ortodoxa independente que vê nesta cidade a Terceira Roma e é chamada a expandir-se em nome da verdadeira Cristandade. Para isso, política e religião trabalham em conjunto sob a autoridade do Czar cujo poder autocrático é inquestionável. Os nobres não governam; em troca

⁵¹ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.37-38.

⁵² Ibidem. p.42.

⁵³ KENEZ, Peter. op. cit., p.16.

⁵⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.45.

dominam as terras e progressivamente irão construindo um regime de servidão que retirará a liberdade aos servos e não permitirá o desenvolvimento de uma ideia de propriedade privada que, aliás, nunca tivera raízes nem organizações do tipo romano. Por este motivo, elites e povo desenvolver-se-ão quase sem contacto entre eles não formando assim uma consciência colectiva, fenómeno que, com o crescimento do império no futuro criará dificuldades na formação da identidade, sobretudo com a entrada de povos etnicamente diferentes. Desenvolve-se também um sentimento de insegurança, uma vez que a Rússia se sente rodeada de inimigos. Pelo leste, os Khanatos resultantes da desagregação dos mongóis continuam a resultar ameaçadores, pelo sul, forças islâmicas avançam e no ocidente os “latinos” pretendem invadir os territórios russos a todo momento. As elites receosas desejam muitas vezes afastar-se dos outros, e mesmo quando pretendem aproximar-se, a religião e a língua impõem barreiras difíceis de ultrapassar. A Rússia está a transformar-se num Império de dimensões formidáveis, mas começa a levantar na Europa ocidental grandes receios. Começa a surgir uma *russofobia* que será uma constante na história europeia⁵⁵.

⁵⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.46.

1.2. – Os caminhos da Rússia: A Russificação, Ocidentalização e Asiatização

1.2.1. – Geografia e Império

A Rússia hoje, com os seus mais de 17.000 quilómetros quadrados continua a ser o País mais extenso em superfície do mundo. Este tamanho é parte íntegra da sua definição pois é impossível compreender a Rússia sem compreender a sua geografia. Apenas a Grã-Bretanha, com as suas colónias ultramarinas possuiu um Império maior, mas os Britânicos podiam perder a Índia sem serem por isso invadidos, enquanto que a Rússia, dada a sua característica de império terrestre, se encontra sempre em risco. A sua enormidade é mais um problema do que uma vantagem⁵⁶. Como se explicou anteriormente, os territórios tradicionalmente russos encontravam-se divididos em zonas de bosques e zonas de grandes estepes, sendo a segunda muito propensa a ataques. Assim, a expansão para além da política de “reunificação da terra russa” foi planeada como uma exigência defensiva e estratégica; trata-se de um “imperialismo defensivo.”⁵⁷ A consequência foi a formação de um Estado multiétnico no qual o Czar passa a ser o líder autocrático de súbditos muito diferentes entre si, com as consequências que daí advêm à formação de uma identidade comum. A geografia não só definiu a necessidade de um imperialismo defensivo; condicionou também a formação política da entidade, tornando-a progressivamente centralizadora e autoritária. A Europa ocidental é dividida por rios amplos, montanhas altas e grandes vales. Esta topografia produziu muitas fronteiras naturais e estimulou a existência de comunidades políticas de dimensões variadas que concorriam entre si, o que a longo prazo ajudou o ocidente europeu a adquirir muitas competências na obtenção de riqueza e na guerra. Por seu lado, o continente asiático é composto por vastos terrenos planos; as estepes na Rússia e as

⁵⁶ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.25.

⁵⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.56

planícies na China. Estas condições favoreceram o aparecimento de impérios vastos e centralizados de longa duração⁵⁸. Desta forma os Russos tomaram o lugar de outros grandes impérios que tinham tentado controlar a rota da seda, agora em decadência com a abertura de rotas marítimas⁵⁹. Apesar da sua formidável expansão, a Rússia depara-se com inimigos a sul, a leste e a ocidente que lhe travam o caminho, mas a sua vocação imperial é patente e a Sibéria oferece uma saída às suas aspirações expansionistas, aspirações que a tornarão numa potência euro-asiática num tempo excepcionalmente breve⁶⁰. Moscovia, forjada nas lutas de expulsão dos invasores, encontra nelas a sua identidade, apoiada na autoridade política e religiosa⁶¹. Desta forma, a elite sente que se encontra em permanente insegurança e isolamento. Para isto também contribui o facto de a Rússia imperial conformar um grande conglomerado de periferias, ou dito de outra maneira, uma “Poliperiferia” ou seja, um Estado construído sob um conglomerado de periferias geográficas e culturais, incluindo a periferia da cultura europeia, mediterrânea, islâmica, budista, mongólica, chinesa e outras. Os povos que a habitam são eles também periféricos, étnica e linguisticamente, pois os centros culturais aos quais pertencem encontram-se todos fora do seu território.⁶² É neste contexto geográfico, político e social que começam a surgir diversas correntes de interpretação do significado de ser-se russo e de como devem desenvolver-se e lidar com os outros. Por um lado, parte da elite considera que a Rússia, com o seu tipo de governo,

⁵⁸ ZAKARIA, Fareed. *O Mundo Pós-Americano*. 1ª Edição. Lisboa. Gradiva, 2008. p.67-68.

⁵⁹ HIRO, Dilip. *Inside Central Asia: A Political and Cultural History of Uzbekistan, Turkmenistan, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkey and Iran*. Ed. The Overlook Press. p.20.

⁶⁰ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.76.

⁶¹ Ibidem. p.78.

⁶² MEDVEDEV, Sergei. **A General Theory of Russian Space: A Gay Science and a Rigorous Science. Alternatives: Global, Local, Political**. Oct. – Dec. 1997, Vol. 22, No. 4, p.524.
Disponível online: <http://www.jstor.org/stable/40645009>

propriedade, religião e tradições, e também pela distância em relação às grandes capitais europeias, é um Estado único sem equivalente que deve proteger-se da influência e da agressão dos outros. A esta linha de pensamento podemos chamar “russificação”. Por outro lado, outros consideram que a Rússia, nascida na Europa oriental e herdeira de Bizâncio, protectora da religião cristã verdadeira e etnicamente similar, deve integrar-se plenamente na Europa e no seu sistema de relações internacionais. A este pensamento soma-se o surgimento da ideia de que ocidentalizar e modernizar é a mesma coisa e algo necessário para superar o atraso em relação às potências ocidentais⁶³. Podemos chamar a esta linha de pensamento “ocidentalização”. Finalmente, devido ao posicionamento geográfico, às invasões mongóis que influenciaram a formação política do Estado, e à expansão a Leste, há quem defenda uma linha de pensamento que podemos denominar “asiatização”. Estas linhas não são discutidas apenas no interior da Rússia, também na Europa ocidental discute-se a natureza da Rússia. Uns vêem o país como parte integrante do continente apesar da sua dimensão asiática mas a maior parte prefere vê-los como aos “outros”, exteriores ao continente e uma potencial ameaça. Estas linhas de pensamento não são estáticas, e combinam-se muitas vezes entre si criando híbridos conforme as épocas e os interesses do momento.

1.2.2. – A Russificação

A russificação consiste essencialmente na ideia de que a Rússia é diferente das outras nações, uma civilização por si própria, com um destino manifesto alicerçado na ideologia moscovita; imperialista, autocrata e ortodoxa. Esta noção vai emergindo desde o início da história da Rússia não só por questões de distância geográfica mas também pela distância cultural provocada pela aceitação da ortodoxia e do alfabeto próprio. Se é

⁶³ ZAKARIA, Fareed. op. cit., p.87.

verdade que quando alinhou com Bizâncio, a Rússia beneficiava da influência do Estado mais avançado da Europa, os acontecimentos seguintes provocariam o seu afastamento. Culturalmente; o alfabeto privou as elites do conhecimento do latim e do grego; politicamente as invasões mongóis forçaram modelos de organização política e as ocidentais provocaram repulsa e sentimentos de insegurança. Assim, quando Moscovia começou o seu processo de expansão, inevitavelmente começou também um debate de identidade; ao ver-se confrontado com a opção de empreender uma guerra contra os “alemães” ou contra os muçulmanos⁶⁴. Sob a égide de Ivan IV “O Terrível”, empreende-se a guerra tanto defensiva como ofensiva contra ambos. Mas é a sua política interna repressiva (a chamada *Opritchnina* que quase quatrocentos anos depois seduziria Estaline) que mais contribui para o processo de Russificação, pois na Europa ocidental os russófilos confirmam a ideia de que a Rússia é um país diferente com o qual é impossível chegar a acordo. Esta visão tão negativa torna a acção diplomática russa completamente ineficaz e não a permite sair do seu tradicional isolamento⁶⁵. Durante os próximos quatrocentos anos, a Rússia debater-se-á com as suas duas entidades, uma ocidental e outra oriental.⁶⁶

Mas a russificação só ganha pleno sentido com a expansão do império sob a dinastia Romanov que emerge vitoriosa após os tempos turbulentos que se seguiram à morte de Ivan, deixando o reino arruinado. O seu primeiro Czar será Mikhail Romanov eleito em 1613, e o último, Nicolau II, governará até 1917. Durante esses trezentos anos a Dinastia expandir-se-á até formar o segundo maior império de todos os tempos,

⁶⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.76

⁶⁵ Ibidem. p.66.

⁶⁶ ZAKARIA, Fareed. op. cit., p.87.

habitado em 1897 por 122.666.000 habitantes divididos em 73,52% de Eslavos (Russos, Ucrânianos, Polacos e Bielorrussos) e 26,48% de não eslavos (entre os quais destacam as minorias dos turcos, judeus, finlandeses, bálticos, alemães, georgianos, armênios entre muitas outras.) Do ponto de vista religioso, existe cerca de 80% de povos de tradição cristã, 13% de muçulmanos e 4% de judeus⁶⁷. Quanto à política das nacionalidades, diferentemente do que aconteceu com outros processos colonizadores, nem o Estado russo nem os seus colonos tentaram deslocar ou eliminar os povos indígenas conquistados, não se aplicavam políticas racistas e os matrimónios inter-raciais eram habituais. O resultado foi que o Estado teve de se acomodar às tradições culturais e políticas das diversas zonas do império. Não existia uma política única homogeneizada. Com Nicolau I, na segunda metade do século XIX, isto começou a mudar. Os levantamentos populares noutras partes do Império – nomeadamente na Polónia, onde existia previamente um sentimento nacional forte e a memória de um Estado independente – levaram à posta em prática de uma nova orientação que hoje podemos chamar “russificação”. A partir desse momento, impõe-se a língua russa e a religião ortodoxa, embora o processo se mantenha difuso e afecte sobretudo as elites⁶⁸.

As elites são fundamentais na Rússia pois o sistema político desenvolve-se através de um sistema de autocracia e servidão. Ambos processos surgem da estrutura social. A autocracia é consequência da inexistência de uma força social capaz de limitar o poder arbitrário do príncipe. A nobreza russa não era tão forte como a restante nobreza europeia; nunca tentou sequer defender os seus interesses de classe. Como consequência, o país não era governado pela nobreza, mas antes por uma burocracia

⁶⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.418.

⁶⁸ Ibidem. p.297-298.

socialmente heterogénea, e aos poucos perdeu influência no exército e na administração⁶⁹. Em consequência, a partir de 1764 a propriedade de toda a terra atribuiu-se à nobreza e junto com ela, os seus trabalhadores, que não as podiam abandonar. Enquanto que na Europa Ocidental começava a superar-se a sociedade dividida em estamentos e iniciava-se o caminho para uma maior igualdade entre classes, a Rússia dava passos na direcção contrária⁷⁰. Em troca de não participar na vida política, a nobreza ganhou direitos ilimitados sobre os servos⁷¹. A vida dos servos manteve-se praticamente inalterada, e os laços de união entre o campo e a cidade ajudavam a conservar as ideias tradicionais. apoiadas sobretudo na ortodoxia. Neste sentido, os servos das terras tradicionais russas encontravam-se mais ou menos russificados, mas a sua consciência nacional apenas se encontrava parcialmente desenvolvida, tendo as tradições e lealdades locais maior importância. Apenas as grandes guerras pareciam despertar sentimentos patrióticos entre os camponeses⁷². Desta forma, os servos russos e os não russos poucas vezes se misturavam e quando o faziam não se fomentava uma russificação pelo exemplo, sendo mais habitual o processo contrário. Por seu lado, a nobreza foi travando cada vez maior conhecimento com as ideias, costumes e arte ocidentais, e adquiriu um gosto por objectos estrangeiros e um estilo de vida ocidentalizado. Esta minoria começou a viver num mundo muito diferente do da vasta maioria do povo e a homogeneidade cultural foi quebrada. No século XIX a grande sofisticação intelectual nos domínios da arte e da ciência passou a coexistir com uma cultura camponesa tradicional, rica mas estática, e com o

⁶⁹ KENEZ, Peter. op. cit., p.14.

⁷⁰ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.206.

⁷¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.16.

⁷² SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.31.

analfabetismo⁷³. O grande detonador da russificação é, como já se referiu, a insurreição polaca de 1830, organizada pelas elites da Polónia, apoiada pela sua Dieta e pelos seus generais, com amplo apoio popular. Uma vez esmagada, Nicolau I retira ao Reino de Polónia todos os seus privilégios e liberdades, e muitas instituições académicas são encerradas, o que obrigará aos jovens oficiais continuar os seus estudos em Kiev ou São Petersburgo. Assim, o âmbito cultural polaco é muito restringido, o seu corpo legislativo é abolido e no campo religioso começa a perseguir-se a igreja polaca⁷⁴. Se até então o Império só pretendia dos seus súbditos um mínimo de lealdade e se respeitavam as organizações políticas e sociais não só polacas mas também bálticas e finlandesas, a partir de agora as coisas iam mudar. Nicolau I decide-se pela máxima homogeneização possível do Império, mas ao tentá-lo agrava o problema, uma vez que povos até então relativamente russificados como a Ucrânia começam a desenvolver uma consciência nacional que continuará a crescer até ganhar maturidade nos inícios do século XX, e algumas minorias como a judaica passarão a ser menos toleradas⁷⁵. O modelo integrador do Império entra em falência e as minorias começam a questionar a autoridade do Czar que, cada vez mais começa a pensar em termos étnicos. É nesta altura que se generaliza a utilização de duas palavras diferenciadas para reflectir a realidade russa: os termos *Russkie* e *Rossiyane*. O primeiro refere-se ao Russo que o é por etnia, enquanto que o segundo se refere ao conjunto da população do Império independentemente da sua nacionalidade⁷⁶. Os termos continuarão a ser importantes durante alguns períodos da URSS e sobretudo na altura do colapso e surgimento de uma Federação Russa por sua vez também multiétnica. Pela própria natureza dos termos, a

⁷³ KENEZ, Peter. op. cit., p.17.

⁷⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.294.

⁷⁵ Ibidem. p.298.

⁷⁶ SERVICE, Robert. op. cit., p.473.

primeira palavra é exclusiva e a segunda inclusiva, com toda a carga política que daí advém, reflectindo na perfeição o grande dilema russo da integração ou exclusão tanto no seu interior como na sua política externa.

O processo de Russificação atinge o auge no reinado de Nicolau II que faz do lema “ortodoxia, autocracia e nacionalidade” o seu *leitmotiv*. Durante a sua governação reafirmou o princípio autocrático, consolidou a ortodoxia na sua condição de guardião e autoridade máxima da Igreja e não teve nenhum tipo de consideração para com as diferenças religiosas, étnicas e linguísticas do império multinacional. Especialmente dura foi a política de defesa da ortodoxia que levou à perseguição das outras religiões e seitas. Uma pequena parte das elites representadas pelo ministro de Finanças Sergei Witte contestou esta política, realçando que “perto de 35 por cento da população são estrangeiros e os mesmos russos dividem-se em Grão-Russos, Pequenos Russos e Bielorrussos” e nenhuma política pode ignorar estas particularidades. Na sua opinião, todos deviam ser russos e não só os “verdadeiros russos”, ou seja, aqueles que falavam russo e eram ortodoxos⁷⁷. Estas tentativas de mudar a política do Czar falharam e levaram a uma política de repressão que apenas contribuiu para o estalar de mais violência – tanto esporádica como organizada – mais conflitos étnicos e nacionalistas e em última instância condenaram o regime ao desaparecimento poucos anos depois, pois quando se torna uma necessidade autorizar a criação de uma Duma que representasse o povo, as nacionalidades não russas, e especialmente os povos da Ásia Central, serão progressivamente proibidos de ter representação, situação que contribuirá fortemente para o surgimento de novos nacionalismos e a reaparição em força dos mais antigos⁷⁸.

⁷⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.380-381.

⁷⁸ Ibidem. p.419-420.

Assim, na altura em que o regime czarista agoniza, a russificação atinge o seu auge e fracassa nos seus propósitos de uniformizar o Império. É visível que as questões que dividiam as elites – Russificação, ou as alternativas que veremos a seguir – não coincidiam com os interesses do povo que, antes da I Guerra Mundial não eram demasiado nacionalistas nem o seriam logo a seguir a ela. A sua preocupação tinha mais a ver com a vida quotidiana – trabalho, pão, terra, paz e liberdade – e desde o seu ponto de vista, o que era bom para a sua comunidade também era bom para o resto da sociedade⁷⁹. Ao contrário da visão global das elites, o povo prossegue interesses locais.

1.2.3. – A ocidentalização

Vimos assim que o conceito de Russificação foi-se formando ao longo do tempo tendo como ponto de partida o suposto “carácter único” da civilização russa, e este processo tornou-se dominante tanto nos momentos da formação do império como no seu último período. Mas quase paralelamente, as elites também formulavam uma ideia contraposta; a ideia de que a Rússia pertencia ao mundo europeu ocidental por direito próprio, e que ocidentalização era sinónimo de modernização e progresso, pelo que, mesmo não pertencendo por direito próprio à cultura ocidental, era nela que se deviam inserir. Desenvolveram-se dois pontos de vista diferentes: alguns defendiam que a Rússia devia e iria seguir o caminho ocidental e tinha muito a aprender dos países avançados, enquanto outros viam nas influências ocidentais um perigo que destruiria pouco a pouco a especificidade e os valores espirituais da Rússia⁸⁰. Na história imperial russa, dois períodos representados por dois governantes destacam na defesa da ocidentalização: o reinado de Pedro I “O Grande” e o de Catarina II “A Grande”.

⁷⁹ SERVICE, Robert. op. cit., p.62.

⁸⁰ KENEZ, Peter. op. cit., p.17.

Pedro o Grande teve de partilhar o trono por algum tempo com a sua mãe e com o seu meio-irmão, mas, em 1696, com a morte deste último finalmente governa em solitário. É neste período, no qual a Rússia se encontra em guerra contra os Turcos pela posse de Azov na Crimeia, que Pedro se apercebe de que a Rússia é uma nação atrasada que não consegue sequer construir uma armada por sua conta. Manda trazer um grande número de carpinteiros navais estrangeiros com as aptidões técnicas para construir a primeira armada russa. Ao mesmo tempo, envia jovens russos ao Ocidente para se formarem nas técnicas navais. O czar quer alcançar os seus objectivos depressa, razão pela qual institui uma política de trabalhos forçados que provoca descontentamento entre o povo. Séculos depois, Estaline aplicará os mesmos princípios. O jovem czar decide ele próprio visitar o Ocidente e aprender dele, facto que contribuiu para aumentar a sua admiração pelos progressos obtidos pelas grandes potências europeias. Após o seu regresso lançou uma série de decretos que proíbem o uso da barba e da vestimenta tradicional. A curto prazo, a nova moda só seria seguida na corte e pelos funcionários. Importante é também a mudança do calendário, que se ocidentaliza⁸¹. Cortando com a tradição bizantina de contar os anos desde a hipotética criação da humanidade, Pedro altera para o sistema de contagem a partir do nascimento de Cristo, em conformidade com o resto da Europa Ocidental. O ano, que até então começava em Setembro passa a começar em Janeiro⁸². Desta forma, começa o progressivo mas inexorável processo de separação cultural das elites em relação ao povo. O czar prossegue as reformas militares que já tinham começado nos reinados anteriores mas que com ele atingem o auge. Pode considerar-se o fundador do exército moderno. As suas reformas não ficam aqui, também realiza grandes mudanças na administração central e territorial, para além de

⁸¹ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.131-135.

⁸² The Cambridge History of Russia, Volume II – Imperial Russia (1689-1917). Edited by Dominic Lieven. Cambridge University Press, 2006. p.67.

uma grande reforma religiosa, pela qual a Igreja Ortodoxa passa a encontrar-se definitivamente submetida ao Estado, mostrando-se tolerante às outras religiões, preferindo especialmente os protestantes aos católicos. Durante o seu reinado instaurou-se uma autêntica “meritocracia” que permitiu a qualquer um chegar ao mais alto das hierarquias do Império. No entanto, o estado constante de guerra e a política de trabalhos forçados supôs uma carga enorme sobre a população camponesa tanto economicamente como em vidas humanas. O mais importante rasgo da política de Pedro é o facto de que não se limitou a imitar o Ocidente; o que pretendeu foi adaptar as instituições ocidentais às necessidades e às possibilidades da Rússia. No seu pensamento, e no pensamento dos que lhe seguirão, ocidentalizar é equivalente a modernizar, e portanto, a sua política é a de uma “ocidentalização por necessidade”⁸³. Finalmente, a sua decisão mais duradoura no que toca ao processo de ocidentalização é a de fundar a cidade de São Petersburgo e, escandalosamente, torná-la a capital em detrimento de Moscovo, símbolo máximo da russificação, a “Terceira Roma”. Com ela pretendia uma saída ao mar Báltico que permitisse o comércio contínuo com o resto da Europa. Mais do que isso, São Petersburgo tornou-se, até hoje, a “janela” de Rússia para a Europa⁸⁴, a sua entrada definitiva no continente e na sua política.

Após o reinado de Pedro I viria a destacar o reinado de Catarina II o qual se divide em duas fases: uma primeira na qual existe uma defesa e aplicação das modernas ideias do Iluminismo, embora submetido ao poder autocrático, e um segundo período de aproximação às ideias russificadas. Uma das suas principais preocupações foi declarar que a “Rússia é uma potência europeia” negando desta forma a afirmação frequente de

⁸³ Ibidem. p.155-160.

⁸⁴ STUERMER, Michael. Putin e o Despertar da Rússia. 1ª Edição. Lisboa. Presença, 2009. p.34.

que a Rússia tinha um regime próximo ao despotismo asiático. O objectivo era que o seu regime fosse visto como uma monarquia absolutista no sentido de Montesquieu, e não um despotismo governado pelo medo. Catarina seguia com atenção as novidades parisienses e até tentou converter-se em protectora dos ilustrados, o que resultou numa campanha de propaganda muito positiva para a sua imagem⁸⁵. Seguindo as suas ideias, lança reformas administrativas e territoriais assim como a primeira legislação em Códigos da Rússia. Promove em São Petersburgo uma nobreza nova e ridiculariza as antigas famílias tradicionalistas mais ligadas a Moscovo e introduz o francês na corte. No entanto, dois acontecimentos políticos farão com que estas reformas não avancem plenamente e que haja uma mudança na sua orientação política: a revolta camponesa de Pugachev⁸⁶ e a Revolução Francesa. Internamente, a rebelião de Pugachev faz com que apareçam os rasgos mais conservadores e autocráticos de Catarina, embora não se transforme numa reaccionária, antes começa uma aproximação a um “nacionalismo primitivo” característico da pequena nobreza provincial e aumenta o seu interesse pelas velhas tradições russas. Externamente, Catarina afasta-se da Grã-Bretanha para se aproximar à França mas a Revolução acaba com esta tentativa, colocando-os em bandos opostos e afastando mais Catarina das ideias ocidentais. Com o passar dos anos russificou-se e fez-se entusiasta da ideia de que a política russa tinha uma natureza diferente⁸⁷. Embora o reinado de Catarina II não tenha sido plenamente ocidentalizado, permitiu que se continuasse o desenvolvimento das elites na cultura ocidental

⁸⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.207-210.

⁸⁶ Iemelian Pugachev foi um cossaco que, desertando do exército imperial, iniciou uma revolta contra Catarina II na zona do Don, afirmando ser o falecido Czar Pedro III. Protestava contra as injustiças cometidas contra os servos e os cossacos. Foi capturado em 1774 e morto em 1775. Em palavras de Pushkin: “Por onde quer que aparece vai semeando devastação e morte, cometendo todo tipo de rapacidades, latrocínios e assassinatos.”
PUSHKIN, Alexander. La Hija del Capitán. México DF. Lito Ediciones Olimpia, 1973. p.89.

⁸⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.213.

previamente começado em grande escala sob Pedro o Grande e, embora a russificação fosse no futuro triunfar mais vezes como política do Estado, a ocidentalização e a sua defesa por parte das elites ganha raízes e torna-se permanente até os dias de hoje. Depois dela, Alexandre I também começou algumas reformas ocidentalizadoras mas acabou por enveredar no caminho da russificação. O reinado de Alexandre II contribuiu sobretudo com a abolição da servidão em 1861, e criou os rudimentos de uma magistratura, a modernização das forças armadas e instituições de governo local, os *zemstvo*. Sem estas reformas não teria sido possível a industrialização realizada no final do século XIX. Estas medidas, apesar de salvaguardarem as instituições camponesas como a comuna, afundaram o povo agora livre, na maior das pobreza⁸⁸.

1.2.4. – A asiaticização

A russificação e a ocidentalização nas suas mais variadas formas concorreram entre si para se tornarem as políticas dominantes do Estado. Mas a dimensão asiática esteve também sempre presente, sobretudo desde o ponto de vista da Europa ocidental, que sempre a ressaltou. O próprio Putin afirmou que a Rússia é “uma nação europeia, mas vivemos na Europa e na Ásia e também somos uma sociedade multicultural com diferentes religiões⁸⁹.” No entanto, nem sempre foi assim. Na verdade, as elites russas nunca se consideraram “asiáticas”, antes sempre temeram, odiaram e desprezaram tudo o que vinha da Ásia, palavra associada a devastação, invasão e ameaça. A invasão do século XIII foi destrutiva, e os mongóis não deixaram quase nada de cultura, civilização ou governança na Rússia, apenas a demonstração do seu poderio militar e a cobrança de pesados impostos. Além disso, a Rússia viu-se isolada do resto da civilização europeia

⁸⁸ KENEZ, Peter. op. cit., p.17-18.

⁸⁹ Putin apud STUERMER, Michael. op. cit., p.35.

durante trezentos anos. O Oriente passou a representar o oposto ideológico do Ocidente: a tirania política e o atraso económico. Desenvolveu-se portanto um “complexo mongol” e uma noção de “perigo amarelo” que tem sido duradouro ao longo do tempo⁹⁰. Lenine situa a Rússia mais perto do despotismo asiático do que da Europa Ocidental, associando novamente a ideia de atraso económico e civilizacional à Ásia⁹¹. No entanto, a política imperial que levou à expansão na Sibéria até entrar em contacto com a China e na Ásia Central até “embater” com o Império Britânico integra a Rússia no espaço asiático e na sua política, para além de reforçar a ideia do Ocidente da pertença russa a esse continente e não à Europa. Este sentimento encontra-se fortemente enraizado no pensamento ocidental desde o século XVII no qual os autores identificavam os russos mais com os tártaros do que com os outros eslavos⁹². No próprio século XX, as construções gigantescas empreendidas por Estaline em Moscovo são vistas como a projecção de uma imagem de impérios asiáticos e da vastidão da estepe, em contrapartida à europeia São Petersburgo⁹³ (embora o comunismo fosse uma ideologia europeia). Em todo o continente e durante séculos desenvolveu-se uma “russofobia” alimentada politicamente pelos outros Impérios que se sentiam ameaçados pelo seu contínuo expansionismo. A guerra da Crimeia permite aos europeus expulsar a Rússia do concerto das nações a qual se vê obrigada a dirigir os seus interesses em direcção à Ásia Central e Extremo Oriente⁹⁴. É talvez, esta a fase mais “asiatizada” da história do Império Russo. Esta opção só voltará a tornar-se relevante e até apetecível

⁹⁰ LO, Bobo. Axis, op.cit., p.18-19.

⁹¹ LÉNINE, V.I. Sobre o direito das nações à autodeterminação. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.519.

⁹² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.120.

⁹³ STUERMER, Michael. op. cit., p.34.

⁹⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.315.

após o colapso da URSS e a recuperação económica da Federação Russa. Esta começa a olhar para fora da Europa e dos EUA na procura de diversidade económica; multipolaridade política e criação de áreas de influência próprias ou partilhadas com a China e os Estados locais. Desta forma pretende diminuir a influência global norte-americana. Na Rússia contemporânea, para além da divisão entre ocidentalistas e russificados, existe também um debate entre ocidentalistas e “asiatizadores” sendo que estes costumam – embora permanecendo diferentes – coincidir com os russificados e antigos eslavófilos nas ideias de que a Rússia é única e deve prosseguir uma via separada de desenvolvimento⁹⁵.

São estas portanto as principais linhas da acção de construção de identidade através da política externa. Não são linhas cerradas mas antes interligam-se conforme os interesses e necessidades de cada momento histórico e por vezes expressam-se com nomes diferentes e graus diversos de hibridismo. Destacamos aqui duas derivações especialmente importantes: o pan-eslavismo e o soviétismo.

1.2.5. – Derivações: pan-eslavismo e soviétismo

O pan-eslavismo consistia na ideia de que todas as nações eslavas eram irmãs política e culturalmente e deviam unificar-se num só Estado. Sendo o Império Russo, o único Estado eslavo independente, foi também o mais interessado nesta doutrina. Liga-se directamente à “Questão de Oriente”, ou seja, às políticas das potências europeias em relação aos territórios do enfraquecido Império Otomano. No caso russo, o pretexto de proteger os ortodoxos e os eslavos serve para justificar a pretensão de controlar os

⁹⁵ TSYGANKOV, Andrei P. **What is China to us? Westernizers and Sinophiles in Russian Foreign Policy.** *Russie.Nei.Visions*. Dezembro 2009, nº45. p.12.

Disponível online:

http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

Balcãs e ganhar um acesso ao mar⁹⁶. O auge do pan-eslavismo dá-se após a guerra da Crimeia, pois a Rússia, apesar da derrota nesta, nunca abandonou a ideia de ser protectora e dirigente de eslavos e ortodoxos. A Guerra russo-turca de 1877-1878 foi travada em nome dos “povos irmãos” e os beneficiados foram Bulgária, Sérvia, Montenegro e Grécia. Como já se referiu, não só a etnia é uma componente importante, também a religião ortodoxa, outro dos pilares da russificação, é parte destacada do pan-eslavismo e geralmente a ela ligada. O conflito com o Império Otomano torna-se um conflito da Ortodoxia contra o Islão⁹⁷ que virá a ter consequências até os nossos dias. O Império Russo, de tendência messiânica defronta-se não só contra o Império Otomano, mas também contra o modelo de imperialismo ocidental; comercial e industrial⁹⁸.

É o pan-eslavismo uma forma de russificação orientada especificamente para a sua política externa, e não desapareceu no século XX. Ressurgiria com força no período da “Grande Guerra Patriótica”⁹⁹ quando o nacionalismo russo é levado ao extremo para unificar a pátria em contra do nazismo. Na propaganda soviética o tema da solidariedade entre as classes operárias do mundo foi substituído pelo tema da solidariedade entre os povos eslavos¹⁰⁰. Voltaria a ressurgir nos debates eleitorais na década de noventa quando a Rússia procurava (e procura) uma nova identidade nacional e sobretudo, novamente em relação aos Balcãs aquando das guerras Jugoslavas perante

⁹⁶ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.295.

⁹⁷ Ibidem. p.337-341.

⁹⁸ Ibidem. p.310.

⁹⁹ Nome pelo qual a Rússia e as antigas Repúblicas Soviéticas designam a Segunda Guerra Mundial. Doravante abreviado como GGP no corpo de texto.

¹⁰⁰ KENEZ, Peter. op. cit., p.204.

as quais, tanto as elites como a opinião pública contemplaram com horror a intervenção europeia e americana contra o povo irmão da Sérvia.

Quanto ao soviétismo, ou soviétização, resulta da política bolchevique e do Estado comunista para a construção de uma nova identidade, tanto estatal como do indivíduo. É constituída por uma amálgama de ideias marxistas ocidentalizadoras à qual se junta quase imediatamente a construção de novas nacionalidades nos antigos espaços não russos do Império através da criação de um marco artificial que produz um efeito de realidade regrada com aparelhos institucionais e administrativos que geram uma classe política, uma burocracia e uma *intelligentsia* que preenchem o marco criado¹⁰¹. Criam-se assim nações inspiradas em quatro critérios: uma língua comum, um território unido, uma vida económica partilhada e uma cultura comum.¹⁰² Inicialmente, estas novas nações são “indigenizadas”; a governança das mesmas é entregue a indivíduos pertencentes à etnia maioritária de cada uma delas. Posteriormente, devido ao isolamento da URSS e às consequências da GGP, o nacionalismo russo, ou melhor, aquilo que Estaline define como tal, passará a misturar-se com estes elementos de soviétização. Assim, no Estado soviético constrói-se uma “Multi-nacionalidade Institucionalizada” na qual o cidadão tem duas lealdades, primeiro à entidade supra-nacional que é a URSS, e depois à sua República Soviética. Pode não existir uma nação soviética mas existe um “povo soviético” (*sovetskii narod*)¹⁰³ constituído por um homem novo: o “homo sovieticus”. Esta visão aplica-se a todo o conjunto da URSS, incluída a Rússia. Apesar de ser uma experiência datada no tempo, continua a ser importante hoje em dia pois encontra-se na

¹⁰¹ ROY, Olivier. op. cit. p.ix.

¹⁰² HIRO, Dilip. op. cit. p.46.

¹⁰³ BRUBAKER, Rogers. **Nationhood and the national question in the Soviet Union and post-Soviet Eurasia: An institutional account.** *Theory and Society* 23: 47-78. Kluwer Academic Publishers, 1994. p.49-51.

base da construção das nações da Ásia Central agora independentes e impregna as instituições e mentalidades russas, herdeiras da extinta URSS.

1.3. – Os pilares do regime imperial e a sua política externa identitária

1.3.1. – Nobreza, Povo e Czar.

O império russo teve como pilares fundamentais a Autocracia a Ortodoxia e o Expansionismo. Conforme já se referiu, no Império a nobreza não participava directamente na governação e nunca conseguiu limitar o poder do Czar tal e como aconteceu noutros Estados da Europa Ocidental. Desta situação surgiu outra das características essenciais do Império; a servidão, pois se os nobres não governavam, pelo menos podiam contar com poder quase absoluto sobre os camponeses que trabalhavam as suas terras, sem que estes pudessem deslocar-se para outras terras. É preciso assinalar que a Rússia era um país agrícola numa região pouco adequada à agricultura e os camponeses tinham uma existência precária¹⁰⁴. A imobilidade dos camponeses assegurava que os nobres não perdiam a mão-de-obra que de outra forma poderia fixar-se em terras mais produtivas. Será apenas durante o Reinado de Alexandre II, em 1861 que se proclamará a emancipação, embora esta não fosse muito favorável aos camponeses libertos. Como forma de defesa, os camponeses organizavam-se em comunas agrárias de aldeia, organismo responsável pela justiça de acordo com as formas locais de entender a equidade económica e social. Este organismo promoveu entre eles um certo grau de igualitarismo, uma tradição de responsabilidade colectiva e acostumou-os a tomarem decisões de forma conjunta¹⁰⁵. Esta instituição será importante no futuro quando o regime czarista entrar em colapso. Assim, uma nobreza economicamente privilegiada viria a desenvolver-se de forma progressivamente diferente aos camponeses, cuja vida teve poucas melhorias durante séculos, e nenhuma destas forças sociais contestavam o Czar que governava sem limites ao seu poder,

¹⁰⁴ KENEZ, Peter. op. cit., p.15.

¹⁰⁵ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.27.

entendido como divino e incontestável pois a ideia da existência de dois poderes – *sacerdotium* e *imperium* – nunca chegara a madurar como em Ocidente; antes configura-se um “cesaropapismo”. A ideologia moscovita fornece o fundo ideológico que justifica o poder do Príncipe ao elevar Moscovo a uma “terceira Roma”, herdeira de Bizâncio e destinada a defender a verdadeira cristandade e a expandir-se pelo mundo. Em 1547 os Príncipes adotam oficialmente o título de “Czar”, derivado de César, confirmando a ideia de continuidade de capitais cristãs, sendo Moscovo a terceira e última delas. Assim, a ligação entre Autocracia e Ortodoxia é completada e a expansão do Estado conta com uma poderosa justificação religiosa¹⁰⁶.

1.3.2. – Expansão imperial

Moscovia começa a ser tomada em conta no cenário político internacional a partir do século XV num momento em que conhece o mundo muito melhor que o mundo conhece Moscovia. Trata-se de uma altura em que os conflitos com outros povos europeus são constantes o que contribui para alimentar a russofobia¹⁰⁷ e não é de estranhar o temor. Desde o século XVI até a I Guerra Mundial o governo russo alimenta a expansão do Estado de forma quase constante¹⁰⁸. Durante os cento e cinquenta anos que vão desde o começo do século XVI até metade do século XVII a Rússia adicionou em média, por ano, o equivalente a um território dos Países Baixos. Nenhum Estado na história mundial se tem expandido de forma tão persistente como a Rússia¹⁰⁹. Tocqueville comenta com grande acerto que os Russos e os Anglo-americanos, partindo

¹⁰⁶ KUCHINS, Andrew C. **Why Russia is so Russian**. *Current History*. Outubro 2009. p.320.
Disponível online:
http://www.goramblers.org/Upload/1696/Kuchins_Why%20Russia%20is%20so%20Russian.pdf

¹⁰⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.46.

¹⁰⁸ Ver Anexo 1, p.222.

¹⁰⁹ KUCHINS, Andrew C. op. cit., p.318.

de modelos opostos – sendo o russo; militarismo, centralização, autocracia e servidão – parecem avançar para o destino de dominar cada um deles metade do mundo¹¹⁰. Mas não é só a ideia messiânica que empurra o Império Russo num crescimento desenfreado, este só acontece devido a razões geográficas e estratégicas. A peculiar geografia de Eurásia – vastas planícies – leva a Rússia a estender o seu domínio o mais longe possível por razões de segurança. A Rússia é um “facto geográfico”, facto alimentado pela susceptibilidade de sofrer invasões, situação que a leva a desenvolver uma política militarista agressiva e expansionista¹¹¹. O crescimento do Império deu-se em diferentes fases, em todas as direcções. Observaremos agora brevemente a política externa desenvolvida na Europa, no Cáucaso e na Ásia.

1.3.3. – Uma janela na Europa

O primeiro projecto de política externa de Moscovia visava a “reunificação da terra russa”, objectivo este sempre presente na mente dos governantes até os nossos dias nos quais ainda se discutem possíveis uniões com a Bielorrússia ou a Ucrânia. No entanto, o perigo de invasões vindas tanto de Ocidente como dos Khanatos circundantes levaram ao desenvolvimento de um “imperialismo defensivo” que se dispunha a conquistar terras que nunca tinham pertencido aos Russos. Na Europa, a principal preocupação russa era conseguir uma saída ao Báltico que facilitaria os contactos com a Europa central e ocidental. Esta opção estratégica tornou-se numa das prioridades da política externa russa desde Ivan o Terrível, e colocou-os em rota de colisão permanente com Teutões, Polacos e Lituanos. No entanto, a abertura de relações comerciais com a

¹¹⁰ TOCQUEVILLE, Alexis de. Da Democracia na América. 1ª Edição. Cascais. Principia, 2007. p.462.

¹¹¹ KUCHINS, Andrew C. op. cit., p.319.

Inglaterra desde 1555 tornava esta necessidade do Báltico mais apetecível.¹¹² O Império viu este objectivo vedado durante muito tempo, ao sofrer constantes derrotas. Em 1700 uma nova contenda enfrentará Pedro o Grande a Carlos XII da Suécia que tinha tornado o Báltico um mar Sueco. É a chamada Guerra do Norte que se prolongará até 1721 e dará finalmente à Rússia a desejada saída ao Báltico que se tornará permanente com a fundação de São Petersburgo. Tão importante como isso foi que Pedro conseguiu a admiração e respeito da Europa inteira, estabelecendo relações diplomáticas permanentes com as grandes potências ocidentais. Em 1721 contava com 21 delegações e era tomado em conta no sistema de relações europeias¹¹³. Importante na política europeia russa do século XVI e XVII é também a relação estabelecida com os cossacos, que consistiam em comunidades submetidas teoricamente a Lituânia e Polónia mas que na prática desfrutavam de um alto grau de independência e privilégios em troca de serviços militares aos Estados vizinhos. Estes homens livres desenvolveram uma língua derivada do russo que com o passar do tempo conformou o Ucrânio e aproximaram-se cada vez mais à Ortodoxia pelo que, inevitavelmente, cortaram relações com a Polónia católica e aproximam-se ao Czar da Rússia que inicialmente não se quis comprometer. No entanto, promete proteger os ortodoxos da repressão dos polacos, e este argumento é fundamental pois tornar-se-á recorrente na política imperial desde então. Em 1654 Moscovo finalmente aceita a anexação da “Pequena Rússia” oferecida pelo líder cossaco (ou “Ataman”) Bogdan Khmelnytsky. Desta forma, a Ucrânia oriental é incorporada no império e em 1667 a Rússia recupera Smolensk, Kiev e outros territórios de maioria ortodoxa após uma nova guerra vitoriosa contra a Polónia¹¹⁴. Por breves instantes, a política de reunificação das terras russas vê-se praticamente

¹¹² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.58-59.

¹¹³ Ibidem. p.144-147.

¹¹⁴ Ibidem. p.109-112.

concluída. Mas já em 1681, uma boa parte desta recentemente adquirida Ucrânia cai nas mãos dos turcos, que se configuram a Sul como o grande inimigo da Rússia.

A Rússia do século XVIII continua a expandir-se mas encontra-se já mais consolidada e forma parte do concerto europeu. As suas elites encontram-se mais do que nunca ocidentalizadas, influenciadas pelo iluminismo e a cultura francesa, embora esta ocidentalização fosse em grande parte superficial ao terem sido transplantadas em bloco, sem adaptação nacional nem espírito crítico¹¹⁵. Em linhas gerais, o Império escolhe ser inimigo dos seus vizinhos e amigo dos vizinhos dos seus vizinhos. Não existem em nenhum caso amigos ou inimigos eternos. Nesta altura, a França configura-se como principal adversária e Áustria-Hungria o aliado natural. A Prússia, que surge com força neste período partilhará interesses com a Rússia sobretudo na repartição de Polónia no fim do século. As relações com a Inglaterra são as mais complexas pois encontram-se unidos pelo comércio mas estrategicamente são adversários¹¹⁶. O século XVIII culmina com a invasão da Polónia que desaparece do mapa, partilhada por Rússia, Áustria e Prússia. O Império anexava desta forma quase dois milhões de novos súbditos divididos na Lituânia, Bielorrússia Ocidental, Curlândia, e parte da Ucrânia ocidental. Surgia no argumento para justificar estas conquistas um primeiro esboço daquilo que se virá a chamar pan-eslavismo, e usando o mesmo argumento, desenham-se planos para a conquista dos Balcãs e Constantinopla. A Grã-Bretanha considera cada vez mais necessário travar a Rússia, que parece ameaçar não só o equilíbrio continental

¹¹⁵ CAMARA, Manuel de la. **Las relaciones entre la UE y Rusia**. *UNISCI Discussion Papers*, Jan. 2008, no.16. p.87.
Disponível online: <http://revistas.ucm.es/cps/16962206/articulos/UNIS0808130085A.PDF>

¹¹⁶ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.191-192.

mas também a Índia. A França revolucionária alterará esta situação¹¹⁷. Napoleão Bonaparte, triunfante, varre a Europa conquista após conquista até ser travado na Rússia e posteriormente também pelos aliados – Grã-Bretanha, Áustria e Prússia – que no Congresso de Viena impõem a nova ordem europeia. Nicolau I (1825-1855) governa o Império no auge da sua maior grandeza, surgindo como o “polícia da Europa” e continuando a expansão no Médio Oriente e em direcção aos estreitos. Existe nesta altura uma aproximação paulatina à Grã-Bretanha, pois ambos Impérios partilham interesses na “questão de Oriente”¹¹⁸ embora a mesma também os coloca em concorrência directa. No entanto, a política intervencionista russa que os leva a intervir directamente na Europa Central e Balcãs sob a bandeira pan-eslavista (protecção da ortodoxia e dos povos eslavos) de forma intransigente provoca uma profunda rejeição nas potências europeias e o Império descobre que não conta com nenhum aliado verdadeiro. Quando rebenta um novo conflito com a Turquia – a Guerra da Crimeia – a França e a Inglaterra unem-se aos Otomanos e o Império é derrotado. Como consequência, a Rússia é excluída do “concerto” das grandes potências europeias com a conseguinte perda do papel preponderante que vinha a desempenhar desde o reinado de Catarina a Grande. Apesar de não abandonar a sua política tradicional respeitante aos Balcãs, renuncia a qualquer pretensão territorial na zona e entra numa fase de asiaticização da política externa.¹¹⁹ A Rússia volta à política europeia em 1877-78 numa nova guerra com a Turquia. Novamente, o pan-eslavismo nos Balcãs surge como razão para o envolvimento do Império que protege a Sérvia, Bulgária e Montenegro. Desta

¹¹⁷ Ibidem. p.230.

¹¹⁸ DIK, Evgueni. **La posición rusa hacia México en vísperas de la guerra de 1847.** *Departamento Académico de Estudios Internacionales, ITAM.* p.98-99.
Disponível online:
<http://biblioteca.itam.mx/estudios/47-59/50-51/EvgueniDikLapositionrusahacia.pdf>

¹¹⁹ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.315.

vez a Rússia consegue a neutralidade das grandes potências embora perca as suas opiniões públicas que favorecem os turcos, e a guerra apresenta-se como o conflito entre Ortodoxia e Islão, e como a “guerra eslava de libertação nacional contra a Porta Sublime¹²⁰”. Finalmente, o Império vê-se envolvido na Primeira Guerra Mundial, mais uma vez originada nos Balcãs e novamente com o pan-eslavismo como pano de fundo e o interesse russo em dominar os estreitos. Mas desta vez o atraso russo em todos os seus sectores e os seus conflitos internos levarão à queda do regime e às Revoluções de Fevereiro e Outubro. Depois de 1917, a URSS e não a Rússia surgirá na Europa.

Ao mesmo tempo que concorria com o Império Otomano na Europa, os mesmos Impérios também se enfrentavam no Mar Negro e no Cáucaso pelo domínio e influência da zona. Sendo a Rússia um império continental e tendo inúmeros rivais a bloqueá-la, as saídas ao mar tornaram-se uma prioridade da política externa. O único porto disponível, Arcangel, no Mar Branco, fundado por Ivan o Terrível em 1584 encontrava-se congelado a maior parte do ano pelo que a saída ao Báltico era fulcral. Entretanto, a Rússia temia as suas fronteiras a sul onde os Turcos e os seus aliados tártaros continuavam a apresentar uma ameaça militar e se dedicavam a fustigar os estabelecimentos fronteiriços, tomando russos como escravos. Neste sentido, os tártaros da Crimeia surgem como principal rival estratégico na política defensiva e possibilidade de acesso ao Mar Negro. As guerras pelo controlo deste território serão constantes e como já vimos, tornaram-se em conflitos europeus com a participação implícita e explícita das grandes potências europeias. Neste mesmo contexto, a Rússia começa a penetrar no Cáucaso, zona na qual concorre com Otomanos e Persas.

¹²⁰ Ibidem. p.341.

1.3.4. – A conquista do Cáucaso

A história do Cáucaso encontra-se marcada pela sua geografia. O seu território montanhoso surge como uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia e separa o Mar Negro do Cáspio. Por sua vez, a zona divide-se em Cáucaso do Norte e Cáucaso do Sul. Trata-se de um território de difícil acesso cuja conquista é difícil e os lucros da mesma pouco significativos pois não existem muitas riquezas. Ao situar-se nas periferias de grandes impérios, foram sendo influenciados por estes em diversos momentos históricos, o que provocou a existência de clãs e grupos étnicos pequenos e diferenciados entre si, com religiões concorrentes e pouco sentido de unidade que não fosse local¹²¹. No sudeste, a influência era Persa, no sudoeste Otomana. O império Russo, após várias incursões nos tempos de Ivan o Terrível começa a interferir na zona a partir de Pedro o Grande que em 1720 aceita colocar sob a sua protecção a dinastia Bragration que regia a zona oriental da Geórgia com a promessa de esta prestar ajuda contra a Pérsia¹²². Configura-se desde então uma política externa de raiz identitária pois o Império Russo argumenta a protecção do cristianismo na Geórgia e na Arménia contra o Islão para justificar a sua presença embora não duvide em abandonar os seus aliados quando os interesses estratégicos maiores assim o requeriam, sobretudo aquando do estabelecimento de fronteiras com a Pérsia (1732-1735) e com os Otomanos (1774). No entanto, este abandono não é completo, na verdade a Rússia adquire “direito de queixa” perante o Sultão, o que lhe permite reivindicar o título de Protectora das populações ortodoxas, para além do direito de livre navegação no Mar Negro e direito de passo de mercadorias pelos Dardanelos¹²³. Em 1783, quando o Rei Heráclio II da Geórgia pede

¹²¹ ZURCHER, Christoph. *The Post-Soviet Wars: Rebellion, Ethnic Conflict, and Nationhood in the Caucasus*. 1ª Edição. New York e Londres. New York University Press, 2007. p.12-13.

¹²² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. *op. cit.*, p.153.

¹²³ *Ibidem*. p.220.

uma aliança militar contra a Pérsia, a Rússia entra definitivamente na zona como força imperial e muito rapidamente começa a ganhar o controlo da região. Em 1801, Alexandre I anexa o leste da Geórgia. Vinte anos depois todo o sudeste e sudoeste do Cáucaso se encontra sob domínio Czarista¹²⁴. Mas este processo não se desenvolveria pacificamente, pelo contrário, a zona viveria guerras e revoltas de grande violência durante muito tempo. A Rússia estabelece a cidade de Vladikavkaz deixando assim bem claro que não pretende abandonar a zona, pelo que os turcos apoiam a rebelião lançada desde o Daguestão por Sheik Mansur que pretende cortar as comunicações entre Tblissi e Astrakhan¹²⁵. Seguir-se-lhe a resistência de Isman Shamil que se prolongou durante 25 anos. Em 1859 as guerras no Norte do Cáucaso chegam ao seu fim, mas só depois de uma política de violência e repressão extrema levada a cabo pelo Império Russo e que deixará efeitos duradouros nos povos da região. Foi levada a cabo uma colonização interna acompanhada de imigração de eslavos e cristianização forçada que, aquando da queda do Czarismo ainda não se encontrava completada. Houve portanto uma tentativa de Russificação étnica e religiosa da zona. Os russos receberam apoio de povos cristãos como os Ossétios, Karabadinos e Karachai enquanto que a resistência tentou unificar-se sem grande sucesso em nome da religião islâmica. As divisões etnolinguísticas e as lealdades localistas não permitiram o surgimento de um sentimento nacionalista entre os povos conquistados mas ao mesmo tempo tampouco permitiram o estabelecimento de uma autoridade central forte por parte de Moscovo. As rebeliões continuaram esporadicamente em 1877 e em 1905 com grandes perdas para ambos lados. O despertar nacionalista começa a dar-se na zona só no último quarto do século XIX acompanhando a onda que se alastra por todo o Império. No Cáucaso, os três grandes grupos étnicos

¹²⁴ ZURCHER, Christoph. op. cit., p.16.

¹²⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.227.

interpretaram a questão nacional de forma distinta. Os Arménios mantiveram-se pró-russos pois a Rússia agia como aliado natural contra os Otomanos islâmicos. Na Geórgia, a questão social era muito mais importante que a questão nacional e no Azerbaijão, a religião islâmica e a identidade turca levaram a ideais separatistas e violentas perseguições contra as minorias étnicas que lá se encontravam. No entanto, nenhum destes três grupos étnicos, ao começo da Primeira Guerra Mundial planeava seriamente a procura de independência do Império. Só o colapso e a guerra civil levaram a que a região se separasse confusamente e entrasse numa espiral de violência étnica. Em 1923 as autoridades soviéticas voltariam a uni-las sob a sua autoridade onde permanecerão até ao desaparecimento da URSS¹²⁶.

1.3.5. – Expansão na Ásia

O império desenvolveu, paralelamente à sua política expansionista europeia, uma política expansionista no continente asiático que o levou até o Oceano Pacífico e para além dele, até o continente americano onde chegou mesmo a partilhar fronteira com o México. No processo, estabeleceu contactos com o Império Chinês e com o Japão e confrontou-se com o Império Britânico nas estepes da Ásia Central. Estes são os territórios que levaram o império a ocupar no seu auge, uma sexta parte das terras do globo. Podemos dividir este processo em três fases: primeiro a libertação do domínio mongol, depois a expansão na Sibéria onde, para o ano 1650 atingem o Pacífico, e finalmente a conquista da Ásia Central desde 1715 até 1881¹²⁷.

¹²⁶ ZURCHER, Christoph. op. cit., p.16-21.

¹²⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.20.

Já foi falada a importância que teve o domínio mongol na formação da identidade russa. O seu impacto foi tão grande que no início do século XX o filósofo Nicolau Berdiáiev explicava que “o povo russo não é puramente europeu nem puramente asiático (...) pois na sua alma estão sempre em conflito o Leste e o Ocidente.”¹²⁸ No entanto, como também já referimos, as elites não pensavam assim e dos vizinhos asiáticos só viam perigo e insegurança. Assim, a primeira preocupação da política externa de Moscovia será, para além da reunificação das terras russas e a saída ao Báltico; a neutralização dos três kanatos de Kazan, Astrakhan e o já referido Crimeia, pois de todos eles partiam incursões que devastavam o território de Moscovia. Era pois uma necessidade defensiva. Ivan o *Terrível* levou a cabo a tarefa usando o argumento da “cruzada contra os infiéis” para a conquista de Kazan que se deu em 1552, embora fossem precisos mais cinco anos para controlar a totalidade do Kanato. A seguir, o kanato de Astrakhan pretendeu revoltar-se contra a tutela moscovita com ajuda da Crimeia mas Ivan adiantou-se e conquistou-o quase sem resistência em 1554. Dois anos depois formava parte oficial do Império¹²⁹. Apenas a Crimeia sobreviveu até a sua conquista, como já vimos, num contexto mais próximo à política europeia.

Na mesma altura, Moscovia procedeu à expansão natural nas imensidões da Sibéria. Esta deu-se contudo, e surpreendentemente, por iniciativa privada levada a cabo pela poderosa família Stroganov que se dedicava à exploração de negócios de peles, sal e outros produtos. A sua expansão levou-os a entrar em conflito com o kanato de Sibir com base no vale do rio Obi e a resistência do Khan Kuchum. Para vencê-lo, os Stroganov patrocinaram um exército privado formado por 1500 cossacos ao mando do

¹²⁸ KUCHINS, Andrew C. op. cit., p.320.

¹²⁹ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.56-57.

Ataman Yermak Timofievich que, numa guerra relâmpago conquistaram o Kanato em 1582. Após novos combates, Moscovo anexou definitivamente as terras siberianas e fundou as primeiras cidades dentre as quais destaca Tobolsk ao pé do rio Obi (1587)¹³⁰. A colonização continuou com a fundação de Arcangel na desembocadura do rio Dvina (1584) e já para além do rio Obi, no rio Yenisei, Krasnoyarsk (1628), e no rio Lena, Yakutsk (1632). Calcula-se que se instalaram neste período perto de 40.000 camponeses de estatuto livre embora nem todos tenham ido voluntariamente. O aspecto religioso não foi descuidado e a igreja ortodoxa estabeleceu um bispo em 1621, enquanto que no aspecto económico, o comércio de peles tornou-se numa das principais fontes de rendimento do Tesouro moscovita. As explorações continuaram. Em 1632 descobre-se o rio Amur; em 1639 alcança-se o Pacífico perto de Okhotsk e quatro anos depois explora-se a terra para além do lago Baikal. O rio Amur destaca em importância porque será a fronteira natural entre a Rússia e a China e desde então estabelecem-se contactos intermitentes¹³¹. Existe entre ambos impérios poucos interesse em conhecer-se e ignoram-se mutuamente mas acabam por encontrar-se na medida em que a Rússia explora a Sibéria e os Manchu se expandem para norte. Em 1689 assinam o Tratado de Nerchinsk que regula as áreas de influência e as relações comerciais. Em 1727 o Tratado de Kyakhta estabeleceu acordos comerciais e definiu as fronteiras entre a Sibéria, o Império Qing e os territórios da Mongólia e Manchuria. No entanto, durante os próximos duzentos anos, ambos impérios negligenciariam estes territórios. Apenas na segunda metade do século XIX é que se dá realmente um choque entre os Impérios num momento em que a decadente dinastia Qing se encontra no seu momento de maior fraqueza. A Rússia, num misto de defesa dos seus interesses frente a outras potências

¹³⁰ Ibidem. p.74.

¹³¹ Ibidem. p.101-102.

européias e oportunismo, consegue completar o seu projecto imperial do Extremo Oriente com a assinatura de três tratados: Aigun (1858), Peking (1860) e Tarbagatai (1864) perante os quais a China entrega 1.5 milhões quadrados de território. Em 1900 reforça ainda a sua presença na Manchúria. A China nunca esquecerá estes acontecimentos e as relações bilaterais entre ambos países passarão a estar sempre condicionadas pelo peso da história¹³².

Para além da China, o contínuo expansionismo russo leva-os a explorar a costa do Pacífico (Bering 1725-1730 e 1738-1741) onde se funda a cidade de Petropavlosk em Kamchatka, e na década de sessenta exploram-se as ilhas Curilas. Assim, a Rússia penetra no continente Americano no território de Alasca e até à Califórnia, entrando em contacto também com o Japão¹³³. A entrada em Alasca segue também uma lógica de iniciativa privada mas em 1799 estabelece-se uma Companhia Russo-Americana com apoio do governo imperial que permite aos empresários russos de peles desenvolver as suas actividades. A penetração no continente leva-os a entrar em contacto com a possessão espanhola de São Francisco onde fundam uma colónia em 1812. A partir do colapso imperial espanhol, a Rússia passa a ser a única potência europeia com presença territorial nas costas californianas e favorece os contactos com os Estados Unidos da América enquanto não reconhece o governo mexicano¹³⁴. Com base nestas boas relações, quando São Petersburgo perde o interesse no Alasca inclina-se pela venda do imenso território aos EUA que a adquirem em 1867, (não sem muitas dúvidas e apenas

¹³² LO, Bobo. Axis, op. Cit., p.20-21.

¹³³ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.202.

¹³⁴ DIK, Evgueni. op. cit., p.99-100.

convencidos pela insistência do Secretário de Estado William Henry Seward) naquilo que é, em retrospectiva, um dos maiores erros estratégicos da história russa¹³⁵.

Quanto ao Japão, as relações foram sempre tensas. O império russo queria estabelecer relações comerciais mas o arquipélago encontrava-se fechado. Os estabelecimentos russos na zona eram escassos e se encontravam a grande distância uns dos outros. O estabelecimento de Vladivostok, planeado como grande porto no Pacífico abriu boas perspectivas mas rapidamente demonstrou a sua insuficiência. Em 1855 os russos finalmente conseguem direitos comerciais em três portos japoneses com a assinatura do Tratado de Shimoda, assim como se estabelecem fronteiras. Em 1875 a Rússia adquiria a soberania plena sobre a totalidade da ilha de Sacalina mas em troca cedia a totalidade do arquipélago das Curilas. Mais uma vez, a Rússia cometeu um enorme erro estratégico pois com as Curilas o Japão controlava o acesso ao Pacífico Norte e a Rússia passava a depender da sua boa vontade¹³⁶. Estas ilhas, que trocam de mão durante a GGP, continuarão a ser alvo de litígio até os nossos dias minando as relações entre a Federação Russa e o Japão. Com o esforço de industrialização empreendido no final do século XIX o interesse por reforçar a presença no Pacífico aumentou e a construção da linha-férrea do Transiberiano tornou-se um elemento vital da política de colonização, militarização e comércio na zona. Quando o Japão se torna expansionista, em 1904-05, o governo russo entra em guerra de forma “leviana”, subestimando de forma grosseira a força, sofisticação tecnológica e determinação do inimigo que, por essa altura já levava mais de uma década preparando-se para combater as potências europeias através de um forte processo de industrialização, treino de tropas

¹³⁵ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.336-337.

¹³⁶ Ibidem. p.350.

ao estilo ocidental e aquisição de novas tecnologias e equipamentos militares ocidentais. O exército e a marinha russa perdem o seu prestígio contribuindo ainda mais para a crise interna do regime, contestado nas ruas das grandes cidades do Império¹³⁷.

O último espaço de conquista dos Romanov foi a Ásia Central cujo espaço geográfico empreende o território hoje ocupado por Turquemenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão, ao qual podemos somar o Cazaquistão, embora este fosse considerado parte integrante da Grã-Rússia; e o Afeganistão onde o Império se encontrou com os interesses britânicos num choque estratégico conhecido como “Grande Jogo”. Podemos dividir a conquista em duas fases: a captura das estepes do Cazaquistão entre 1715 e 1854 e a conquista do resto da região entre 1865 e 1881¹³⁸. Tratou-se do culminar de um longo processo de expansão em detrimento dos povos muçulmanos, contínuo no tempo e no espaço, que provinha desde a conquista de Kazan e significou a concorrência directa entre dois espaços – o russo e o muçulmano – territorialmente contínuos, que em muitas ocasiões se interpenetraram, criando tensões étnicas e religiosas permanentes¹³⁹. Este espaço será tratado em pormenor mais adiante.

1.3.6. – Política externa: diversidades.

Ao observar a política expansionista russa podemos concluir que o regime imperial não prosseguiu o mesmo comportamento, mas antes adaptou-se a cada circunstância com pragmatismo, não possuindo nunca nem aliados nem inimigos permanentes. Na Europa, a libertação do jugo mongol foi construída em termos de cruzada e ajudou a construir a ideologia moscovita que por sua vez constitui os pilares

¹³⁷ KENEZ, Peter. op. cit., p.19.

¹³⁸ HIRO, Dilip. op. cit., p.20.

¹³⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.25.

da russificação. Na continuação desta linha, prossegue-se a recuperação das terras russas e o imperialismo defensivo, não poucas vezes justificado como a luta da Ortodoxia contra o Islão ou contra os cristãos latinos. A entrada na política da Europa ocidental será construída nos mesmos moldes de russificação, através de um imperialismo messiânico e progressivamente pan-eslavista cujo objectivo final seria a protecção dos ortodoxos e eslavos estivessem onde estivessem. No Cáucaso também se prossegue uma política externa identitária, apoiando-se na constituição de alianças com os povos cristãos da região em detrimento dos não cristãos, embora as relações com os grandes impérios otomano e persa sejam mais importantes do que as políticas locais. Assim, o espírito messiânico é muitas vezes abandonado em nome de interesses maiores e os aliados deixados à sua mercê. No grande espaço da Ásia Central também serão utilizados argumentos religiosos mas em última instância, a questão étnica e o sedentarismo da população tornar-se-á mais delicada. Finalmente, a colonização da Sibéria prosseguirá uma lógica comercial e será levada a cabo em parcerias público-privadas nas quais os mercenários cossacos terão grande importância. Existirá um acompanhamento de certos elementos de russificação, mas neste campo a Rússia segue uma linha mais parecida à dos grandes impérios industriais e comerciais da Europa Ocidental e menos messiânica do que noutras zonas, sobretudo na hora de estabelecer relações com a China, o Japão e os EUA.

No entanto, as contradições internas do regime imperial eram cada vez maiores assim como o seu atraso em todos os sectores. Por todo o lado começam a surgir ou ressurgir sentimentos nacionais nos territórios alógenos do Império e a pobreza e desilusão surgidas de uma nova classe social urbana acompanhada pela já muito desesperada população do campo torna-se cada vez maior. O eclodir da Primeira Guerra

Mundial e a decisão de Nicolau II de participar nela revelar-se-ia fatal e a dinastia Romanov conheceria o seu fim, assim como o Império que ressurgirá das suas próprias cinzas transformado na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

II - Outubro – Nascimento e queda da União Soviética.

2.1. – A Revolução de Outubro: à procura de uma nova identidade

2.1.1. – A entrada no século XX

Na noite de 24 de Outubro de 1917, Vladimir Lénine escreve e envia uma carta ao Comité Central do Partido Bolchevique exigindo a insurreição imediata contra o Governo Provisional e a tomada do poder em favor dos soviets. Com enorme pragmatismo, Lénine declara que “a tomada do poder é a obra da insurreição; o seu objectivo político esclarece-se depois da tomada.”¹⁴⁰ Na madrugada de 25 de Outubro¹⁴¹ os bolcheviques começam a tomada do poder num dos momentos fulcrais do século XX, século curto e violento que se definiu como uma luta intensa entre as forças da velha ordem contra a revolução social. Esta revolução social encontrava-se representada nos destinos da União Soviética e do comunismo internacional mas, à medida que o século avançava, tornou-se cada vez mais irrealista, e já na década de 80, o princípio messiânico tinha uma escassa relevância para a política internacional¹⁴². O século XX encontra-se marcado pela centralidade da ascensão norte-americana ao poder global e do surgimento da União Soviética como a sua alternativa e concorrente à hegemonia através de um modelo ideologicamente oposto. A previsão de Tocqueville torna-se real após a Segunda Guerra Mundial. A Revolução Russa e, consequentemente, a construção da URSS, fez a história entrar num processo complexo onde ideias filosóficas gerais se mesclaram com práticas locais e tradições populares da Rússia,

¹⁴⁰ LÉNINE, V.I. Carta aos membros do CC. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo II. Lisboa. Avante! 1977. p.389.

¹⁴¹ Datas correspondentes ao calendário Juliano vigente na Rússia naquele momento, correspondente aos dias 6 e 7 de Novembro do calendário Gregoriano respectivamente.

¹⁴² HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos. 3ª Edição. Lisboa. Presença, 2002. p.65.

sendo a realidade emergente muitas vezes diferente do discurso oficial soviético. Tentaremos aqui resumir de forma concisa os principais elementos que participaram na tentativa de formar uma nova identidade para os povos que habitavam o antigo Império e como eles viam e eram vistos pelo resto do mundo.

2.1.2. – A Rússia pré-revolucionária

Nicolau II ascendeu ao trono no dia 1 de Novembro de 1894. Tinha 26 anos e não se encontrava preparado para governar. Apesar das suas carências políticas, era um homem de ideias simples e elementares sabendo bem o que queria: seguir ao pé da letra a política e o estilo de governo do seu pai, mantendo o modelo autocrático e opondo-se a qualquer tentativa de reforma política¹⁴³. Precisamente por isto, antes da I Guerra Mundial, não existia na Europa potência imperial ou dinastia tão odiada pelos democratas como a Rússia¹⁴⁴. No entanto, em clara contradição com os princípios políticos, é neste período, sob os auspícios do ministro de finanças, Sergei Witte, que começa o processo de industrialização que leva a Rússia a adoptar o padrão-ouro (1897) tornando a Rússia atractiva para investidores estrangeiros. O Estado subsidia a construção de caminhos-de-ferro e estabelece tarifas proteccionistas. Num padrão recorrente na história russa, a modernização é feita à custa de pesados impostos sobre os camponeses e a industrialização pesada foi a mais beneficiada, sendo a produção de bens de consumo negligenciada. A instalação de fábricas criou um proletariado urbano e as tensões são cada vez mais visíveis na sociedade, pois a mudança dinâmica vê-se acompanhada de um regime autocrático intacto¹⁴⁵. No entanto, a agricultura também foi

¹⁴³ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.375.

¹⁴⁴ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.23.

¹⁴⁵ KENEZ, Peter. op. cit., p.19

melhorada com aumentos de produção de cereais embora houvesse retrocessos. Mas por norma, os camponeses continuavam a ter uma vida desagradável, curta e brutal¹⁴⁶. A emergente classe média constituiu-se sobretudo por profissionais liberais que foram adquirindo enorme relevância social e depressa começaram a reivindicar maior participação política e reformas¹⁴⁷. Nesta Rússia em rápida mudança e constante tensão, o nacionalismo não era, contudo, um sentimento predominante entre os russos: nos começos do século XX a maioria estava mais motivada pelas crenças cristãs, os costumes camponeses, as lealdades aldeãs e a glorificação do czar do que pelos sentimentos patrióticos¹⁴⁸. Mas Nicolau II continua em frente com o processo de russificação extrema governando sob o lema de “ortodoxia, autocracia e nacionalidade”, e favorecendo os “verdadeiros russos” (de língua russa e ortodoxos) contra os “estrangeiros”, sem querer ter em conta que reina sobre um império de dimensão multinacional e multi-religiosa. Esta atitude só pode levar a levantamentos, revoltas e insatisfação em quase todas as camadas da população. Como resposta, o Estado eleva a repressão a níveis extremos que alimentam o aumento de ataques terroristas por parte dos movimentos revolucionários¹⁴⁹.

Em inícios de 1904, o Império Russo entra em Guerra com o Japão pelo domínio da Coreia e da Manchúria e sofre uma humilhante derrota que se confirma em 1905. Por primeira vez, uma grande potência de “homens brancos” era derrotada, destruindo-se assim o mito da superioridade racial, mas não menos importante, o exército e a marinha russa perdem o seu prestígio perante os olhos do seu próprio povo. No meio da agitação,

¹⁴⁶ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.27.

¹⁴⁷ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.378.

¹⁴⁸ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.31.

¹⁴⁹ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.380-381.

em Janeiro de 1905 uma grande manifestação sem cores políticas dirige-se ao Palácio de Inverno para pedir ao Czar melhores condições sociais. As tropas cossacas abrem fogo naquilo que ficaria conhecido como o “Domingo Sangrento”. A posterior tentativa de revolução falha mas terá três grandes consequências: a primeira será que a dinastia perderá todo o seu prestígio e o seu ascendente sobre a população. Se até agora o patriotismo e a lealdade à dinastia eram equivalentes, isto nunca mais voltará a acontecer e a partir de 1905 aumentará a consciência nacional.¹⁵⁰ A segunda será a criação espontânea por parte dos operários dos soviets, organizações para coordenar actividades que se revelaram especialmente eficazes em situações revolucionárias. Em 1917 ressurgirão instantaneamente¹⁵¹. A terceira foi que Nicolau II compreendeu que tinha de realizar cedências e passou a autorizar a formação de uma Duma, embora esta defraudasse a praticamente toda a gente que ainda acreditava que o Império se pudesse modernizar¹⁵². Para piorar a situação, a Segunda e a Terceira Duma foram excluindo progressivamente os representantes dos povos não russos ao ponto em que em 1907 os “atrasados” povos da Ásia Central não contavam com nenhum representante. A continuação da política de russificação alimentou o nacionalismo crescente que atingiu o seu auge na Primeira Guerra Mundial na qual estes povos concluem que os seus interesses não têm nada a ver com os interesses russos¹⁵³.

¹⁵⁰ SERVICE, Robert. *Rusia, experimento con un pueblo*. 1ª Edição. Madrid. Ed. Siglo XXI, 2005. p.56.

¹⁵¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.20.

¹⁵² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.404.

¹⁵³ Ibidem. p.419-420.

2.1.3. – A natureza da Rússia pré-comunista

A Duma permitiu por primeira vez na Rússia a formação de Partidos políticos legais e o espectro ia da extrema-direita à esquerda socialista. A “União do Povo Russo” gozava do mal disfarçado apoio do regime czarista e tinha características protofascistas, encontrando-se envolvido em *pogroms*¹⁵⁴ e em assassinatos de políticos de esquerda. No lado liberal, o Partido “Kadete” (Democratas Constitucionais) defendia ideias pró-ocidentais e o Partido “Outubrista” preferia a Monarquia Constitucional e a defesa dos grandes interesses russos. A esquerda era composta por dois tipos de socialistas: os Socialistas Revolucionários, herdeiros do populismo, respeitantes do Marxismo mas mais virados às tradições e instituições russas, sobretudo à comuna camponesa; e os Sociais-Democratas – marxistas – apoiantes da industrialização e defensores da classe operária como força motriz da futura revolução. Desde o início, dividiram-se em Bolcheviques e Mencheviques¹⁵⁵. Todos estes Partidos começavam agora a mostrar os seus programas a um número crescente de pessoas e as discussões sobre o que era a Rússia e quem eram os Russos começava a fluir quando a I Guerra Mundial deflagrou. Nicolau II não a queria em absoluto mas, mais uma vez a russificação falou mais alto. Uma vez que o Império Austro-húngaro declarava a guerra à eslava Sérvia, os princípios do pan-eslavismo só podiam levar à defesa dos irmãos sérvios. Desta vez, e como noutras ocasiões na história russa, o povo apoiou o seu Czar e com entusiasmo generalizado lançaram-se a uma guerra que se esperava curta¹⁵⁶. Infelizmente para Nicolau II, o conflito marcaria o fim do seu regime e da sua vida.

¹⁵⁴ Actos de violência organizada contra judeus assim denominados em grande parte da Europa Central e de Leste.

¹⁵⁵ KENEZ, Peter. op. cit., p.22-23.

¹⁵⁶ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.424.

Mas a discussão sobre a natureza da Rússia e dos russos não deixou de existir mesmo nos momentos de maior repressão e russificação. O discurso eslavófilo construído sobre a base ortodoxa da Terceira Roma foi enriquecido no século XIX com posições euroasiáticas e com a ideia de que os valores do camponês russo – paciência, caridade, espiritualidade e esforço colectivo – possibilitavam um sistema de vida superior a qualquer um do Ocidente. Por seu lado os marxistas acreditavam que quanto mais depressa a Rússia entrara no caminho ocidental de desenvolvimento económico capitalista tanto melhor seria para ela e o seu povo. Seguindo este raciocínio, a corrente “populista” acreditava que a Rússia tinha a oportunidade de se tornar numa sociedade igualitária partindo da tradicional comuna agrícola como embrião do socialismo. Na medida em que aumentavam os contactos com o Ocidente, a intelectualidade russa começou também a aceitar a sua diferença em relação ao resto da Europa, e a alimentar os contrastes, sem deixar de se considerar europeus, espaço no qual não incluíam os habitantes do Cáucaso, considerados selvagens e orientais¹⁵⁷. Tampouco os EUA serviram como modelo de desenvolvimento tendo Pushkin, já em 1836, criticado o “igualitarismo” americano e da própria democracia. Este sentimento anti-americano será resgatado por Estaline durante a Guerra-fria e voltará após a terapia de choque de Ieltsin¹⁵⁸. Paradoxalmente, os bolcheviques constituíam a ala ocidentalista mais extremista da elite intelectual russa. A sua ideologia era uma forma de marxismo que pressupunha a perfectibilidade do homem e a possibilidade de construir uma sociedade justa e racional. Acreditavam no progresso e no avanço das sociedades por etapas previsíveis, considerando a Rússia um país atrasado relativamente à Europa. Eles não tinham qualquer interesse em gerir a sociedade; queriam transformá-la. Neste processo,

¹⁵⁷ SERVICE, Robert. *Rusia*, op. cit., p.72-75.

¹⁵⁸ LAQUEUR, Walter. op. cit., p.1.

não acalentavam qualquer respeito romântico pela tradição e sabedoria populares nem as suas experiências encorajavam a tolerância para com pontos de vista contrários¹⁵⁹. Para eles não existe uma característica “russa”, mas sim uma evolução histórica geral e material, perante a qual a história do homem é a história da produção, do desenvolvimento das forças produtivas sob determinadas relações de produção. Nesta concepção materialista da história, a classe dominante que exerce o poder material exerce também o poder espiritual, que é apenas outro aspecto do mesmo domínio. A única forma de quebrar esta situação é construindo uma filosofia de classe, do proletariado; única classe capaz de transformar realmente o mundo, mudando a sua base material através da acção revolucionária prática¹⁶⁰. Assim, os bolcheviques apresentam à Rússia um programa inovador que quebra com o passado imediato em quase todos os sentidos excepto num de crucial importância: o messianismo. Mas se o antigo messianismo russo dirige-se à formação de um Império “russo” ou, na sua versão mais avançada, uma união de todos os eslavos; o novo destaca pela sua validade universal para além de princípios étnicos ou religiosos. A Revolução Socialista dirige-se a toda a classe operária mundial, a todos os oprimidos do mundo, e o seu apelo virá a ser nos primeiros tempos inquestionável. Um americano, John Reed, que assiste ao processo escreve que “o religioso povo russo não precisa já de sacerdotes que abram as portas do paraíso. Está a edificar na terra um reino mais esplendoroso que o dos céus, um reino pelo qual é glorioso morrer¹⁶¹.”

¹⁵⁹ KENEZ, Peter. op. cit., p.73.

¹⁶⁰ MIR, Rafael Jerez. Marx y Engels: el Marxismo Genuino. 1ª Edição. Madrid. Editorial Cincel, 1985. p.110-114.

¹⁶¹ REED, John. Diez dias que conmovieron al mundo. 17ª Edição. México DF. Editores Mexicanos Unidos, 2000. p.221.

Os bolcheviques não esgotam o debate, mesmo durante os seus primeiros tempos de domínio continuam a surgir teorias e opiniões dentro da Rússia ou no exílio. Algumas como as do liberal conservador Nicolau Ustriálov são apoiadas pelo novo regime pois defende que a Rússia de Lénine permitia a construção de uma meritocracia e favorecia a movimentação social. O Politburo permitiu que se discutisse esta teoria em público. Outros como o conservador Nicolau Trubetskói argumentavam que embora a Rússia estivesse de facto a ressurgir, seria sempre uma potência diferente às outras, nem europeia nem asiática, mas sim um híbrido, uma potência euro-asiática. Neste sentido, discordava do projecto comunista ao considerá-lo ocidentalizador e não realista em relação às especificidades russas. Por seu lado, Nicolau Berdiáiev na sua obra “A ideia de Rússia” defendia que os comunistas estavam a seguir as mesmas ideias que os Czares; eram anti-democratas, não aceitavam opiniões contrárias e também eram “crentes”, neste caso de Marx e de Engels. Para ele, a Rússia só podia regenerar-se com democracia e um desenvolvimento espiritual cristão. Berdiáiev foi expulso em 1922. Também abandonou o País Ivan Ilin que denunciava os comunistas como criminais ateus e anti-nacionalistas, seguindo a linha de Fiódor Dostoievski¹⁶². O triunfo da Revolução Bolchevique consolidou-se e o poder do regime foi sendo cada vez mais reforçado até que a sua ideia se tornou a única aceitável, calando, pelo menos de forma aberta, o debate sobre a Rússia. Este debate continuaria junto da emigração nas obras de Bunine, Remizov, Nabokov ou Tsvetáeva entre outros, o que levou o Politburo a tomar diversas medidas que podiam ir desde dar instruções à *Cheka* para “organizar a desintegração da emigração da Guarda Branca e para colocar algum deles ao serviço

¹⁶² SERVICE, Robert. *Rusia*, op. cit., p.79-81.

dos interesses do regime soviético”¹⁶³. Isto demonstra a importância que os bolcheviques atribuíam ao poder das ideias e opiniões, dentro e fora das suas fronteiras.

2.1.4. – A identidade em formação: princípios bolcheviques

Os anos de 1917-18 são os mais complexos da história da Rússia pois encontra-se no meio de uma Guerra Mundial e ao mesmo tempo contempla o desaparecimento de uma dinastia com trezentos anos no poder, uma revolução – a de fevereiro - de corte liberal, uma revolução socialista e uma breve Assembleia Constituinte democrática rapidamente dissolvida em favor de umas organizações de controlo operário – os soviets ou conselhos – rapidamente infiltrados e institucionalizados pelos novos homens no poder, os bolcheviques do Partido Operário Social-Democrata Russo. Não pretendemos analisar o complexo processo político que levou à vitória total dos bolcheviques, mas antes definir as suas principais ideias e como elas contribuíram para a formação de uma nova identidade no espaço do antigo Império Russo. Os bolcheviques são marxistas e portanto acreditam que o processo histórico se encontra determinado pela luta de classes, sendo as duas principais a burguesia e o proletariado, controlando a primeira os meios de produção e as super-estruturas ideológicas. A segunda tem a obrigação de tomar o poder para transformar a sociedade. Isto só se consegue quando o proletariado descobre os seus interesses comuns, superando dessa forma o nacionalismo, substituindo-o pela solidariedade de classe¹⁶⁴. Para isso é preciso fazê-los compreender que a riqueza da classe capitalista reside em que a força do trabalho do homem se torna uma mercadoria. O operário vende a sua força de trabalho ao proprietário, que em troca emprega uma parte do dia de trabalho para cobrir o custo

¹⁶³ VOLKOGONOV, Dmitri. *Lenine - Uma nova biografia*. Coimbra. Edições 70, 2008. p.394-395.

¹⁶⁴ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *El Manifiesto Comunista. Once Tesis sobre Feuerbach*. 1ª Edição. Madrid. Alhambra, 1985. p.32-33.

do seu sustento; durante a outra parte do dia trabalha gratuitamente, criando para o capitalista a *mais-valia*. É esta *mais-valia* a fonte dos lucros e a base da exploração¹⁶⁵. A forma de combater esta exploração é eliminar a propriedade privada dos meios de produção através de uma revolução. No entanto, a teoria marxista tinha previsto que a revolução triunfaria num país altamente industrializado com um grande proletariado, não num país semi-feudal quase sem indústrias nem proletariado e com uma enorme massa rural como era o caso da Rússia. A contribuição fulcral de Lénine é adaptar a doutrina marxista às condições que o rodeiam. Sobre isto, Estaline declara que “o leninismo é o marxismo da era imperialista e da revolução proletária. Para ser mais exactos, o leninismo é a teoria e a táctica da revolução proletária em geral, e a teoria e a táctica da ditadura do proletariado em particular”¹⁶⁶. É portanto Lénine, partindo de uma base marxista, o grande ideólogo da revolução bolchevique e da construção de um novo Estado através de um programa radical: a entrega de todo o poder aos sovietes que entretanto tinham ressurgido e a finalização imediata da guerra a qualquer custo¹⁶⁷. Os socialistas estão divididos e o programa leninista está longe de ser consensual. Os camaradas de Lénine consideram que uma possível toma do poder tem de contar com o apoio das outras forças para ser legítimo mas Lénine considera que dessa forma o projecto ficaria comprometido. Para ele, não é concebível a possibilidade de partilhar o poder com Mencheviques e Socialistas Revolucionários, aos quais acusa de trair a revolução¹⁶⁸. Com a decisão de tomar o poder sem contar com mais ninguém entra-se num caminho para o qual não há volta atrás: a ditadura do proletariado preconizada por

¹⁶⁵ LÉNINE, V.I. As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.36-37.

¹⁶⁶ MONTENEGRO, Walter. Introducción a las Doctrinas Político-Económicas. 1ª Edição. Mexico DF. Biblioteca del Oficial Mexicano, 1982. p.150-151.

¹⁶⁷ KENEZ, Peter. op. cit., p.43.

¹⁶⁸ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.73.

Marx tornar-se-á uma ditadura de uma elite do proletariado cristalizada no Partido Comunista com um programa imposto sobre todos os sectores da sociedade. Logo no dia seguinte à toma do poder, o novo governo apresentou os seus decretos da paz e da terra. O ambicioso programa não visava reorganizar só a sociedade e a política, mas também reformar a humanidade. Mas imediatamente a realidade entrou em colisão com os preceitos abstractos e os bolcheviques foram obrigados a improvisar. Nesse processo de improvisação tornaram-se os grandes inovadores da política do século XX. Criaram instituições, métodos de mobilização e até mesmo um vocabulário que seria não só imitado mas repetidamente redescoberto¹⁶⁹. Seria injusto afirmar que a criação bolchevique fugia por completo do programa socialista; as ideias gerais foram de facto defendidas; a ideia de criar uma sociedade mais justa através de uma planificação centralizada da economia cujo principal objectivo era a utilidade pública e não o benefício privado é uma delas. No entanto, outras causaram repulsa aos demais socialistas. Lénine defendia a ditadura, a discriminação de classe e a imposição ideológica e neste sentido diferia dos aspectos básicos do pensamento socialista convencional¹⁷⁰. Talvez o factor mais importante do radicalismo dos primeiros anos é o facto de ninguém, nem mesmo Lénine, acreditar firmemente que a Revolução vai triunfar. Para tal acontecer, acreditava-se necessário o triunfo de outras revoluções na Europa. Assim, o Estado comunista é construído numa mistura de idealismo e pragmatismo, num programa radical em parte improvisado e na expectativa de uma revolução mundial.

¹⁶⁹ KENEZ, Peter. op. cit., p.50.

¹⁷⁰ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.76

Contrariamente à teoria marxista, a revolução não ocorreu primeiro nos países economicamente mais avançados e este facto é de capital importância para o desenvolvimento futuro da União Soviética. O internacionalismo estava profundamente arraigado na mentalidade dos bolcheviques, que se consideravam um regimento avançado do exército proletário internacional. Desde o seu ponto de vista, o capitalismo, ao ceder na Rússia tinha cedido no seu elo mais fraco, e o objectivo era continuar a quebrar a corrente nos países mais fortes. A expectativa de uma revolução mundial à seguir à devastação da Primeira Guerra Mundial não era de modo algum absurda. No entanto, esta não aconteceu. Os bolcheviques consideravam que não precisavam de uma política externa pois achavam que todos os governos capitalistas do mundo se oporiam a eles, portanto a sua única função era lançar apelos revolucionários ao proletariado mundial que supostamente alinharia com eles e começariam a combater os seus próprios exploradores. Mas essa suposição via-se confrontada com a realidade de que o exército alemão continuava a avançar em território russo. Novamente, Lénine, com grande realismo impôs a sua opinião sobre a de Bukarine – que pretendia continuar a guerra mesmo que isso custasse a queda do regime – e negociou o tratado de Brest-Litovsk pelo qual perdeu imensos territórios mas assegurou a sobrevivência do regime¹⁷¹. A questão não era nova, os bolcheviques vinham a discutir desde há anos duas possibilidades para a construção do socialismo: ou a revolução mundial permanente ou a construção, primeiro, do socialismo num só país e só depois a sua exportação. O próprio Lénine viabiliza a segunda hipótese em 1915 quando assegura que “é possível a vitória do socialismo primeiramente em poucos países do mundo ou mesmo num só país capitalista tomado por separado. O proletariado vitorioso desse país, depois de expropriar os capitalistas e de organizar a produção socialista no seu país, erguer-se-ia

¹⁷¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.51-52.

contra o resto do mundo, capitalista, atraindo para o seu lado as classes oprimidas (...) ¹⁷²” Quem mais tarde tentar acusar Lénine ou Estaline de oportunismo nesta questão claramente desconhece ou deliberadamente ignora as fontes teóricas prévias à Revolução. O próprio Trotsky que mais tarde representaria a corrente da revolução permanente, entre dúvida e dúvida, apoia Lénine na questão da paz separada, prelúdio do isolamento soviético, a construção do socialismo num só país e a russificação posterior do programa bolchevique sob Estaline que permanecerá sendo parte da construção da URSS até o seu colapso em diversos graus de intensidade.

2.1.5. – A construção do socialismo

Na medida em que o regime bolchevique se vai consolidando vai diminuindo a tolerância no debate político e cultural. Impõe-se a censura directa e indirecta através do controlo do material de publicações e o próprio partido perde a sua democracia interna. Mesmo nas campanhas de alfabetização e na organização da vida cultural, através de organismos como o Proletcult (Organização de “cultura proletária” que encorajava os esforços artísticos e criativos dos trabalhadores num espírito comunista), ou o MAPP (Associação Moscovita de de Escritores Proletários) e o VAPP (União Geral das Associações dos Escritores Proletários), o dirigismo do Partido era absoluto ¹⁷³. O “centralismo democrático” consistia em que os órgãos inferiores elegiam todos os órgãos superiores e participavam na toma das decisões, mas todos os comunistas eram obrigados a cumprir as decisões dos órgãos superiores quer concordassem ou não. Este princípio foi desprovido de significado. Também se proibiram os comités de fábrica e esvaziaram os sovietes de membros não bolcheviques até lhes retirarem qualquer

¹⁷² LÉNINE, V.I. Sobre a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.571.

¹⁷³ VOLKOGONOV, Dmitri. op. cit., p.386-387.

autonomia. A democracia proletária tornou-se depressa numa ditadura¹⁷⁴. No mundo da cultura, a autonomia em relação ao Estado desapareceu, algumas vezes com a própria colaboração da “intelectualidade”. Alguns aceitavam a nova ordem da vida, outros escolhiam a emigração. O período de 1921-25 é dramático: ao mesmo tempo que a criatividade se encontra em máximos, a perseguição é terrível. O poeta Mandelstam desafia o regime com poemas cifrados, Gumilov é fuzilado por actividades anti-soviéticas, Akhmátova é silenciada e tanto Essénin e Maiakóvski, que tinham apoiado o novo regime suicidam-se¹⁷⁵. Marina Tsvetáeva emigra em 1922 mas em 1939 decide voltar para dar ao seu filho uma pátria e juntar-se ao marido e filha, que tinham regressado dois anos antes. Esse mesmo ano a filha e o marido são presos e condenados, ela a trabalhos forçados durante nove anos e ele ao fuzilamento. Tsvetáeva suicida-se em 1941 e o filho morre na frente de combate em 1944¹⁷⁶. Não só o mundo da cultura burguesa é devastado, famílias e gerações inteiras sucumbem ao projecto de construção de um mundo novo, supostamente dirigido pelo Estado dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, os novos dirigentes publicam obras para a educação das massas fornecendo o modelo daquilo que a modernidade e o homem socialista deve ser e como se deve comportar. O próprio Trotski escreve uma obra sobre a vida quotidiana onde fornece um guia sobre como se deve “reconstruir o modo de vida”, partindo da premissa básica de que o homem vive só de “política”¹⁷⁷. Os excessos são inúmeros. A maioria da gente impressionava-se com a falta de moderação que partilhava todo o Partido. Desta forma, a campanha de propaganda era fundamental para ganhar adeptos e não perder os que já

¹⁷⁴ KENEZ, Peter. op. cit., p.76.

¹⁷⁵ MANDELSTAM, Ossip. Guarda minha fala para sempre. 1ª Edição. Lisboa. Ed. Assírio & Alvim, 1996. p.24-25.

¹⁷⁶ TSVETÁEVA, Marina. Depois da Rússia. 1ª Edição. Relógio D'Água Editores, 2001. p.12-13.

¹⁷⁷ TROTSKY, Lev. Sobre la Vida Cotidiana. 1ª Edição. Barcelona. Icária Editorial, 1977. p.11.

se tinham¹⁷⁸. Era um axioma que o “comunismo moderno” só se poderia construir quando se estabelecessem os fundamentos de uma sociedade com um elevado grau de instrução e industrialização. A ditadura do proletariado e a nacionalização dos meios de produção eram dois meios vitais para alcançar os fins do partido, mas tão importante quanto estas era a revolução cultural¹⁷⁹. Desde os seus inícios a revolução de Outubro tem como objectivo transformar a Rússia da cabeça aos pés pela via da aplicação de um programa orientado pelo marxismo-leninismo que não deixa de ser uma forma de ocidentalismo levado ao extremo. Não se toma em conta as características próprias do Império Russo nem as especificidades dos povos não russos, antes pelo contrário, a retórica oficial alimenta o internacionalismo proletário que unifica todos os operários do mundo numa causa comum, e assim que vai surgindo a possibilidade, os bolcheviques começam o “assalto às fortalezas”, isto é, a tentativa de alterar as relações tradicionais entre os homens com a igreja “exploradora”, as relações familiares autoritárias e conservadoras, as diferenças entre os sexos com a mulher oprimida pelo homem, as relações laborais e culturais; em soma, todos os aspectos da vida devem ser reformados. Os bolcheviques acreditam que o êxito da sua revolução dependia da educação. Queriam levar o esclarecimento a todo o povo, elevando-o ao nível cultural dos europeus ocidentais. Queriam formar novos quadros que substituíssem os antigos e funcionários no partido que conhecessem pelo menos as noções básicas do marxismo. Investiu-se bastante na educação política e a educação tornou-se um canal para propagar a ideologia¹⁸⁰. Esta aposta na educação, em conjunto com os serviços de saúde foram os maiores êxitos da política comunista ao longo de toda a existência da URSS.

¹⁷⁸ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.100-101.

¹⁷⁹ *Ibidem*. p.102.

¹⁸⁰ KENEZ, Peter. op. cit., p.104.

2.1.6. – Duas tendências no seio da revolução

O debate de ideias foi reduzido à sua mínima expressão mas nunca deixou de existir. Na política da revolução russa surgiram duas tendências porque os vencedores da revolução eram duas classes: a classe operária e a pequena burguesia, principalmente o campesinato. A tendência operária favorecia a rápida construção da indústria, o enfraquecimento das classes proprietárias através da colectivização da indústria e políticas que fortaleciam o papel do partido comunista sobretudo no planeamento económico centralizado. A tendência pequeno-burguesa favorecia a construção lenta do socialismo, mantendo ou incorporando aspectos do capitalismo. Ao redor destes princípios girava a diversidade¹⁸¹. Em diferentes períodos uma ou outra tendência triunfou e o próprio colapso do sistema nos anos oitenta tem como ponto de partida a luta entre elas. Mas o triunfo de Estaline veio a alterar em parte os planos iniciais bolcheviques e a política soviética ficará marcada até ao fim pelas decisões tomadas nos seus quase trinta anos de governo. Mantiveram-se os princípios leninistas do estado de partido e ideologia única, a manipulação da legalidade e o controlo estatal da economia, mas por outro lado, Estaline recrudescer o combate às aspirações nacionais e culturais e a perseguição religiosa, para além de levar ao extremo a centralização das instituições de governo. Mas, principalmente, Estaline desmantelou o sistema da Nova Política Económica implantado por Lénine que permitia a existência de características capitalistas numa economia dirigida – de facto, a “via pequeno-burguesa” – e começou a colectivização forçada do sector agrícola e o desenvolvimento industrial organizado em planos quinquenais. – Triunfando assim a “via operária” – O conceito de planificação tornou-se famoso em todo o mundo¹⁸². Se por um lado, os planos

¹⁸¹ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. O Socialismo Traído: por trás do Colapso da União Soviética. 2ª Edição. Lisboa. Avante! 2008. p.27.

¹⁸² SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.169-170.

quinquenais foram de facto um relativo sucesso em termos da rápida industrialização da URSS, a colectivização foi uma experiência falhada. Como consequência dela, os males da agricultura soviética nunca puderam ser corrigidos e o assassinio em massa dos inimigos de classe camponeses – os *kulaks* – por fins políticos vagamente definidos tornou-se uma possibilidade a ser estendida a toda a sociedade soviética¹⁸³. Não obstante, a colectivização teria uma importância crucial em algumas áreas da vasta União Soviética. O Estado aceitou a existência de duas formas de organização no campo: o *sovkhoz* e o *kolkhoz* sendo que o primeiro funcionava sob princípios de gestão similares aos de uma fábrica estatal enquanto que o segundo os membros eram premiados em função dos resultados obtidos¹⁸⁴. Em regiões como a Ásia Central, nas quais os povos existentes em grande medida ainda não se encontravam fixados na terra e possuíam organizações de lealdade tribal, o sistema soviético fixou-se no marco do *kolkhoz*. Desta forma as comunidades tornaram-se uma realidade económica e administrativa e os grupos solidários reconstruíram-se, substituindo a tribo pelo *kolkhoz*¹⁸⁵.

2.1.7. – As linhas gerais da revolução

Assim, o triunfo bolchevique em todo o antigo império russo é inesperado até para os próprios revolucionários que fazem da manutenção do poder o seu objectivo primordial. A rica discussão sobre o que é e deve ser a Rússia levado a cabo nas últimas décadas do Czarismo é progressivamente silenciada na medida em que os comunistas conseguem monopolizar o poder até estabelecer uma ditadura que, de ser supostamente

¹⁸³ KENEZ, Peter. op. cit., p.124.

¹⁸⁴ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.181.

¹⁸⁵ ROY, Olivier. op.cit., p.xviii.

do proletariado se torna de facto na ditadura de uma certa elite cristalizada no Partido Comunista. Este Partido representa ideias radicais vindas de ocidente e cuja temática central se encontra nos princípios marxistas da luta de classes e da abolição da propriedade privada. O debate da “Ideia de Rússia” é abandonado. No entanto, a realidade russa do momento não se ajusta aos ideais marxistas, razão pela qual Lénine, altamente pragmático ajusta o programa às condições reais do Estado herdado criando a ideologia marxista-leninista. Nos primeiros anos ainda se espera uma revolução mundial mas quando esta não acontece, o Estado opta pela construção de um Estado socialista num só país, decisão esta que levará a fechar novamente as fronteiras e evitar a influência estrangeira. Desta forma o Partido ocidentalizador torna-se ironicamente o responsável pelo abandono da Rússia do Ocidente, empenhado na construção de uma nova sociedade e um novo homem, projecto este que se irá russificando com o passar dos anos. A repressão e o pensamento único tornam-se a norma e a sociedade, traumatizada pelos excessos políticos afasta-se da política e torna-se ainda mais apática do que já era nos tempos do czarismo. O regime aposta fortemente na saúde e na educação como veículo de propaganda mas também por uma genuína preocupação em elevar os níveis de vida dos seus cidadãos. Ao mesmo tempo, dá prioridade à industrialização sobre o consumo, o que a longo prazo se tornará num obstáculo à elevação da qualidade de vida. No campo, a colectivização forçada terá resultados desastrosos mas nalgumas áreas como na Ásia Central, servirá para criar um novo marco institucional para o relacionamento entre os cidadãos e o Estado. Ao longo da sua existência a URSS mudará de políticas conforme as opções tomadas pelo secretário-geral que ocupe o cargo no momento, mas estas serão as linhas de orientação. Existirá internamente um debate entre uma via operária e uma via pequeno-burguesa de desenvolvimento no plano económico e um debate entre internacionalismo e

russificação no plano social e na construção do *homo sovieticus*. Mas estes debates serão em larga medida ignorados no mundo ocidental que continuará a debater-se com a Rússia: para uns será durante um tempo a terra prometida, para a maioria, o adversário que sempre foi.

2.2.– Os pilares da União Soviética e a sua política externa identitária

2.2.1. – Linhas de continuidade na história russa

A União Soviética teve como pilares fundamentais a ideologia marxista-leninista, o centralismo burocrático e económico através da nacionalização dos meios de produção, e o projecto de construção de um novo homem inserido numa nova sociedade através de uma revolução cultural. Nesta tarefa, o Partido Comunista - representante da ditadura do proletariado - assumiu o papel central e quase exclusivo de guiar o novo Estado plurinacional que ocupou o desaparecido Império Russo, herdando muitos dos seus problemas e criando novos no seu processo de implementação. Existe uma linha de continuidade em todos os momentos da história russa, seja pré-soviética, soviética ou pós-soviética; que é o carácter dirigista do sistema assente em princípios de centralismo e autoridade¹⁸⁶. O outro traço característico continuado é a existência e importância de uma rede de relações clientelistas e patrimonialistas. Estas redes encontravam-se muito estendidas no Império, mas, durante a existência da URSS tornaram-se omnipresentes. O Grande Terror de 1937-1938 liderado por Estaline tinha como propósito suprimi-las mas este veio a descobrir que todo o sistema poderia ver-se fatalmente desestabilizado se persistia na sua tentativa. Assim, ficou tacitamente estabelecido que os dirigentes públicos poderiam promover os seus protegidos¹⁸⁷. A situação continua a verificar-se hoje, período no qual Vladimir Putin controla as alavancas do poder, promovendo amigos próximos do seu círculo de São Petersburgo (como Dmitri Medvedev) ou da antiga KGB (como Serguei Ivanov) após ele próprio ter pertencido ao círculo interno de

¹⁸⁶ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa. No seu; FREIRE, Maria Raquel. (coord.) Política Externa. As Relações Internacionais em mudança. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.149.

¹⁸⁷ SERVICE, Robert. Rússia, op.cit., p.99.

poder da "família" política de Ieltsin.¹⁸⁸ Especial relevância tem este fenómeno na política da Ásia Central tanto no período soviético como no período actual onde a política de colectivização e fixação à terra levou à formação de grandes *kolkhoz* onde surgiram grupos de solidariedade que dominavam a política das repúblicas e a sua relação com o Estado soviético através de redes de influência pessoal dos seus dirigentes. Neste sentido, a importância do localismo é fundamental pois os quadros encontravam-se plenamente indigenizados¹⁸⁹.

2.2.2. – A descontinuidade da revolução

Existem porém, também discontinuidades periódicas importantes de assinalar porque demonstram uma diferença entre o discurso soviético e a sua realidade. O internacionalismo proletário é um dos casos mais importantes. Lénine defendera desde o início a criação de uma federação de Repúblicas Soviéticas na qual todos os povos e territórios do antigo império seriam bem-vindos em igualdade de termos na qual os russos não iam gozar de privilégios especiais. Favorecia-se assim o termo *Rossískaya* em vez de *Russkaya*, pois este tem conotações étnicas e correspondia ao modelo de russificação forçada implementada nos últimos anos do império¹⁹⁰. Assim, durante a guerra civil permitiram o estabelecimento de Estados, dando a entender terem aceite - conforme o seu programa – o princípio de autodeterminação, sempre e quando servisse o interesse do proletariado¹⁹¹. No entanto, a chegada ao poder de Estaline, o isolamento da URSS e posteriormente a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria provocaram que o projecto internacionalista e a construção do homem novo, o *homo sovieticus*

¹⁸⁸ STUERMER, Michael. op. cit., p.56.

¹⁸⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.88-89.

¹⁹⁰ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.93-94.

¹⁹¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.59.

adquirissem tons de nova campanha de russificação. A partir de 1934 o estado soviético fomenta o orgulho nacional russo e em 1938-1939 o idioma russo torna-se obrigatório nas escolas. O internacionalismo e o seminacionalismo russo passam então a estar unidos numa difícil coabitação¹⁹². No entanto, é preciso não generalizar esta situação. Na verdade, nunca existiu uma política de russificação constante e coerente ao longo da existência da URSS. Diferentes secretários-gerais tiveram diferentes atitudes e a própria fundação e modelo de construção da União impedia uma possível russificação massiva como veremos adiante. No Cazaquistão por exemplo nunca existiu uma elite política russa apesar de terem chegado a ser a maioria da população da república¹⁹³. No pior dos casos, a política estalinista foi um regresso ao modelo czarista tardio que afectou sobretudo as elites políticas.

A segunda grande descontinuidade, directamente ligada à primeira; é o messianismo político que se encontra no discurso soviético, mas que na realidade se vai esvaziando de significado real em paralelo com o internacionalismo proletário. Nos dois anos após Outubro, uma onda revolucionária varreu o globo desde a Alemanha até o México, passando pela Índia. Foi um acontecimento que verdadeiramente abalou o mundo e criou uma fornada de revolucionários e revoluções¹⁹⁴. No entanto, o final da guerra, a “manobra” americana do Presidente Wilson de jogar a cartada nacionalista nos seus Catorze Pontos e a união dos regimes liberais no sentido de evitar a progressão bolchevique tem como consequência que Moscovo perca a fé e a capacidade operativa de apoiar a revolução mundial fora de discursos e instituições como a Internacional Comunista que desaparece dando passo a um *realismo marxista*, que pretendeu

¹⁹² SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.93-94.

¹⁹³ ROY, Olivier. op. cit., p.88-89.

¹⁹⁴ HOBBSBAWM, Eric. op. cit., p.73-74.

congregar num só conceito o *interesse nacional* e o *internacionalismo proletário*, subordinando esta componente àquela¹⁹⁵. Este processo não ocorre de forma organizada nem na maior parte das vezes de propósito, mas antes como adaptações às realidades históricas que os bolcheviques encontram. No "império interior", nomeadamente na Ásia Central, os bolcheviques são obrigados a abandonar o antagonismo de classe e utilizar o conflito inter-étnico para favorecer os seus interesses¹⁹⁶. Cedo descobrem que nesta região o modelo de novo mundo que oferecem não é demasiadamente apelativo. Pior ainda serão as condições na Europa de Leste onde a memória de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht já estará morta à chegada do comunismo. Aí será imposto sob a mira das armas em meia dúzia de países que não o queriam e por homens cuja primeira lealdade era à URSS e só depois à ideologia comunista.¹⁹⁷ A retórica revolucionária foi assim abandonada em favor das tradicionais prioridades geopolíticas¹⁹⁸. Mais do que isso, cedo voltou-se ao peso histórico da "Grande Rússia" como factor determinante na orientação das suas políticas¹⁹⁹.

Estas continuidades e descontinuidades reflectem-se claramente tanto na construção da URSS enquanto entidade política unificada com as suas respectivas fronteiras internas e externas como na definição dos povos que a habitam. Ambos processos são fundamentais para perceber o espaço pós-soviético actual e o relacionamento da Rússia com os seus vizinhos e podem ser considerados ao mesmo

¹⁹⁵ MOREIRA, Adriano. Teoria, op. cit., p.137.

¹⁹⁶ ROY, Olivier. op. cit., p.50.

¹⁹⁷ SEBESTYEN, Victor. Revolução 1989: a Queda do Império Soviético. 1ª Edição. Lisboa. Presença, 2009. p.34.

¹⁹⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. Central Asia, views from Washington, Moscow and Beijing. Ed. M.E. Sharp. p.78.

¹⁹⁹ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op.cit., p.150.

tempo tanto como pertencentes à esfera da política interna como da política externa. A tensa relação entre ambas esferas era administrada com relativa facilidade devido a que o modelo político era fortemente dirigista e centralizado na liderança soviética e portanto permitia um processo de decisão e implementação unificado sem abertura a críticas ou pressões antilinha do Partido. Desta forma, as dinâmicas internas estavam rigidificadas no poder centralizado; apenas na transição dos anos noventa é que os problemas previamente ignorados viriam a ressurgir na agenda política²⁰⁰. É indubitável a existência de uma linha ideológica a guiar a política soviética, mas como podemos observar nas continuidades e descontinuidades da tomada de decisões, é também óbvio que os bolcheviques foram obrigados a improvisar e adaptar-se às difíceis condições que foram encontrando²⁰¹.

2.2.3. – A construção da URSS: politica das nacionalidades

A construção da URSS é, ao mesmo tempo um triunfo extraordinário e a semente dos problemas futuros. O projecto consistia em construir um novo mundo sem perder os territórios do antigo, missão deveras complicada uma vez que a desintegração do Império era a razão do triunfo da Revolução. As duas questões fundamentais são os povos e as fronteiras de cada Estado da União. Os comunistas herdaram parte do gigantesco Império habitado em 1917 por quase cento e vinte e três milhões de habitantes dos quais quase vinte e sete por cento deles não eram sequer eslavos. O império inicialmente apenas lhes pedia lealdade à coroa mas a partir do século XIX as crescentes tensões dos diversos povos na sua luta pela independência levou a uma

²⁰⁰ FREIRE, Maria Raquel. **A Política Externa em transição: o caso da Federação Russa.** *Relações Internacionais*, set. 2009, no.23. p.77.

²⁰¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.50.

mudança na política czarista que aumentou a repressão e a vontade de russificar, sobretudo as elites. A realidade herdada pelos revolucionários supera qualquer teoria. No entanto, os bolcheviques foram inicialmente fiéis ao seu programa e permitiram a independência dos povos que a desejassem. Naturalmente era um ponto ideológico importante, mas não se pode negar que foi também uma atitude inteligente e oportunista, pois os Brancos, inimigos do novo regime na Guerra Civil que alastrava jamais o permitiriam. Assim, enquanto não tivessem poder para impedir o estabelecimento desses Estados, não se lhes opunham abertamente²⁰². Mas desde o primeiro dia trabalharam para recuperar todos os espaços perdidos, quase sempre de forma pragmática, adaptando-se aos povos e ao terreno no qual combatiam. No Turquestão por exemplo (província única que ocupava tudo aquilo que hoje conhecemos como Ásia Central) procedeu-se à *indigenização* dos quadros do Partido e apoiou-se um sector muçulmano moderado que no entanto desenvolveu ideais pan-turquistas que afastavam a província do controlo de Moscovo, o que provocou a sua rejeição e eliminação do projecto assim que os bolcheviques tiveram força para tal²⁰³. A questão da *indigenização* tornou-se de grande importância. A Revolução estava a ser feita em nome dos despossuídos da Terra e neste contexto, os Grão-Russos eram vistos como os exploradores do resto dos povos, atrasados e indefesos. Os líderes bolcheviques, eles próprios Grão-Russos vêm-se desta forma. Lenine ao referir-se à questão das nacionalidades define-os como “chauvinistas, canalhas e opressores” e reconhece o falhanço destes na questão nacional dos não russos²⁰⁴. A única solução viável passava então por formar quadros “indígenas” que levassem a cabo a

²⁰² KENEZ, Peter. op. cit., p.59.

²⁰³ HIRO, Dilip. op. cit., p.39.

²⁰⁴ LÉNINE, V.I. Sobre a questão das nacionalidades ou da “autonomização”. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo III. Lisboa. Avante! 1977. p.649.

sovietização dos seus próprios territórios e posteriormente voltassem por vontade própria à União sediada em Moscovo. Surge então a necessidade de definir os povos, o seu território, a sua língua e características culturais próprias, sendo que ao mesmo tempo, estas unidades devem ter um tamanho manejável e não devem unir-se entre si mas sim com Moscovo de forma bilateral. Começa desta forma umas das maiores construções sociais humanas de sempre: as nacionalidades dentro da União Soviética.

Os instrumentos utilizados nesta política de “nacionalidades” foram os mesmos tanto para os czares como para os soviéticos: a etnografia e a linguística. Até este ponto os soviéticos não inventam nada novo, apenas aplicam uma política de continuidade. No entanto, em 1924 quando dividem o território em nações - as mesmas que na década de noventa se tornarão independentes – tornam-se pioneiros em forjar, não apenas nações mas também línguas, histórias nacionais, folclores e literaturas em espaços geográficos onde nunca tinham existido; nomeadamente na Ásia Central. O princípio guia será o de “um grupo étnico, um território.” Segundo a sua importância poderão ser repúblicas autónomas, regiões autónomas e territórios nacionais. Para o ano 1936 estas divisões serão definitivas²⁰⁵. Relacionar uma etnia com uma nação também não constituiu uma novidade em relação com o antigo Império ou com outras nações pluriétnicas, o que é novidade é o patrocínio do Estado da codificação e institucionalização da Nação e da nacionalidade exclusivamente nos subestados em vez de ao nível global do Estado. Assim, a URSS patrocina activamente um modelo de *multinacionalidade institucionalizada* e desta forma a Nação de pertença e a nacionalidade tornam-se categorias sociais distintas da cidadania e da pertença ao Estado soviético²⁰⁶. O *etno-*

²⁰⁵ ROY, Olivier. op. cit., p.61.

²⁰⁶ BRUBAKER, Rogers. op. cit., p.49-50.

federalismo soviético caracteriza-se por ser centralista no conteúdo e federalista na forma²⁰⁷. A partir de 1924, com a morte de Lenine, o Estado soviético desenvolve uma teoria oficial sobre as nacionalidades patrocinada por Estaline e baseada em quatro critérios: uma língua comum, um território unido, uma vida económica partilhada e uma cultura comum. Existindo três destes elementos, o Estado soviético proporcionou o que faltava; o território unido. Mas no processo, os ideólogos de Moscovo muitas vezes exageraram as diferenças existentes entre os povos fazendo com que a realidade se adaptasse à teoria em vez de adaptar a teoria à realidade. Por outro lado, era importante limitar os contactos com os povos islâmicos vizinhos que influenciavam os modos de vida da Ásia Central e alimentavam o pan-turquismo, pelo que as diferenças linguísticas foram exacerbadas ao máximo e a escrita foi mudada para a forma latina, cortando assim a capacidade de compreender os livros que provinham do estrangeiro embora a língua fosse quase idêntica. O cirílico não foi utilizado porque isso daria a sensação de uma superioridade russa e a continuação da política de russificação dos czares. Deste processo de separação artificial dos povos vão surgindo as futuras unidades territoriais conforme fossem ocupados por uma maioria ou outra, embora por vezes este critério fosse ignorado em prol de outros interesses. De facto, a divisão territorial não foi tão dirigida por Moscovo como se poderia pensar, uma vez que os líderes do Partido nacional desconheciam em grande medida a realidade no terreno. Em realidade, existiu um constante processo negociador entre o centro e os comunistas “indígenas”, e as discussões entre estes chegou a ser tão intensa que deram lugar a muitos dos enclaves – territórios sob administração de uma república no interior de outra – que hoje ainda existem e são fonte de disputas e inclusive guerras²⁰⁸. O propósito final desta construção

²⁰⁷ ZURCHER, Christoph. op. cit., p.24.

²⁰⁸ HIRO, Dilip. op. cit., p.44-46.

nacional era que os povos não olhassem os uns aos outros com propósitos solidários mas que olhassem para o centro e, embora se soubessem pertencentes a uma nacionalidade específica, tivessem orgulho de pertencer a uma maior, a soviética, que era a identidade da causa socialista, do internacionalismo proletário; e em última instância, a pátria final na qual todos se fundiriam²⁰⁹. Não se pensava que os enclaves poderiam tornar-se pontos de tensão nem que as novas Repúblicas pudessem um dia reclamar a independência, pois nas esperanças dessa primeira geração de revolucionários, esta era apenas uma primeira fase na construção do *novo homem socialista*, um ser de tal forma aperfeiçoado que alcançaria “um nível mais alto e criaria um tipo biológico e social superior, um super-homem (...) de forma tal que o homem médio alcançaria a altura de um Aristóteles, um Goethe, um Marx”²¹⁰. Não foi assim que a história quis, antes pelo contrário, a longo prazo a demarcação administrativa do território conforme critérios nacionais e étnicos contribuiu para alimentar o nacionalismo e a permissividade linguística e cultural ajudou a desenvolver as respectivas identidades nacionais. Sem dar por isso, Lenine apenas atrasou o processo de desintegração e contribuiu para agravar o problema das nacionalidades que estalaria no final da década de oitenta²¹¹. As políticas estalinistas contribuíram no mesmo sentido a partir dos anos trinta quando, de modo cada vez mais acelerado fomentou o ressurgimento do nacionalismo russo ao alinhar o patriotismo soviético com a maior das nações que formavam a União: a Rússia. Todo o projecto desenvolvido na década de vinte foi assim posto em causa e a língua russa que tinha servido como língua franca torna-se obrigatória em todas as escolas de nível médio e as línguas nacionais recém-

²⁰⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.63.

²¹⁰ TROTSKY, Lev. Literatura y Revolución. Ediciones digitales Izquierda Revolucionaria. 2006. p.160. Disponível online: <http://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920s/literatura/indice2.htm>

²¹¹ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.138.

criadas usando o alfabeto latino são obrigadas a mudar para o cirílico²¹². Esta situação, a longo prazo criará ressentimento entre os quadros indigenizados dos Partidos das repúblicas.

2.2.4. – Política territorial

Como vimos então, a cada grupo étnico devia corresponder um território e desta forma nasce formalmente a URSS no dia 1 de Janeiro de 1924²¹³. Por primeira vez em séculos, a “Rússia” distingue-se claramente do resto do Estado tanto desde um ponto de vista administrativo como territorial. É por definição a única das Repúblicas que não surge seguindo o princípio étnico uma vez que desde a sua origem é uma Federação cujo nome é “República Soviética Federativa Socialista Russa” (RSFSR). No título utiliza-se a forma *Rossiskaia* e não *Russkaia* o qual implica que a república pertence a todos os que nela vivem e não apenas aos russos étnicos. Não é portanto um Estado nacional russo mas um Estado que inclui uma multiplicidade de nações; uma Federação dentro da União. Será ao longo da história soviética, a entidade que mais alteração de fronteiras vai sofrer. No período de 1924-26 o Politburo cria as Repúblicas Soviéticas de Uzbequistão e Turquemenistão, que são extraídas da RSFSR. Por sua vez, em 1929 é extraída do Uzbequistão a RSS²¹⁴ de Tadjiquistão. No mesmo período ainda, uma parte do território foi transferido para a RSS de Bielorrússia. A maior perda territorial deu-se porém em 1936 com a criação da RSS de Cazaquistão que se transformou na segunda maior república da União. O processo não ficou aí. Nos anos trinta, a política externa soviética mudou radicalmente com a assinatura do Pacto de não-agressão com a

²¹² KENEZ, Peter. op. cit., p.165-166.

²¹³ Ver Anexo 2, p.223.

²¹⁴ RSS – República Socialista Soviética. Todas as Repúblicas serão assim denominadas.

Alemanha nazi. Graças a ele, Estaline conseguiu expandir a fronteira da URSS à Polónia oriental e a anexação das RSS de Estónia, Lituânia e Letónia que se tornaram as repúblicas décimo terceira, décimo quarta e décimo quinta respectivamente. A Finlândia foi também invadida provocando a Guerra de Inverno de 1939-40 que desembocou num humilhante empate para o Exército Vermelho que apesar de tudo conseguiu deslocar a fronteira mais a norte criando maior espaço entre Leninegrado e a Finlândia. O final da Segunda Guerra Mundial permitiu mais um aumento de território que beneficiou sobretudo as RSS de Ucrânia e Bielorrússia que anexaram territórios pertencentes à Polónia mas também a RSFSR se viu aumentada ao manter o controlo directo sobre a Königsberg alemã que se passou a chamar Kaliningrado e as ilhas Curilhas e a Sacalina no Oceano Pacífico que voltam assim a território russo após terem sido perdidas na guerra russo-japonesa de 1904-05. A última grande alteração das fronteiras dar-se-á novamente em prejuízo da RSFSR em 1954 quando Nikita Khrushchov transfere a Crimeia para a RSS da Ucrânia²¹⁵. Neste processo, a Segunda Guerra Mundial tem um papel fundamental tanto nos elementos positivos como nos negativos da formação identitária soviética. Positivamente, o regime consegue por primeira vez uma unidade nacional não dependente do terror e da repressão interna. O inimigo comum possibilita o terror externo necessário para apelar ao sentido patriótico soviético. Os propagandistas realçaram o tema da amizade entre os povos da união com sucesso e até a Igreja Ortodoxa é reabilitada oficialmente, contribuindo para o esforço da unidade. No entanto, negativamente, o processo de russificação começado previamente por Estaline intensifica-se até níveis perigosamente próximos aos da última fase do império. Chega-se ao ponto de abandonar o tema da solidariedade entre os povos em favor da recuperação do pan-eslavismo. A vitória da unidade nacional não pode esconder o facto

²¹⁵ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.39-44.

de que, para a maioria do povo, era a defesa da pátria e não a defesa do sistema comunista que importava²¹⁶. Previamente, uma decisão administrativa tomada em 1932 contribuiu também negativamente para o fracasso do projecto da fusão dos povos. A partir desse ano os habitantes da cidade eram obrigados a possuir passaportes internos nos quais se especificavam os dados pessoais, entre os quais a nacionalidade. Assim, os cidadãos viram-se obrigados a escolher definitivamente uma nacionalidade²¹⁷. A Segunda Guerra Mundial contribuiu para que todos os cidadãos soviéticos se sentissem unidos, mas quando esta chegou ao seu fim, as nacionalidades diferenciadas continuavam nos passaportes assim como os sentimentos de pertença localistas alimentados pelo próprio sistema. Esta mudança no pensamento soviético não é de pouca importância. Para os primeiros revolucionários a questão das nacionalidades era passageira e haveria de se resolver com o avanço do socialismo; mas para o Estalinismo, as nacionalidades tornam-se cada vez mais algo de primordial e inalterável. Desta forma, as minorias nacionais tornam-se passíveis de se tornarem “inimigas” do regime e de facto tornam-se e são perseguidos na década de trinta os polacos, finlandeses e alemães do Volga. Em 1937 é a vez de os Coreanos serem deportados e finalmente, no período da GGP, o terror chega ao seu auge com a deportação de povos inteiros²¹⁸. Estes eram enfiados em comboios e abandonados nas grandes estepes do Cazaquistão muitas vezes por sua conta. Quase metade deles morreram e as suas regiões autónomas foram simplesmente eliminadas do mapa ou rebaptizadas, sendo repovoadas por outros povos. Em 1956 o governo de Khrushchov reabilitou quase todos e permitiu-

²¹⁶ KENEZ, Peter. op. cit., p.203-205.

²¹⁷ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.202.

²¹⁸ Entre Setembro de 1941 e Novembro de 1944, foram deportados: 382.000 Alemães do Volga; 73.737 Karacháis; 131.271 Calmucos, 407.690 Chechenos; 92.074 Ingussétios; 42.666 Balkários; 202.000 Tártaros da Crimeia e 200.000 Turcos Meskhetianos.
The Cambridge History of Russia, Volume III – The Twentieth Century. Edited by Ronald Grigor Suny. Cambridge University Press, 2006. p.502.

lhes regressar aos seus territórios, mas as consequências a longo prazo destas operações foram muito graves, minando para sempre o projecto do cidadão soviético e sendo a principal razão dos conflitos étnicos em muitas regiões na década de oitenta e noventa²¹⁹. Finalmente cabe destacar que a política identitária soviética foi sempre utilizada não só como instrumento de política interna como também de política externa. As nacionalidades foram criadas sob o princípio da “ponte dupla”, sendo a ideia privilegiar aqueles grupos étnicos que poderiam favorecer os interesses da URSS nos países vizinhos onde formavam minorias e quebrar aqueles que por sua vez poderiam funcionar para promover interesses estrangeiros dentro da URSS. Os povos favorecidos perdiam por vezes o seu estatuto e outros os substituíam conforme os interesses e necessidades do momento²²⁰. Esta política foi mantida com altos e baixos durante toda a existência da União até à retirada definitiva de Afeganistão e contribuiu também para a desestabilização do modelo etno-federalista.

2.2.5. – Identidade, ideologia e interesses permanentes da Rússia

Podemos afirmar que a política externa da União Soviética foi sustentada em três pilares fundamentais: a identidade, a ideologia e os interesses permanentes da Grã-Rússia. Aquilo que provoca mudanças de orientação no comportamento internacional soviético não é a alteração constante de pilares mas sim da sua ordem de importância. O processo de construção identitária ainda se encontra em curso com influências europeias e asiáticas em permanente tensão, sobretudo nesta nova fase pós-soviética. Este debate interno tem marcado desde sempre a própria delineação da política externa conforme as elites no poder se aproximem mais ou menos à russificação, ocidentalização ou

²¹⁹ Ibidem. p.503.

²²⁰ ROY, Olivier. op. cit., p.67.

asiatização, ou em terminologia actual, a posições euro-atlantistas, eurasianistas ou nacionalistas²²¹. Por seu lado, a ideologia sustenta-se inicialmente em Marx e Lenine. Marx explica que “A história de todas as sociedades humanas até hoje tem sido a história da luta de classes²²²” portanto pressupõe-se nas relações internacionais um conflito entre nações exploradoras e exploradas da mesma forma que entre exploradores e explorados na sociedade. Lenine desenvolve este ponto de vista explicando a sua época como a do imperialismo; a fase superior do capitalismo, a qual se caracteriza por “o enorme incremento da indústria e o processo notavelmente rápido de concentração da produção em empresas cada vez maiores”²²³. Esta situação apenas pode levar a conflitos internos e a uma inevitável guerra mundial a curto prazo. Assim, existirá no futuro certamente uma luta entre soviéticos e imperialistas. No entanto, dadas as circunstâncias históricas, Estaline hesitaria ao longo do tempo entre a teoria da *inevitabilidade da guerra* e a *coexistência pacífica*. Este conflito doutrinário seria resolvido por Khrushchov em favor da *coexistência pacífica* dado o avanço tecnológico fornecido pelas armas atómicas. Para ele, a passagem não violenta do capitalismo ao socialismo era possível e preferível. A competição podia e devia ser económica e ideológica. Esta orientação provocou a quebra da unidade socialista com o afastamento da China de Mao que não aceitava a opção pacífica. Na verdade, a União Soviética desenvolveu desde então o chamado *realismo marxista* que pretendeu congrega o *interesse nacional* mais o *internacionalismo proletário*. Na verdade, o resultado desta tentativa derivou numa política de *moral de responsabilidade comunista* que vinha sendo o mesmo que em

²²¹ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.151.

²²² MARX, Karl y ENGELS, Friedrich. op. cit., p.49.

²²³ LÉNINE, V.I. O Imperialismo, fase superior do capitalismo. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.586.

ocidente se chama *razão de Estado*²²⁴. Neste contexto, Leonid Brejnev, sentindo-se seguro da sua força e do desenvolvimento positivo do regime lançou-se num envolvimento mais activo na arena internacional, começando nos seus estados satélite onde aplicou a chamada *doutrina Brejnev* perante a qual a URSS não permitiria qualquer tentativa de minar o poder central de Moscovo.

A razão de Estado torna-se portanto sem nenhuma dúvida o princípio guia da URSS. Mais tarde, lançou-se-á mesmo para além dos estados satélite, intervindo em diferentes zonas do mundo, de entre as quais a mais importante no Afeganistão. Nos anos setenta a União Soviética procurou reposicionar o seu estatuto de superpotência tentando resolver as suas crises internas e iniciando um processo de diálogo face ao exterior de modo a alterar a sua imagem de poder iliberal²²⁵. A última modificação na política externa soviética dá-se na década de oitenta com a chegada ao poder de Mikhail Gorbatchev que se apercebe de que o Estado mantém o estatuto de superpotência militar mas encontra-se num nível inferior em relação às potências ocidentais no campo económico e no desenvolvimento de alta tecnologia para propósitos civis. Neste contexto, é inevitável reformar o sistema através de um *novο pensamento* baseado na *perestroika* (reestruturação), na *glasnost* (transparência) e na *demokratizatsiia* (democratização). A única forma de levar a cabo este ambicioso plano é desviar dinheiro do complexo industrial-militar para o civil e isso só se consegue através da

²²⁴ MOREIRA, Adriano. Teoria, op. cit., p.136-137.

²²⁵ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.153-154.

negociação com Ocidente de normas de segurança e convívio pacífico, ou seja, através da normalização das relações internacionais²²⁶.

No plano externo Gorbachev alcançou um relativo sucesso nas relações com Ocidente mas o deteriorar económico herdado era muito maior do imaginado. Pior do que isso, o secretário-geral acreditava - como muitos outros membros da liderança soviética - que a acção afirmativa levada a cabo por Rússia em relação aos outros povos da União desde os tempos de Lénine e Estaline com o objectivo, em grande medida alcançado, de acelerar o progresso económico e cultural dos mesmos tinha sido um sucesso. Mas muitos problemas subsistiam. Os russos pareciam não compreender a ameaça à nacionalidade e à língua que implicava a migração massiva de trabalhadores russos para as pequenas repúblicas, desequilibrando a composição étnica e linguística. Os próprios russos sentiam-se descontentes com o continuado financiamento às repúblicas periféricas no seu prejuízo. As tensões eram cada vez maiores e as sublevações não reprimidas na Europa de Leste em 1989 apenas serviram para as tornar insuportáveis. No período de 1989-91 o Estado federal multinacional chegou ao seu fim²²⁷. A queda da URSS deu-se porque a própria elite no poder tentou substituir os pilares sobre os quais todo o edifício se mantinha em pé, embora naturalmente esses mesmos pilares se encontrassem notoriamente desgastados. A coesão social dependia de uma ideologia unificada sustentada em princípios marxistas-leninistas e implicou a perda de identidade, agregada durante décadas sob a planificação e governação centralizada do Partido Comunista; pôs em marcha um processo de transição para um

²²⁶ SMOLANSKY, Oles M. **Soviet Foreign Policy under Gorbachev**. p.2.

Disponível online:

http://www.ieei.pt/files/OlesMSmolansky_Soviet_Foreign_Policy_under_Gorbachev.pdf

²²⁷ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.207-208.

modelo de governação que a Rússia nunca antes tinha experimentado; alterou fronteiras e exigiu redefinição de relações com uma vizinhança instável, lado a lado com a redefinição do papel e lugar da Rússia na Europa e no mundo²²⁸. Muitos dos problemas que poderíamos considerar de âmbito interno tornam-se de política externa com a independência das Repúblicas. Desta forma, a Rússia entrou numa nova fase da sua conturbada história.

²²⁸ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.157.

2.3.– O colapso e a Rússia pós-soviética

2.3.1. – Colapso: o papel do PCUS

No dia 31 de Dezembro de 1991, após 69 anos de existência, a União de Repúblicas Socialistas Soviéticas deixa oficialmente de existir, e a bandeira vermelha com a foice e o martelo desaparece definitivamente do Kremlin, substituída pela bandeira da Rússia²²⁹. Mais uma vez, o gigantesco Estado encontra-se perante uma situação sem precedentes: tentar construir um sistema político completamente novo e adequado ao final do século XX sob as ruínas da fracassada experiência comunista. Alguns autores como Kenez encontram paralelismos à situação em que a Rússia se encontrava em 1917. Mais uma vez, um regime caduco e conservador foi abalado por um período de liberalização que conduziu à anarquia. Mais uma vez este regime desfez-se sozinho e mais uma vez o colapso do centro revelou uma profusão extraordinária de nacionalismos. Até o golpe de estado de Agosto de 1991 levado a cabo pela “linha dura” do Partido encontra paralelismo com o golpe de Estado de Agosto de 1917 de Kornilov na forma “absurda” e sem apoio popular com que foram organizados. No entanto, o mesmo autor ressalta aquela que foi de facto a diferença fundamental entre 1917 e 1991: o regime soviético desapareceu de uma forma relativamente pacífica²³⁰. Com isto não se pretende insinuar que não houve violência nem mudanças traumáticas na vida de milhões de cidadãos soviéticos, ou nem mesmo insinuar que não houve guerras, que as houve em número de sete entre 1988 e 1997.²³¹ Mas a situação não derivou numa guerra civil como em 1917, coisa que poderia ter acontecido. Uma das razões principais para isto ter acontecido se não mesmo a principal é que a mudança foi

²²⁹ Ver Anexo 3, p.224.

²³⁰ KENEZ, Peter. op. cit., p.363-365.

²³¹ ZURCHER, Christoph. op. cit., p.IX.

impulsada desde o interior do próprio Partido Comunista sob o comando, primeiro de Andrópov e depois de Gorbachev. Ambos secretários-gerais perceberam até certo ponto a gravidade dos problemas do sistema soviético e tentaram reforma-lo sem pretender derrubá-lo. O primeiro, antigo líder da KGB, conhecedor das ideias da dissidência e experiente em política externa conduziu os seus esforços reformistas desde o conservadorismo comunista; o segundo, pertencente a uma nova geração de dirigentes do Partido assumiu uma postura mais liberal e apressada. Ambas figuras representam de certa forma as duas tendências na política soviética: Andrópov próximo da tendência proletária e Gorbachev próximo da tendência pequeno-burguesa²³². No entanto, as suas posições políticas encontravam-se relativamente próximas e o primeiro patrocinou a ascensão do segundo dentro do seu grupo de colaboradores “progressistas” no qual se incluíam outras personagens fundamentais no desenvolvimento do futuro “novo pensamento político” postulado por Gorbachev como Georgi Shakhnazarov²³³. Andrópov, nascido em 1914, era um dirigente político brilhante e era ideologicamente severo, considerado de linha dura. Participou na repressão das revoltas húngaras de 1956 enquanto embaixador soviético e foi promovido a chefe da KGB. Graças a estas qualidades, Andrópov foi eleito Secretário-Geral do Partido à morte de Brejnev e a sua prioridade imediata foi restabelecer a ordem e a disciplina²³⁴. O objectivo era resolver os problemas económicos da URSS que se tinham acumulado no longo período de Brejnev. O ano de 1982 assinalou o pior registo de produtividade do trabalho e crescimento económico da história soviética e foi o quarto ano consecutivo de más

²³² KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.25-26.

²³³ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.316.

²³⁴ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.399-400.

colheitas. Assim, o lema era “quanto melhor trabalharmos, melhor viveremos”²³⁵. A questão fundamental era que Andrópov ainda acreditava no Marxismo-Leninismo e na planificação central. Mas a economia não é a única questão problemática que herda Brejnev. Verifica-se também na década de oitenta um revivalismo da religião na Rússia entre as classes mais baixas. Brejnev pouco fez para controlar o surgimento de pequenos cultos não ortodoxos no seio da população, afastando-se assim da política ateia de Khrushchov, mas não liberalizou as religiões, apenas ignorou o problema. Mas o novo fenómeno que se verificava era um revivalismo da igreja ortodoxa e junto com ela um novo sentimento de pertença à Rússia afastado do modelo comunista.²³⁶ Naturalmente, os acontecimentos que se desenvolviam na Europa de Leste alimentavam esta situação no seio da URSS. A eleição de João Paulo II em 1978 foi imediatamente reconhecida como uma grave ameaça ideológica por Andrópov, então chefiando o KGB que em resposta lançou uma campanha de propaganda destinada a assustar as pessoas e fazê-las acreditar que haveria uma reacção violenta contra todas as religiões²³⁷. No entanto, nada do que fizeram conseguiu evitar a forte influência papal sobre a Polónia e em certa medida sobre o resto do bloco. Paralelamente, na Ásia Central existia um movimento de renascimento do Islão desde o início da década de 70 que não levantou grandes preocupações por afectar apenas uma secção da *intelligentsia*. No entanto, com o emergir da Revolução iraniana de 1979 e a intervenção soviética no Afeganistão do mesmo ano, o islamismo radical começou a espalhar-se por extensas camadas de população²³⁸. Esta situação levaria em menos de uma década à explosão social nas

²³⁵ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.57.

²³⁶ RAMET, Pedro. Religion and Nationalism in Soviet and East European Politics. Ed. Duke Press Policy Studies, Durham, N.C. 1984. p.54.

²³⁷ SEBESTYEN, Victor. op. cit., p.46-47.

²³⁸ HIRO, Dilip. op. cit., p.128.

repúblicas islâmicas. Andrópov alimentou ainda mais a crise ao combater a corrupção que lastrava as repúblicas da Ásia Central onde foram descobertas gigantescas falsificações nos números das colheitas e enormes desvios de dinheiro em salários fictícios²³⁹. A crise do sistema soviético parecia meramente económica, mas na verdade, era muito mais profunda; desenvolvia-se paralelamente uma crise de identidade.

A morte de Andrópov em Fevereiro de 1984 não foi propriamente uma surpresa, mas foi vista como uma tragédia por muita gente. Não teve muito tempo e era um tradicionalista mas criou expectativas de mudança, mesmo entre os dissidentes. Conseguiu substituir muitos secretários provinciais corruptos e eternizados na era Brejnev e aumentar a produção industrial em 5% e a agrícola em 7%, mas não pôde afiançar Gorbatchev como seu sucessor directo²⁴⁰. Era apenas uma questão de tempo. O seu sucessor, Constantin Chernenko, velho e doente, era seguramente o menos inteligente, capaz e carismático de todos os líderes soviéticos²⁴¹. A liderança soviética hesitava em entregar o poder a Gorbatchev e temia as reformas, mas todos entendiam que os problemas a enfrentar eram graves e queriam evitar o embaraço de mais um Secretário morrer em menos de dois anos. A gerontocracia tinha de dar lugar a uma nova liderança.

²³⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.125.

²⁴⁰ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.401-402.

²⁴¹ KENEZ, Peter. op. cit., p.321.

2.3.2. – Gorbachev e a reforma do sistema

Mikhail Gorbachev alcançou o poder em 1985 com o apoio do muito respeitado Gromyko e porque era visto, mais do que como um reformista perigoso, como um “homem jovem com pressa”. Nesse momento herdava para além de dificuldades económicas, um aumento do alcoolismo e da taxa de mortalidade infantil, os efeitos da guerra do Afeganistão e um aumento do cinismo popular. No entanto, não existia uma grande pressão popular à procura de mudanças²⁴². Na verdade, a mudança, como quase sempre, foi impulsada desde o topo. A história russa e soviética sempre se caracterizou por fases alternadas de estagnação e reforma e Gorbachev era um homem da categoria de Estaline e Khrushchov, empenhado na introdução de mudanças. Mal assumiu o poder foi-lhe possível abandonar a postura conformista imposta pelo sistema e revelar as suas verdadeiras intenções²⁴³. Depressa introduziu novas orientações na política interna conhecidas como *perestroika* (reestruturação), *glasnost* (transparência) e *demokratizatsiia* (democratização). Na política externa desenvolveu a ideia de um *novo pensamento* baseado em conceitos como a “interdependência global” e uma “mutualidade na segurança.”²⁴⁴ Todas estas medidas tinham como objectivo reaproveitar os recursos económicos disponíveis para tornar a economia mais eficaz e reorientá-la aos civis desviando fundos do complexo industrial-militar. Mas o novo Secretário depressa começou a dar sinais do carácter desordenado do seu pensamento e de importantes lacunas no conhecimento da história do seu país e de princípios económicos complexos. Mais perigosos para o regime eram ainda os seus conhecimentos ideológicos e identitários. Ideologicamente tentou sempre legitimar-se em Lenine mas na prática abandonou a luta de classes e subverteu assim, sem dar por

²⁴² The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.319.

²⁴³ KENEZ, Peter. op. cit., p.323.

²⁴⁴ SMOLANSKY, Oles M. op. cit., p.1.

isso, todo o edifício soviético. A sua preferência pelo período da economia mista da NEP colocava-o definitivamente na corrente pequeno-burguesa do PCUS. No campo da “questão nacional” a sua percepção da realidade e as suas políticas resultaram funestas. Colocou-se desde o princípio no campo dos ocidentalizadores e deu sinais aos povos não russos de que não exerceria uma campanha de russificação mas na prática não aplicou políticas concretas. Tanto ele como a sua esposa, Raissa, provinham de casais mistos, meio russos meio ucranianos, e por esta razão acreditava que não existiam problemas de identidade étnica e a Rússia e a URSS eram realidades indistintas. Na verdade as relações interétnicas estavam impregnadas de um ódio inconfessável. Este ódio foi em aumento com a continuação das políticas anticorrupção que castigavam mais os líderes da Ásia Central do que os eslavos. Muitos foram substituídos por secretários russos ou eslavos sem ter em consideração as susceptibilidades das maiorias das Repúblicas não eslavas e no próprio Politburo só Shevardnadze manteve o seu posto no meio de homens eslavos²⁴⁵.

Quantas mais dificuldades económicas encontrava o estado soviético maiores eram as tensões étnicas. O activismo islâmico com a consequente re-islamização na Ásia central que afectava até altos dirigentes das Repúblicas foi em crescendo, alimentado pelos movimentos demográficos cada vez mais óbvios, consistentes numa redução de nascimentos de russos étnicos e o aumento dos não russos. A impossibilidade de criar uma “grande Rússia” étnica e, mais à frente, ortodoxa, era já perceptível²⁴⁶. Também na Europa de Leste as tensões étnicas aumentavam. Por exemplo na Bulgária de 1987 o Partido Comunista começou a perseguir a minoria turca

²⁴⁵ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.423-424.

²⁴⁶ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.79.

que constituía 10% da população²⁴⁷. Por todas partes os líderes comunistas observavam como os seus regimes estavam prestes a ruir e tomavam medidas desesperadas que iam da repressão à negociação. Ceausescu, Honecker e Milos Jakes formaram uma frente unida para pressionar Gorbatchev a impedir o curso dos acontecimentos na Polónia e na Hungria mas Gorbatchev, aconselhado por Yakovlev, decidiu não usar a força. Os regimes comunistas do Leste estavam por sua conta e davam-se por perdidos, só a velocidade com que se perderam é que resultou surpreendente²⁴⁸. A reforma soviética parecia construir-se numa linha de apaziguamento externo através de uma política de contenção armamentista equilibrada sem afectar a segurança do adquirido, sem renegar a ideologia e esperando um eventual aumento do peso negocial posterior em relação à Europa Ocidental²⁴⁹. Em suma, o abandono do “império externo” tinha como objectivo salvar o “império interno”. Mas este raciocínio revelou-se extremamente ingénuo. O problema é que a URSS era formada por povos e nações muito diferentes entre si que se sentiam subjugados a uma grande Rússia. O projecto do cidadão soviético e da construção de um homem novo tinha fracassado e Gorbatchev parecia não ter consciência disso, ele pertencia à pequena minoria de cidadãos que realmente acreditava que a questão nacional tinha sido mais ou menos resolvida, mas no Cazaquistão estalavam revoltas nas ruas contra os russos, o nacionalismo ressurgia discretamente mas desafiador na Letónia e na Lituânia exigindo mais autonomia e até na Ucrânia após o desastre de Chernobyl reinava uma calma tensa. No inverno de 1987-1988 graves confrontos estalaram entre arménios e azerbaijanos (ou azeris) na região de Nagorno-Karabakh desembocando numa guerra. Parecia que os únicos dispostos a salvar a União

²⁴⁷ SEBESTYEN, Victor. op. cit., p.206.

²⁴⁸ Ibidem. p.329.

²⁴⁹ MOREIRA, Adriano. Teoria, op. cit., p.205.

eram os milhões de russos que viviam fora das fronteiras oficiais da RSFSR e que constituíam minorias muito significativas em algumas repúblicas. Até na própria Federação Russa começava a reabrir-se o debate da “ideia da Rússia” silenciado pelo Estalinismo. Gorbachev pensava que podia controlar-se mas os seus inimigos políticos estavam dispostos a usar a cartada nacionalista contra ele²⁵⁰. Para poder continuar as reformas, Gorbachev viu-se obrigado a reforçar o seu poder mudando as regras do jogo, uma vez que o Partido se tinha tornado no seu maior obstáculo. Ao estabelecer o Congresso dos Deputados do Povo em 1989 conseguiu eliminar o monopólio do Partido Comunista enquanto única organização política legal²⁵¹. Mas ao fazê-lo abriu também a possibilidade de perder o poder para os seus inimigos, o que eventualmente aconteceria em favor de Ieltsin.

2.3.3. – O desmantelamento

É um erro pensar que as novas liberdades adquiridas pelos cidadãos russos foram produto da acção da Federação Russa pós-soviética. Na verdade, estas liberdades foram o maior dos legados de Gorbachev e dos seus associados que protegeram e alimentaram a crítica ao sistema e levantaram a censura. Um dos grandes paradoxos do desmantelamento do sistema comunista é que foi realizado pelos altos membros do mesmo. Se algum mérito se pode atribuir a Ieltsin neste sentido foi o de ter preservado a herança recebida²⁵². Aproveitando a conjuntura, Ieltsin tomou os mandos da RSFSR que incrivelmente era a única que não possuía um Partido Comunista. Na sua luta pelo poder abandonou o Partido e elaborou um discurso anticomunista que apelou à maioria

²⁵⁰ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.423-424.

²⁵¹ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.156.

²⁵² The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.319.

pois parecia mais verdadeiro que o comportamento de Gorbachev que parecia anticomunista mas teimava em não abandonar o PCUS. Ao mesmo tempo, os inimigos conservadores de Gorbachev queriam formar um Partido Comunista Russo para evitar precisamente a chegada de Ieltsin ao poder e Gorbachev autorizou a experiência²⁵³. No fundo, três facções disputavam o poder. A primeira liderada por Gorbachev era ocidentalista e procurava reformar o sistema, inicialmente sem o dismantlar. A segunda, formada pelos conservadores comunistas, procurava salvar o modelo comunista mais conservador e mais próximo de posições russificadoras, e a terceira, liderada por Ieltsin pretendia definitivamente dismantlar o sistema através de reformas profundas e irreversíveis. Esta facção era radicalmente ocidentalizadora mas aproveitava os sentimentos nacionalistas que ressurgiam com força em seu favor. A “ideia da Rússia” tornava-se novamente fundamental; tratava-se de decidir que rumo devia o regime seguir doravante. Já não se tratava de uma luta de poder entre as facções proletária e pequeno-burguesa do Partido mas sim uma luta entre diversos modelos identitários e esta luta foi levada até o fim centrando-se em dois campos fundamentais: as nacionalidades e a manutenção ou não da União Soviética.

O colapso da Europa de Leste e a permissividade de Gorbachev quanto às Repúblicas não russas tinham levado a União à beira do colapso social e estas tensões retroalimentavam-se do possível colapso económico. No período de 1990-91 Gorbachev avançava relutantemente a uma economia de mercado e Ieltsin desde a RSFSR pressionava e acelerava o mesmo processo. Finalmente chegaram a consenso e escolheram Stanislav Chatáline para desenvolver um programa de transição. Este plano conhecido como o dos “Quinhentos dias” envolvia aumentos significativos dos preços

²⁵³ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.49.

dos bens de primeira necessidade e entregava o poder tributário quase inteiramente às Repúblicas, dando-lhe ainda primazia legal às leis das Repúblicas sobre as leis da União. Gorbatchev naturalmente rejeitou o plano mas era tarde demais. Ieltsin e os seus conselheiros compreenderam que uma economia de mercado plena significava a desintegração da União²⁵⁴. Pelos vistos, os conselheiros de Gorbatchev também não se importavam demasiado com isso. Mas Gorbatchev ainda queria salvar a situação e lançou em Março de 1991 um referendo sobre a manutenção da URSS que foi votado favoravelmente. Novamente pactuou com Ieltsin para viabilizar o plano e em Abril reuniu os dirigentes de nove Repúblicas para preparar um novo tratado de União cuja versão definitiva seria assinada a 20 de Agosto²⁵⁵. Isto despoletou os acontecimentos. A 19 de Agosto os conservadores organizam um golpe de Estado que fracassa completamente porque na verdade não tinha nenhuma força por trás e a velha ordem não podia ser reconstruída. Tal e como em 1917, o Estado estava a deslizar para a anarquia e nenhum movimento político conseguia reunir força suficiente; os fracos lutavam com os mais fracos. Três crises inter-relacionadas levavam ao colapso: a crise económica, a decadência das instituições e as forças nacionalistas²⁵⁶. Após o golpe falhado, as forças conservadoras perderam qualquer réstia de legitimidade que ainda pudessem ter, pelo que o campo político dividiu-se definitivamente entre Gorbatchev e Ieltsin.

²⁵⁴ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.206.

²⁵⁵ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.457.

²⁵⁶ KENEZ, Peter. op. cit., p.323.

2.3.4. – Ieltsin e a nova Rússia

O triunfo de Ieltsin foi possível graças à sua imagem de homem decidido que não duvidava de si próprio nem do seu projecto, embora em boa medida não o tivesse delineado. Por sua vez Gorbachev via-se cansado e sem rumo, sempre tentando alcançar acordos e equilíbrios impossíveis. Mesmo no fim, ainda apostava na sobrevivência da União. Ieltsin, por sua vez, optou pela “Pequena Rússia” para dessa forma desfazer-se de Gorbachev. Assim, quando o povo ucraniano decidiu em referendo a favor da sua independência a 1 de Dezembro, apoiou-o incondicionalmente. Desta forma, a futura União reformulada resultava inviável e em vez dela surgiu uma Comunidade de Estados Independentes sem nenhum peso político real. As declarações de independência das outras Repúblicas sucederam-se rapidamente e Gorbachev tornava-se Presidente de nada. À meia-noite de 31 de Dezembro de 1991 a URSS deixava de existir²⁵⁷. Durante essa época, o debate da “questão russa” tornou-se central e as figuras mais importantes e prestigiadas da URSS ofereciam diversas visões de futuro. Gorbachev queria uma Rússia social-democrata dentro de uma reformada URSS. Ieltsin comprometeu-se claramente com a democracia política e a economia de mercado. O Partido Comunista russo e os seus aliados nacionalistas propunham a manutenção de um sistema altamente centralizado que respeitasse os triunfos do comunismo e outros nacionalistas desejavam um regresso aos valores tradicionais da Rússia. A Igreja ortodoxa evitava entrar em debates políticos mas pedia uma regeneração espiritual mediante a restauração das crenças cristãs entre o povo. Nenhum deles conseguiu-se posicionar sobre os outros antes do colapso e a discussão foi relegada à nascente Federação Russa²⁵⁸. Mas como costuma acontecer na história russa, rapidamente Ieltsin tornou-se ávido de poder e recomeçou a centralização do poder

²⁵⁷ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.467-468.

²⁵⁸ SERVICE, Robert. *Rusia*, op. cit., p.89.

deixando pouco espaço de manobra para visões alternativas à sua. A reforma democrática manteve as liberdades mas falhou em criar um sistema eleitoral realmente livre. Apenas a reforma económica foi levada à sério e mesmo essa com a sua política de privatizações beneficiou essencialmente a elite próxima de Ieltsin.

No plano externo, o debate concentrou-se entre os que defendiam o processo de ocidentalização começado por Gorbatchev e continuado por Ieltsin, e os que estavam contra e apelavam a um enfoque da política externa na Eurásia (Asiatizadores) ou à concentração de todos os esforços na política interna para que a Rússia pudesse reunir condições socioeconómicas e políticas essenciais à sua projecção externa de forma sustentada no seu “estrangeiro próximo.” Esta fase de transição pode dividir-se em dois períodos. No primeiro; o *período romântico*, as relações com ocidente são privilegiadas e desenvolve-se para os países satélites a “doutrina Sinatra” de não intervenção. A Rússia estreita relações com Washington e aproxima-se à Europa integrando-se nas suas instituições; no Conselho da Europa (Fevereiro de 2006); na Parceria para a Paz com a OTAN (Junho de 1995) e no Acordo de Parceria e Cooperação (1997). O segundo período chega depressa e constrói-se no desencanto. A esperada ajuda financeira ocidental chegou tardia, insuficientemente e com condições inaceitáveis para a Rússia, gerando um forte sentimento antiocidental e uma exigência interna de mudança. O principal descontentamento surgiu quando Ocidente criticou o tratamento russo às suas minorias fora da Federação. Neste sentido, Ieltsin rapidamente tornou prioritária a sua atenção ao “estrangeiro próximo”, tendência que se mantém até os nossos dias²⁵⁹. A chegada em 1995 de Yevgeni Primakov ao Ministério de Negócios Estrangeiros, reconhecido Eurasianista, serviu para consolidar esta nova fase em que Ocidente é

²⁵⁹ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa. op. cit., p.156.

tratado em pé de igualdade com os outros interesses da Rússia, sem lhe dar já todo o protagonismo. Os acontecimentos desenvolvem-se de forma caótica ao longo da década de 90 e de um modo geral os russos sentem-se humilhados na sua relação com Ocidente até à primeira liderança de Putin. As crises económicas e financeiras sucederam-se alimentadas pelo baixo preço do petróleo, culminando no *crash* do verão de 1998. Politicamente a Rússia tornou-se irrelevante, sendo incapaz de evitar o alargamento da OTAN e o afastamento das Repúblicas pós-soviéticas da sua esfera de influência. O bombardeamento da Sérvia contra a sua vontade constitui a humilhação máxima deste período²⁶⁰. Este sentimento não provém exclusivamente das relações externas. A própria Federação Russa recém-independente apresenta-se como uma entidade enfraquecida e à beira do colapso. Muitas regiões e repúblicas autónomas no interior da própria aspiram a alcançar a independência e Ieltsin, reconhecendo o momento de fraqueza comporta-se de forma ambígua, deixando que se comportem da forma que queiram enquanto fortalece as instituições e o poder central. A Chechénia tornar-se-á o símbolo máximo desta fraqueza e também da recuperação do Estado russo. Durante um tempo a região torna-se independente *de facto* até que em Dezembro de 1994 Ieltsin sente-se forte o suficiente para iniciar uma guerra a escala completa para recuperar o território em secessão. Dois anos depois e após a morte de cerca de 50.000 cidadãos russos, a guerra chega ao fim mas a situação mantém-se ambígua²⁶¹. A Rússia da década de noventa também se sente internamente humilhada. O Estado e a sociedade russa careciam de estabilidade e no entanto não se produziu uma grande onda de violência ou de grande polarização política; em boa verdade, apesar de desorientado, os russos não se deixavam mobilizar mediante *slogans* nacionalistas. Não pensavam que a

²⁶⁰ FERNANDES, Sandra Dias. **Decifrar a potência Russa.** *Relações Internacionais*, mar. 2009, no.21. p.2.

²⁶¹ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.365.

Rússia fosse um país especial nem acreditavam que tivesse nada a ensinar ao resto do mundo. Apenas queriam paz nas suas fronteiras e bem-estar material dentro do país²⁶². Uma das principais características do pensamento russo, o seu carácter messiânico, tinha-se perdido.

Ieltsin conseguiu sobreviver politicamente a grandes momentos de crise, sejam económicas, eleitorais ou internacionais. Levou a cabo uma transição que evitou o regresso do comunismo ao Estado russo mas não foi capaz de desenvolver uma democracia de corte ocidental. Esta tentativa falhada de democratização deu lugar a um regime catalogado de “democracia de gestão”, “democracia incompleta” e “democracia dirigida”. Formou-se portanto um regime híbrido que mistura elementos de um passado imperial glorioso e nostalgia soviética, com ingredientes democráticos, como a realização de eleições, independentemente da qualidade das mesmas. Talvez o melhor termo para definir este regime seja o de “democracia soberana”²⁶³. Mas quem o tem vindo a desenvolver é o seu sucessor, Vladimir Putin, quem, desde a sua chegada a primeiro-ministro em Agosto de 1999, tem governado os destinos da Federação Russa.

2.3.5. – Vladimir Putin – Ordem e crescimento

Putin foi colocado pela família política de Ieltsin no poder numa situação de crise extrema, com os oligarcas debaixo de fogo, o governo instável, eleições próximas e o recomeço da guerra na Chechénia. Boa notícia era apenas o lento mas inexorável aumento do preço do petróleo que beneficiaria previsivelmente a economia russa. Putin era um perfeito desconhecido para o grande público e na sua folha de serviços

²⁶² SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.500.

²⁶³ FREIRE, Maria Raquel. A Política Externa, op. cit., p.75.

apresentava apenas a duvidosa honra de ter chefiado a FSB, sucessora do KGB. No entanto, a sua acção decidida na guerra e a sua capacidade em transformá-la num momento de unidade nacional frente a um inimigo comum; o terrorismo islâmico, tornaram o desconhecido primeiro-ministro num herói nacional. Assim, nas eleições de Março de 2000, Vladimir Putin tornou-se Presidente com 52,6% dos votos²⁶⁴. O seu triunfo eleitoral não veio de promessas económicas ou sociais, a sua vitória residiu na sua capacidade de devolver o orgulho aos russos na sua pátria, e isso era mais difícil do que se poderia imaginar após uma década tão desastrosa. É preciso referir que no ano 2000 apenas 18% dos cidadãos defendiam a “economia de mercado” enquanto princípio fundamental da vida pública, pois se no comunismo toda a gente sabia, apesar da propaganda, que as elites viviam melhor que o povo, em boa verdade com a economia privatizada as elites nem se davam ao trabalho de afirmar que os cidadãos se beneficiariam com a mudança²⁶⁵. Em 1998 a diferença de percepção entre gerações era também enorme; enquanto as pessoas entre 56 e 65 anos ainda se sentiam vinculadas a ideais comunistas, os jovens entre 16 e 20 rejeitavam a herança comunista. Mais grave ainda, em 1996 só 53% dos cidadãos se sentiam “russos” no sentido da pertença à Federação Russa com as suas fronteiras actuais. Em 2000 a percentagem era de 67%. Já o Cáucaso segue sendo visto como pertencente ao “oriente” e portanto fora da Europa²⁶⁶. Putin chega ao poder sendo jovem e enérgico - ao contrário dos seus antecessores – e não se lhe conhecem excessos ou escândalos anteriores, não se sabe bem qual é a sua ideologia nem tem um Partido por trás e é portanto uma personagem apelativa. A sua política torna-se imediatamente “realista”, e este realismo é construído

²⁶⁴ STUERMER, Michael. op. cit., p.63-64.

²⁶⁵ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.132-133.

²⁶⁶ *Ibidem*. p.133-135.

como uma síntese de vários interesses permanentes na política russa, por um lado defendendo a pertença da Rússia à civilização europeia ocidental que deve ser aceite em termos de igualdade pelos outros, ao mesmo tempo que respeitado. Este argumento é temperado com posições neo-eslavófilas ou russificadas que defendem o carácter único da Rússia e com posições euroasiáticas ou asiaticizadas próprias de um Estado situado no coração da massa continental²⁶⁷.

O grande triunfo de Putin é portanto continuar a linha ocidentalista imposta com força desde Gorbachev sem descurar as restantes tradições russas e aplicando-as ao século XXI. Naturalmente, a aplicação desta política depende em grande parte da capacidade económica do Estado russo, e este tem vindo a melhorar as suas prestações graças ao aumento acentuado dos preços do petróleo e do gás. Em 2001, a Rússia exportava à Europa 20% do gás que esta consumia e 16% do petróleo. Estas percentagens têm vindo a aumentar constantemente. A exploração de novos campos de reserva na ilha Sacalina aumenta também a capacidade de exportação russa ao Japão e à China, dois mercados importantíssimos que permitirão à Rússia reduzir a dependência do mercado europeu. No entanto, estes projectos são travados politicamente pelo medo russo ao crescimento chinês e as disputas territoriais com o Japão. Seja como for, a Rússia surge em 2002-2003 como grande esperança para diversificar as fontes energéticas do mundo ocidental tão dependente dos acontecimentos no Golfo e no Médio Oriente²⁶⁸. O Estado russo está a reconstruir-se interna e externamente através da sua capacidade energética. Possui a maior reserva provada de gás do mundo e a sétima

²⁶⁷ SAKWA, Richard. **New cold war or twenty year's crisis? Russia and international politics.** *International Affairs*. 2008, 84:2, p.245.

²⁶⁸ HILL, Fiona. **Energy empire: oil, gas and Russia's revival.** *The foreign Policy Center*, Set.2004. p.28-29.
Disponível online: <http://fpc.org.uk/fsblob/307.pdf>

de petróleo, embora seja o segundo produtor do mesmo. No período de 2000-2008 a economia russa cresceu em média a um ritmo anual de 6-7% (4.3% estimado em 2011 segundo o CIA – The World Factbook); o poder adquisitivo dos habitantes aumentou um 9% e a dívida externa foi saldada. Tudo isto aumentou o orgulho nacional e a confiança do povo russo e das suas elites em si mesmos²⁶⁹. Para além disso, as reservas de capitais na Rússia subiram de dezanove mil milhões para duzentos e setenta mil milhões de dólares neste período de tempo, facto que permitiu que a actual crise económica não desestabilizara em demasia o Estado que apenas uma década antes teria sido devastado numa situação semelhante. Existem também problemas persistentes; a indústria russa precisa reinventar-se e modernizar-se; quatro em cada dez russos ainda vivem debaixo do limiar da pobreza é a corrupção continua omnipresente. Finalmente, o sistema multipartidário não é estável²⁷⁰, como demonstra a actual crise social provocada pelas eleições legislativas de 4 de Dezembro de 2011 nas quais existem fortes indícios de fraude.

No campo externo, Putin, como já foi referido, foi capaz de encontrar um equilíbrio válido entre as diversas tradições russas que derivou num realismo pragmático com mais pontos positivos que negativos. Mas sobretudo, o que Putin aportou foi o definitivo abandono da ideologia política em favor dos interesses nacionais. Neste sentido existem também na Rússia duas tradições opostas; a ideológica

²⁶⁹ VILLAYERDE, Jesus A. Nuñez e CARRASCO, Mayte. **Política exterior y de seguridad de Rusia: ida y vuelta a la escena mundial.** *Papeles del Este*, 2008, no.16, p.81-95.
Disponível online: <http://revistas.ucm.es/cee/15766500/articulos/PAPE0808120081A.PDF>

Estes dados coincidem com os fornecidos pelo site CIA – The World Factbook [Online] 5 de Julho 2012, excepto na reserva de petróleo, que coloca como oitava e não sétima.
Disponível online: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>

²⁷⁰ STUERMER, Michael. op. cit., p.87.

e a realista. Na opinião de Igor Ivanov²⁷¹ “a diplomacia russa sempre tem sucesso quando é guiada por considerações realistas e pragmáticas e falha quando dominada por ideologias imperialistas e ambições messiânicas²⁷²”. O período ideológico soviético parece ter sido definitivamente abandonado, o qual não significa que parte dos seus objectivos não coincidisse com os interesses nacionais da Grã-Rússia. O que acontece é que agora existe um olhar realista sobre o interesse nacional e as prioridades de política externa, o chamado “pragmatismo nacionalista”²⁷³. Neste sentido, Putin e o seu sucessor, Medvedev sempre se têm mostrado muito preocupados com o destino dos milhões de russos que habitam hoje fora das fronteiras da Federação ao ponto de o jovem e desconhecido Putin ter afirmado já na década de 90 que “o seu destino é uma questão de guerra e paz”²⁷⁴.

Isto ficou claramente demonstrado no verão de 2008 quando a Geórgia invadiu os territórios de Abcásia e Ossétia do Sul e a Rússia respondeu com dureza excessiva. Este conflito armado demonstrou claramente o quão problemática é ainda a relação entre a Rússia, a Europa e os EUA pois a manipulação da informação de ambos os lados chegou ao absurdo para quem conhecesse minimamente a situação da região, tornando-se por momentos pura propaganda. Mas também demonstrou que a Rússia não estaria mais disposta a aceitar o avanço dos EUA e da UE na sua área de segurança e de interesses estratégicos. A ferramenta utilizada para assim poder agir foi conceder a

²⁷¹ Ministro de Negócios Estrangeiros de 1998 a 2004 e Secretário do Conselho de Segurança de 2004 a 2007.

²⁷² IVANOV, Igor. **The New Russian Identity: Innovation and Continuity in Russian Foreign Policy.** *The Washington Quarterly*. Verão 2001, 24:3 p.8.
Disponível online: <http://www.twq.com/01summer/ivanov.pdf>

²⁷³ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.162.

²⁷⁴ STUERMER, Michael. op. cit., p.69.

nacionalidade russa a perto de 95% da população da Ossétia do Sul²⁷⁵. Este processo poderá vir a repetir-se no futuro uma vez que existem grandes comunidades russas na maior parte das antigas Repúblicas soviéticas. Finalmente, a questão demográfica é igualmente importante para a política interna e externa da Federação Russa, e neste campo o País tem vindo a sofrer uma verdadeira catástrofe nas últimas décadas com uma baixa natalidade, uma alta taxa de mortalidade e uma balança migratória pouco ou nada favorável²⁷⁶. Morrem mais pessoas do que nascem e as próximas décadas não anunciam uma inversão neste sentido. O desaparecimento da URSS e da economia de planificação central levaram à desregulação dos fluxos de migração que se tornaram caóticos, mas hoje em dia contempla-se desde determinados sectores a chegada de imigrantes como uma salvação²⁷⁷, embora noutros se receie o potencial desestabilizador dos mesmos sobretudo tendo em conta que a maior parte deles são oriundos da Ásia Central e trazem consigo hábitos, organizações e bases religiosas diferentes à tradicional cultura Grã-Russa.

²⁷⁵ LEMAY-HEBERT, Nicolas. **Zone of conflict: clash of paradigms in South Ossetia**. OAKA. 2008. p.64.

²⁷⁶ VISHNEVSKY, Anatoly. **The Challenges of Russia's Demographic Crisis**. *Russie.Nei.Visions*. Junho 2009, nº41. p.5.
Disponível online:
http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

²⁷⁷ Material preparado pelo jornal Moskovskie Novosti. Em: Ria Novosti versão espanhola [Online]. 26 Abril 2011. (último acesso 6 Julho 2012)
Disponível online:
http://sp.rian.ru/opinion_analysis/20110426/148812478.html

2.3.6. – Uma Rússia para o século XXI

A Rússia nos seus diversos formatos; Império, URSS ou Federação, tem tido um papel relevante ao longo dos últimos séculos na história do mundo ocidental, por vezes como membro de pleno direito, outras vezes visto como “convidado” ou inimigo. É um Estado enorme, longínquo, exótico e complicado. Não é de admirar portanto que seja sempre observado com receios e temores. É por esta mesma razão que a Rússia se sente ameaçada por todos os seus vizinhos e reage à defensiva, participando assim num ciclo de desconfiança contínuo. Este ciclo alimenta-se de uma política militarista que baseia as relações com os outros demasiadamente no *hard power* e na ideia de um suposto equilíbrio de forças com os inimigos. Mas existe também uma ideia messiânica por trás da Rússia, um sentimento de diferença em relação aos outros povos e culturas, em definitiva, a ideia de um destino a ser cumprido. O império foi construído sob a ideia de uma Terceira Roma sediada em Moscovo desde onde se defenderia o Cristianismo verdadeiro contra todos os seus inimigos. Quando este pensamento construído pelas elites se desmoronou, imediatamente uma nova narrativa foi construída pelas novas elites dominantes: a construção de um mundo novo, sem exploração do homem pelo homem numa sociedade comunista global. Mas esta nova construção messiânica também se esgotou e a nova Rússia vê-se agora, por vez primeira orfã de objectivos maiores. Poder-se-á argumentar que, ao contrário do que acontece nos EUA e a sua doutrina do destino manifesto, na Rússia apenas os privilegiados têm tido como definitivas as diferenças da Rússia com o resto do mundo. Certamente existe razão no argumento, mas só o tempo pode responder a tal questão, pois a Rússia federativa existe apenas há duas décadas e enfrenta-se a um desafio tão grande como foram todos os seus desafios até agora. Criar um Estado para o século XXI que consiga verdadeira e consensualmente unificar a maior parte dos russos num projecto próprio e inclusivo. A

via militarista não foi certamente relegada, mas tendo em conta o mundo actual e as suas condicionantes, a Rússia ver-se-á obrigada a encontrar novos caminhos para se relacionar com o mundo e influenciá-lo no seu benefício. A recuperação económica é uma realidade mas parece difícil para não dizer impossível que se possa alguma vez recuperar a centralidade que teve a URSS nas relações internacionais no século XX. Por isso, a Rússia deve escolher cuidadosamente os seus objectivos e trabalhar com planos a médio e longo prazo. Naturalmente, as relações com a União Europeia são as mais importantes devido à dependência energética da economia russa cujos sócios europeus são os principais compradores, mas o futuro parece querer deslocar a Rússia para um rumo mais Asiatizado tendo neste sentido a relação com a China uma importância fundamental. Mas a China é ao mesmo tempo um rival perigoso que partilha fronteiras e áreas de interesse com a Rússia pelo que não é previsível que a Rússia abandone os seus parceiros europeus em favor da Ásia sem mais nem menos. A proximidade entre estes gigantes deve-se ao sentimento de partilharem um adversário comum, os EUA, mas este pode ao mesmo tempo surgir como a única barreira que se interpõe entre eles e uma perigosa confrontação directa. Os tempos pedem o desenvolvimento de uma política de *soft power* a médio e longo prazo que permitam estabilizar as relações das potências à medida em que o mundo se torna multipolar. Neste sentido, os EUA encontram-se muito à frente dos seus adversários e a Rússia entra num terreno relativamente novo e onde se encontra privado do seu anterior argumento ideológico. No fundo a questão é: o que é que a Rússia tem para oferecer ao mundo hoje? Não existe hoje uma resposta muito clara a esta pergunta. Mas existe um terreno onde a Rússia pode tentar encontrar a resposta através da experiência histórica e do presente actual, e esse sítio é a Ásia Central.

III - A ordem Imperial e a ordem soviética

3.1. – Ásia Central e a conquista russa

3.1.1. – O espaço da Ásia Central

O conceito geográfico “Ásia Central” tem sido, ao longo dos tempos, variável, no sentido em que se pode referir a uma zona mais restrita compreendida entre os actuais rios Amu Dária (o clássico Oxus) e o Sir Dária denominada “Transoxania” ou a uma zona extremamente ampla compreendida entre Istambul e Sinkiang²⁷⁸. Hoje em dia, Ásia Central designa a massa de terra a leste do Mar Cáspio, delimitada pelas fronteiras de Irão e Afeganistão no sul, a Sibéria no norte e a província chinesa de Xinjiang a leste²⁷⁹. No entanto, para o nosso propósito, o termo Ásia Central será o mesmo utilizado pela administração soviética, compreendendo as quatro repúblicas de Turquemenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão, às quais ainda incluímos o Cazaquistão tal e como frequentemente aconteceu durante o período soviético.

O interesse russo nesta vasta área geográfica começa no reinado de Pedro o Grande, praticamente com o início do século XVIII. A zona encontrava-se sob influência de um império persa governado pela dinastia xiita Safávida e em conflito permanente com os otomanos sunitas. A sua decadência torna o território apetecível aos seus vizinhos e para a Rússia, a presença militar seria desejável para proteger e ampliar os seus interesses comerciais e para defender os aliados cristãos da Geórgia e Arménia. Os principais prémios desta presença seriam abrir uma rota comercial com a Índia e

²⁷⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.1.

²⁷⁹ HIRO, Dilip. op. cit., p.17.

participar no lucrativo negócio da seda²⁸⁰. Mas a tarefa não seria fácil. Para além de vasto, o território apresenta-se extremamente complicado, composto por grandes desertos, zonas montanhosas ou estepes intermináveis. A complexidade dos povos e etnias que o habitam é também um factor a ter em conta. Por aqui passaram vários Impérios que foram deixando a sua semente; Gengis Khan conquistou toda a área no início do século XIII e Tamerlão (ou Timur) fez o mesmo no século XIV consagrando os genes mongóis; previamente Alexandre introduziu a cultura helénica e a terra foi palco da competição entre hunos, persas, turcos e chineses até a entrada em força dos exércitos árabes que tornaram a área segura para o islão que substituiu o zoroastrismo como principal religião²⁸¹. Mais do que fronteiras fixas, esta zona encontrava-se dividida por uma linha que era mais cultural do que étnica ou política. Por um lado, desenvolveu-se uma cultura urbana muçulmana ao redor das cidades de Samarcanda e Bucara (hoje em dia ambas no Uzbequistão) e no vale de Fergana, Kokand e Andijan; e por outro, uma cultura nómada menos islamizada ou islamizada tardiamente nas estepes do Cazaquistão onde a influência persa é fraca. De facto, nunca existiu, até a criação das Repúblicas Soviéticas na década de vinte o princípio de um Estado que juntasse um determinado território com um grupo étnico ou linguístico. As diferentes entidades políticas eram construídas sob o princípio da lealdade às dinastias e fidelidade ao Islão. Assim, os três emiratos (ou kanatos) pré-existentes, Kokand, Bucara e Kiva, dominados por dinastias uzbeques, tinham uma população multi-étnica²⁸².

²⁸⁰ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.150-151.

²⁸¹ HIRO, Dilip. op. cit., p.18.

²⁸² ROY, Olivier. op. cit., p.2-3.

3.1.2. – Primeiros contactos: construção de um modelo colonizador

O interesse russo na Ásia Central começa a forjar-se ao mesmo tempo que se pressente a vitória contra a Suécia após vinte e um anos de uma guerra finalmente concluída em 1721. O exitoso reinado de Pedro I valida o seu projecto ocidentalizador, permitindo-lhe introduzir-se no concerto europeu como um igual em vez de um vizinho “exótico”, e assinala simbólicamente este sucesso com a atribuição do título *imperator vse-rossiiskii* (Imperador de todas as Rússias) a si próprio. A forma latina substituindo a forma eslava é significativa. A partir deste momento, a Rússia tentará imitar o modelo imperial europeu, definindo um centro e uma metrópole por um lado, e um espaço colonizado por outro²⁸³. A expansão em direcção à Ásia e Ásia Central corresponde, na visão russa, à expansão da Europa ocidental para fora do continente. Nessas situações, é fácil distinguir entre centro e metrópole, mas no caso russo o império é territorialmente contínuo e portanto mais comparável ao império Austro-Húngaro, que aliás, também é multi-étnico e possui uma população islamizada. Existem porém diferenças importantes. O império dos Habsburgos avançou sobre os territórios otomanos numa espécie de política de reconquista de terras outrora cristãs e a maior parte dos seus colonizadores retiraram em massa para a Turquia, enquanto que a Rússia começava a expandir-se em direcção a terras islamizadas há séculos cuja população estava destinada a permanecer no território. Outro ponto importante é que a Rússia nunca tinha sido outra coisa que não fosse um império com fronteiras sempre em mudança que dificultavam a definição de um centro. Finalmente, apesar da herança ortodoxa e eslava, o império sempre escolheu incorporar as populações muçulmanas de uma forma ou de outra, mas nunca escolheu o caminho da expulsão²⁸⁴. Assim, a transformação do império tradicional ao

²⁸³ The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.46.

²⁸⁴ ROY, Olivier. op. cit., p.26.

império “ocidental” incorpora dois novos conceitos que se desenvolverão lentamente e com solavancos ao longo dos séculos seguintes; a primeira é a definição proposta pelo ideólogo Vasilii Tatishchev de uma Rússia “europeia” situada no ocidente do território e limitada pelos montes Urais em contraposição às colónias situadas para além deste acidente geográfico e habitada pelos “outros”²⁸⁵. O segundo será a ideia da Russificação enquanto objectivo civilizador que se desenvolverá em duas vertentes: uma primeira na Europa que consistirá na defesa dos eslavos e dos ortodoxos e nos seus interesses, doravante ligados aos interesses do Império e uma segunda de colonização e transmissão de valores nas colónias. É com esta matriz que a Rússia começará a sua expansão na Ásia Central, somada aos interesses comerciais e estratégicos de uma potência em desenvolvimento mas ainda com a sensação psicológica de debilidade perante uma panóplia de inimigos que a rodeiam e ameaçam.

3.1.3. – Penetração e conquista

Os interesses comerciais russos passam em 1717 pela seda e daí resulta um tratado assinado com a Pérsia. Mas Pedro I sonha com ir mais além, o que ele quer é a Índia e nesse sentido tenta estabelecer relações amigáveis com os kanatos de Kiva e Bucara. Em 1716 envia a Kiva uma expedição armada que será traída e destruída. Pedro não responderá mas a Rússia não esquecerá o acontecimento. As relações comerciais prosseguem durante o reinado de Catarina II, constantemente entorpecidas pelas tribos nómadas cazaques que assaltam as caravanas e a resposta russa é ocupar lentamente o noroeste das estepes. Ao longo do século continuam a desenvolver-se planos para a conquista da Índia através das estepes da Ásia Central que acabam por não se concretizar mas que colocam a Grã-Bretanha em aviso. Começava assim a desenhar-se

²⁸⁵ The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.47.

o “Grande Jogo” pelo domínio desta zona entre as duas potências que alcançará o auge no século XIX. Em 1819, o capitão Nikolai Muraviev realizou uma arriscada expedição até a terra dos uzbeques da qual chega à conclusão que é necessário conquistar Kiva para controlar o comércio. Esta viagem marca o início do fim dos kanatos²⁸⁶.

A lenta ocupação das estepes do Cazaquistão mostrou-se acertada. O império criou uma série de fortificações que lhe permitiram controlar a zona, através de alianças, acordos ou punições das três “hordas” do Cazaquistão (As Horda Menor e Média pediram a protecção imperial e a Grande Horda ficou sem apoio) e servir de base para a futura expansão, tendo como centro a cidade de Orenburgo, situação que consolida o rio Ural como linha divisória entre Europa e Ásia. Desta forma, o avanço para sul é um avanço colonialista, uma vez que a Rússia europeia assinala no rio definitivamente as suas fronteiras. Uma primeira tentativa de lançar um ataque frontal contra Kiva falha, pelo que se opta por uma longa e lenta marcha que durará entre 1853 e 1864 e permitirá tomar posições avançadas tão longe quanto à cidade de Almaty (Alma-Ata). Várias razões levam a Rússia a continuar o seu avanço; a guerra civil americana (1861-1865) impede a chegada de algodão ao império pelo que a conquista do vale de Ferghana onde existe a cultura do algodão e da seda torna-se uma prioridade. Por outro lado, a penetração britânica no Afeganistão apresenta-se como uma ameaça estratégica intolerável. A Rússia apoia a resistência afegã que atola o império Britânico na guerra Anglo-Afegã (1839-42). Em 1865 dá-se o passo definitivo para o controlo da região: 2000 russos liderados pelo General Chernaiev conquistam a cidade de Tashkent, a mais rica e populosa de Kokand que será totalmente submetido em 1867 e transformado no Turquestão, liderado por um Governador-geral. Desde Tashkent serão organizadas as

²⁸⁶ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p. 272.

campanhas militares para a conquista do resto da Ásia Central. Bucara e Kiva tornam-se protectorados e a área da Trans-Caspia é conquistada em 1881. Fica assim concluída a expansão russa, completada com a criação de um Afeganistão independente criado pela Rússia e a Grã-Bretanha como tampão entre ambos Impérios²⁸⁷.

3.1.4. – Administração territorial: o caminho da russificação

O império russo conclui a conquista da Ásia Central seguindo - ao mesmo tempo - três modelos de colonização típicos das potências ocidentais: no Cazaquistão derrota a população indígena e inicia o povoamento com colonos eslavos (modelo americano e francês no Faroeste e Argélia); na Transoxania estabelece uma administração militar directa e uma civil indirecta que desenvolve industrialmente a agricultura mas não intervêm na sociedade tradicional (modelo britânico no Egipto e norte da Índia) e finalmente estabelece protectorados nos kanatos muçulmanos e conservadores de Bucara e Kiva²⁸⁸. Este facto demonstra claramente que os dirigentes do Império tinham assimilado e continuado o projecto ocidentalizador de Pedro *O Grande*; mesmo quando tenham veleidades de aplicar uma russificação dos territórios, esta far-se-á em nome da missão civilizadora de uma potência totalmente europeia. No entanto, todas estas preocupações de estabelecer limites geográficos entre a Rússia europeia e as suas colónias, e distinções administrativas derivadas de diferenças étnicas, religiosas ou sociais dos distintos territórios não evitaram que as dificuldades para distinguir claramente uma Rússia dentro do Império Russo continuassem. Os czares continuaram a esforçar-se por evitar distinções entre províncias “russas” e “não-russas”. Exigiam lealdade a eles e ao Império, não a uma nação russa em particular. Em retrospectiva, e

²⁸⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.25-26.
Ver Anexo 4, p.225.

²⁸⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.27.

tendo em conta as denominações aplicadas na altura, podemos considerar que a denominada “Rússia” dos czares era constituída pelo que hoje conhecemos como Federação Russa, Ucrânia, Bielorrússia e Cazaquistão.²⁸⁹ Assim, mesmo que existisse sempre uma certa confusão entre colonizador e colonizado, o que é de destacar é a visão optimista que sempre teve o Império na sua capacidade de assimilação. Mesmo a conversão forçada é o oposto da limpeza étnica, particularmente quando os convertidos podem manter a sua língua como é o caso dos muçulmanos da Ásia Central (ao invés dos mesmos na Espanha, expulsos do território.) Tanto no Império Russo como para a sucessora União Soviética, os muçulmanos podem ser leais apenas respeitando a ideologia do Estado (ortodoxa ou soviética²⁹⁰.)

Mas ter uma visão optimista da capacidade de assimilação e ter de facto essa capacidade não é a mesma coisa, ainda mais quando não existe um verdadeiro programa a aplicar nas regiões conquistadas a médio e longo prazo. A administração imperial nunca pareceu ter de facto estes conceitos perfeitamente claros e em boa verdade também não era fácil tê-los, tendo em conta a dimensão do império e a sua diversidade em todos os aspectos; muito dificilmente poder-se-ia governar da mesma forma as províncias bálticas e o Turquestão. Assim, o governo da Ásia Central diferia quase por completo do governo das províncias ocidentais. De uma forma geral, a administração evitava ofender as sensibilidades locais e a actividade missionária era muito limitada e circunscrita. Foram poucas as tentativas de levar a cultura russa aos habitantes e em muitos casos encontravam-se com a resistência passiva ou activa dos mesmos²⁹¹. Esta

²⁸⁹ SERVICE, Robert. *Rusia*, op. cit., p.38.

²⁹⁰ ROY, Olivier. op. cit., p.29.

²⁹¹ *The Cambridge History of Russia*, Volume II, op. cit., p.40.

resistência tornou-se em raiva a partir de 1907 quando se iniciou uma política de colonização do território por parte de eslavos, raiva essa que se tornará em revolta a larga-escala em 1916 contra o governo e os colonos, contribuindo assim para a desintegração do império. Esta revolta será a primeira mas não a última; os sucessos repetir-se-ão na era soviética e contribuirão também para a sua desintegração.

Entretanto, no resto do Império desenvolve-se fortemente uma política de *russificação* em resposta à rebelião dos polacos que provoca a repressão de línguas e culturas nacionais apesar de não serem visíveis grandes tensões separatistas²⁹². Nos territórios da Ásia Central este processo não tem grande expressão. A sociedade continua na essência a manter o princípio aplicado desde o reinado de Catarina A Grande de um “pacto” entre duas comunidades separadas que colaboram na construção de um Estado comum. Existe tolerância religiosa e dão-se mesmo privilégios aos Tártaros muçulmanos em troca da sua ajuda em colonizar as estepes do Cazaquistão. Os efeitos da *russificação* apenas fazem sentir-se em pequenos pormenores como a abertura de centros de educação superior em russo que ajudarão a formar e educar os filhos da aristocracia cazaque e introduzi-los na cultura sem no entanto ameaçá-los com a conversão ou o abandono das suas línguas locais. É verdade que existiram momentos em que a ortodoxia tentou penetrar mais no âmago das sociedades islâmicas, mas o facto é que ao longo do século XIX surgiram publicações em árabe, construíram-se mesquitas em Moscovo, as academias militares russas abriram-se aos muçulmanos e ser cristão deixou de ser um requisito para ocupar postos administrativos²⁹³. A *russificação* foi portanto limitada e dirigida quase exclusivamente às elites. Na região tártara, o

²⁹² MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p. 328.

²⁹³ ROY, Olivier. op. cit., p.30.

especialista em assuntos turcomenos Nicolae Il'minsky pressionou no sentido de se criarem escolas missionárias que educassem nas línguas locais transcritas ao vocabulário cirílico. Centenas de escolas surgiram na região Volga-Ural, e daí penetraram na Ásia Central em número menos expressivo²⁹⁴. A vontade de influenciar linguisticamente as populações repetir-se-á na era soviética com relativa frequência.

A segunda via de *russificação* da Ásia Central dá-se com o contacto directo com os colonos russos chegados ao território. Esta via será também limitada. Os colonos estabelecem-se nos espaços urbanos, quase nunca se aventurando ao interior. Chegam não só empregados da administração civil, comerciantes e soldados, mas também trabalhadores especializados ou semi-especializados para operar os caminhos-de-ferro e as plantas industriais. Nestas actividades juntar-se-ão em breve os uzbeques sedentários que se tornarão os principais fornecedores de mão-de-obra industrial. Os russos fornecem portanto o *know how* ao mesmo tempo que respeitam largamente as tradições locais. Serviços públicos como escolas, hospitais ou postos de correio são escassos ou inexistentes²⁹⁵. Assim pois, a *russificação* apenas afecta as elites de forma não muita profunda e os habitantes dos centros urbanos mais sedentarizados ainda mais superficialmente. As estruturas sociais locais sofrem poucas transformações, limitam-se apenas num primeiro momento a coincidir no tempo e no espaço com as estruturas sociais russas trazidas pelos colonos. Os próprios russos não tinham razões para sentir-se privilegiados dentro do Império. As elites - ocidentalizadas - viviam completamente separadas das classes baixas e estas eram profundamente hostis ao poder central, tendo uma maior ligação à sua aldeia e aos sentimentos cristãos do que ao sentimento de

²⁹⁴ The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.41.

²⁹⁵ HIRO, Dilip. op. cit., p.29-30.

nação. O patriotismo era por conseguinte um fenómeno urbano e de classe média que foi crescendo ao longo do tempo. A figura unificadora destas classes distintas era o Czar, sacralizado e respeitado por todos. O patriotismo e a lealdade à dinastia eram equivalentes.²⁹⁶ Na Ásia Central a lealdade à dinastia constrói-se portanto numa primeira instância no respeito à religião muçulmana em troca à obediência das elites em relação às políticas imperiais.

3.1.5. – Administração: desenvolvimentos

O desenvolvimento administrativo da região foi mudando ao longo do tempo até alcançar uma forma quase definitiva no final do século XIX, consistindo na divisão em quatro entidades: O Governo-geral²⁹⁷ das estepes (noroeste do actual Cazaquistão); o Governo-geral do Turquestão (Taskhent, Samarcanda e o noroeste do actual Tajiquistão) ao qual se juntará a província Transcaspiana (que se tornará o coração do Turquemenistão) e os protectorados de Kiva e Bucara²⁹⁸. Seguem-se os três modelos de colonização já referidos. Apenas nas estepes se prossegue uma política de proselitismo religioso, no resto dos territórios as igrejas ortodoxas servem apenas os colonos russos, estabelecidos geralmente em centros urbanos novos erguidos ao pé das cidades muçulmanas tradicionais, cujas principais estruturas para além da igreja são a guarnição militar e a estação de comboio. Já foi referido que o processo de *russificação* foi, em termos gerais, limitado e superficial, mas mesmo dentro deste esquema geral podemos distinguir entre dois espaços geográficos; podemos admitir que no Governo-geral das

²⁹⁶ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.56.

²⁹⁷ Do russo *губерния* (*gubérniya*). Era a maior subdivisão administrativa do império e a base da sua organização. Regida por um governador, dividia-se por sua vez em outras divisões administrativas menores cujos nomes mudam no tempo. Em inglês utiliza-se como tradução *governorate*. Escolhe-se esta forma para evitar possíveis confusões com a palavra “província” que pode surgir em outros contextos.

²⁹⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.32.

estepes a tentativa foi um pouco mais profunda e no resto quase inexistente até o fim do Império. A política de colonização é a chave; se em 1887 a população europeia roçava os 20%, em 1911 já equivalia a uns 40% e 47% em 1939, percentagem que se manterá relativamente estável até 1989²⁹⁹. Esta situação provocou que as autoridades tentassem quebrar o sistema tribal tradicional e administrar as populações de forma directa, para além de tentar limitar a influência do Islão. A reacção a esta política foi exactamente a contrária à esperada: o Islão penetrou mais depressa e estalaram revoltas em defesa da terra, da autonomia e do nomadismo³⁰⁰. A política de *russificação* imperial foi, portanto, em termos gerais, um falhanço.

No que toca às elites locais, a influência russa faz-se sentir no estilo de vida. Notando que os russos vivem melhor nas suas comunidades que eles nas suas, não podem deixar de abrir um debate sobre se os russos cristãos não terão desenvolvido um sistema melhor que o seu Islão, ou então a sua comunidade tinha falhado na aplicação do verdadeiro Islão. O debate torna-se portanto religioso e dele surgem duas escolas ou tendências; por um lado surge um grupo que ficará conhecido como os *Qadims* (“Percursos”) favorecidos largamente pela hierarquia islâmica, que defende uma aplicação estrita da *Sharia*, por outro surgem os *Jadids* (“Inovadores”) que propõem inovações que permitam acompanhar a mudança do mundo. A sua perspectiva é muito influenciada pelo Ocidente³⁰¹. Esta divisão será de crucial importância nos acontecimentos políticos seguintes que levarão à dissolução do Império e à consolidação do poder soviético. Ao mesmo tempo, os funcionários imperiais

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Ibidem, p.32-33.

³⁰¹ HIRO, Dilip. op. cit., p.30.

encontram-se também eles divididos em duas facções; uma quer colocar as elites religiosas muçulmanas dentro do Estado, formando parte dele e sob o seu controlo, enquanto a segunda considera tal pretensão de alto risco, pois considera estas elites anti-russas e uma ameaça à estabilidade. Os primeiros dominavam o Ministério de Assuntos Internos enquanto que os segundos influenciavam o Ministério de Guerra³⁰². As épocas de maior tolerância ou maior repressão encontram-se portanto ligadas não só à escolha pessoal do czar do momento, mas também ao triunfo de uma destas facções sobre a outra, situação que ao longo do tempo evitou desenvolver correctamente uma política a longo prazo na Ásia Central.

3.1.6. – A semente da revolta

Os anos de 1904-1905 afiguram-se de extrema importância para a história da Rússia e naturalmente também para a história da sua presença na Ásia Central que, embora longe dos acontecimentos, é por eles influenciada de forma indirecta. A expansão imperial no Extremo Oriente provoca inevitáveis tensões com a China, a França e a Grã-Bretanha, mas sobretudo com o Japão que se afigura como uma grande potência regional emergente e partilha interesses estratégicos com a Rússia na Manchúria e na península de Coreia. O Império Russo procura um porto de águas quentes e encontra em Luyshun (ou Port Arthur) aquilo que procura. Mas os japoneses também desejam controlar a zona e a via diplomática esgota-se transformando-se numa guerra aberta que a Rússia considera fácil de vencer. Esta análise da situação viria a provar-se errada. A guerra sai muito mais cara e complicada do que se esperava; os mortos acumulam-se, os abastecimentos das cidades ficam comprometidos e os impostos sobre a população tornam-se inoportunos. A 9 de Janeiro (22 de Janeiro do

³⁰² The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.213.

nosso calendário) de 1905 uma manifestação pacífica é dissolvida aos tiros matando civis inocentes no chamado “Domingo sangrento”. O descontentamento transforma-se em revolução e a imagem do czar, até então sacralizada e eximida de toda culpa sofre danos irreparáveis. Doravante perde o seu valor sagrado e a lealdade à dinastia começa rapidamente a perder-se. As rebeliões nacionalistas sucedem-se na Polónia e na Geórgia e os trabalhadores da Rússia entram em greve e desobediência civil. As notícias que chegam do Extremo Oriente são catastróficas; em Fevereiro as forças terrestres são derrotadas em Mukden e em Maio a frota do Báltico é aniquilada na Batalha de Tsushima. Um segundo grande mito cai por terra; o regime não é invencível e as formações políticas ilegais saem da clandestinidade³⁰³. A Rússia imperial torna-se a primeira potência europeia a ser derrotada por uma potência não europeia.

Em consequência da grande crise política, social e moral que se abate sobre todo o Império, a resposta do czar foi no início repressiva e depois apreensiva. Forma-se um gabinete de governo com Witte à frente, mas o seu desentendimento com o czar leva-o a ser substituído por um Goremykin incapaz de lidar com a situação. O czar permite a criação de uma primeira Duma, totalmente incapaz, mas que marca um ponto de não retorno na política russa. Convoca-se uma segunda Duma e coloca-se à frente do governo o reformador Stolypin, que o é por conveniência e não por convicção. Este, tal como Witte também falhará e a Segunda Duma, tão ingovernável como a Primeira, será também rapidamente dissolvida. A Terceira será tão restringida que nem sequer conta com a presença de nenhum deputado da Ásia Central ao considerar-se a região demasiado atrasada. Num Império em que quase 27% da população é não eslava e conta com 13% de muçulmanos, a sua não inclusão na política nacional só pode ser

³⁰³ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.34.

problemática, e mais do que isso, é um problema que poderia ter sido facilmente evitado. Os povos não russos tinham participado pouco nos acontecimentos revolucionários, mas o regime endureceu as medidas repressivas e a política de russificação contra eles. Carrère d’Encausse assinala que a derrota russa frente ao Japão foi considerada pelos povos autóctones como uma vingança em representação de todos os oprimidos e o início de um sentimento de solidariedade dos povos colonizados perante o que consideram um enfraquecimento do Império. Em resumo, um nacionalismo nascente começa a desenvolver-se desde o início do século XX e culminará na Primeira Guerra Mundial³⁰⁴.

3.1.7. – A revolta: elites e ideologias.

As elites islâmicas do império, dirigidas sobretudo pelos tártaros de Kazan e da Crimeia foram capazes - através do movimento *Jadid* – de desenvolver um movimento cultural que permitiu a abertura de jornais de dimensão nacional escritos em alfabeto árabe e a criação de uma rede de escolas (com limitada penetração entre os cazaques e transoxanos) que chegou a alcançar um grau de alfabetização maior entre os tártaros (20.4%) do que entre os próprios russos (18.3%) na véspera da revolução bolchevique. No entanto, não conseguiram criar um movimento político unido nas sucessivas Dumas nas quais puderam participar. A *intelligentsia* começou a aceitar os princípios de “pan-islamismo” e “pan-turquismo” como bases para uma união entre todos os muçulmanos do Império. Não se procurava de início uma independência, mas antes uma unidade autónoma dentro de um Império reformado. Não existia portanto uma ideia de independência etno-nacional, mas antes pretendia-se que todos os muçulmanos, independentemente do Estado no qual se inseriam, pudessem encontrar-se sob um único

³⁰⁴ MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. op. cit., p.420.

califado, neste caso o Otomano. Isto viria a ser a ideia central por trás do Pan-islamismo. O Pan-turquismo viria a ser a ideia de uma língua unificada. Ambos movimentos caminhavam de mão dada até que a revolução Kemalista de 1908 na Turquia acabou com o projecto ao eliminar o califado do seu projecto e dotar de conotações étnicas o movimento Pan-turquista. Finalmente, um terceiro princípio desenvolve-se paralelamente, fruto directo da derrota frente ao Japão; o anti-colonialismo³⁰⁵.

O Império tentou controlar estes crescentes movimentos dissidentes promovendo uma das forças contra a outra. Os *Qadims* receberam o apoio do regime czarista que, conservador, acreditava que apoiando por sua vez as forças conservadoras do Islão conseguiria manter a ordem através das tradições locais. No entanto, as contínuas mudanças de política e um aumento do processo russificador no século XX minaram estes esforços. A situação política começava a tornar-se insuportável. Entre 1914 e 1925 a Ásia Central viveria acontecimentos de severidade extraordinária que foram desde a guerra e a revolução até o redesenhar das fronteiras e a perseguição aos colonos russos. A Primeira Guerra Mundial funcionou como um detonador que permitiu uma primeira e complicada união entre os muçulmanos da Ásia Central em oposição à presença russa. Em virtude da Guerra, o governo decidiu que os muçulmanos dos dezoito aos quarenta e três anos, até então isentos, poderiam ser recrutados para o exército em unidades de combate e as requisições de trigo para o exército tornaram-se habituais. Ambas medidas despertaram a cólera da população. *Jadids* e *Qadims* conseguiram finalmente unir-se entre si e com os chefes tribais cazaques e quirguizes numa plataforma conjunta anti-russa que começou a organizar uma insurreição armada contra o regime czarista. O

³⁰⁵ ROY, Olivier. op. cit., p.37-39.

clero apoiou declarando uma *jihad*. Em Julho de 1916, os nómadas cazques e quirguizes levantaram-se em armas e foram seguidos por toda a Ásia Central. A resposta russa foi sangrenta³⁰⁶.

A revolta na Ásia Central insere-se numa revolta maior que abala todo o Império. Na Rússia os partidos políticos radicais saem da clandestinidade e alimentam-se do descontentamento dos soldados, dos camponeses, dos operários e da *intelligentsia* surgida da emergente classe média. Nas províncias não russas juntam-se ainda as revoltas nacionalistas, especialmente na Europa e no Cáucaso. Até a queda do Império, a maior parte dos movimentos islamistas na Ásia Central, ao contrário de noutros sítios, não parece buscar uma independência mas antes novos modelos de autonomia e federalismo. Na maior parte dos casos, pode-se falar mais de interacção do que de confrontação. O império tinha construído ao longo da segunda metade do século XIX e inícios do século XX uma rede de instituições islâmicas tanto religiosas como administrativas, mas estas não se tinham aplicado da mesma forma no centro (Tartaristão) como nas periferias (Cáucaso e Ásia Central) onde o processo de institucionalização nunca foi plenamente completado. E neste marco incompleto, as novas elites em formação juntaram-se à oposição ao regime czarista³⁰⁷. Finalmente mas não menos importante, o Império construiu neste mesmo período de tempo as infraestruturas e conexões necessárias para unir a periferia ao centro do Império, e estas infraestruturas foram verticais, evitando em todo momento o desenvolvimento de relações horizontais entre províncias periféricas e com outras metrópoles³⁰⁸. Esta

³⁰⁶ HIRO, Dilip. op. cit., p.32.

³⁰⁷ The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.223.

³⁰⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.5.

situação manter-se-á no período soviético onde os mesmo medos e ameaças do final do czarismo continuarão a existir; o pan-islamismo e o pan-turquismo alimentados pela Turquia que, com o apoio da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial tentará separar a Ásia Central da Rússia e tomar conta dela para compensar os territórios perdidos na Europa³⁰⁹; ou a influência da revolução iraniana de 1907-11³¹⁰ com a sua dupla ameaça de constitucionalismo e islamismo radical. Outubro de 1917 marcará uma nova época para todo o Império, incluindo a Ásia Central que verá a sua existência radicalmente alterada.

³⁰⁹ HIRO, Dilip. op. cit., p.69.

³¹⁰ The Cambridge History of Russia, Volume II, op. cit., p.221.

3.2. – A ordem soviética na Ásia Central

3.2.1. – A nova ordem política

A Rússia tem sido definida como um grande conglomerado de periferias, como uma grande “Poliperiferia”³¹¹, ou seja, um Estado construído sob um conglomerado de periferias geográficas e culturais, incluindo a periferia da cultura europeia, mediterrânea, islâmica, budista, mongólica ou chinesa, entre outras. Os povos que a habitam são eles também periféricos étnica e linguisticamente, pois os centros culturais aos quais pertencem encontram-se todos fora do seu território.³¹² Podemos assim compreender a dificuldade de governar um território tão vasto cujo tamanho é mais um fardo do que uma qualidade, e a necessidade de possuir um Estado forte e centralizado capaz de impor uma certa ordem no meio de tanta diversidade. O estado Imperial russo nunca teve, em boa verdade a capacidade de impor esta ordem uniforme e por isso governou de forma relativamente tolerante e respeitando os diversos contextos dos diferentes territórios. A política de ocidentalização foi mais uma tentativa de modernização do que uma uniformização das políticas de governo, esse papel unificador recaiu tardia, limitadamente e sem sucesso na russificação forçada levada a cabo nos últimos tempos do czarismo. Mais do que ajudar, acabou por complicar ainda mais o difícil equilíbrio de governo; provocando ódios e oposições que, em última instância, contribuíram fortemente para o desmoronar do edifício político e para o triunfo bolchevique que herda, no momento da revolução, um Estado colapsado pelos impetus nacionalistas e ou religiosos.

³¹¹ Do inglês *Polyperiphery*.

³¹² MEDVEDEV, Sergei. Op. cit., p.524.

Os bolcheviques e o seu líder, Lénine, tinham já previsto teoricamente que a “questão nacional” seria de grande importância no momento da desapareição do Império dos czares e chegou à conclusão de que “o Estado nacional é a regra e a ‘norma’ do capitalismo, o Estado de composição nacional heterogénea é atraso ou excepção”³¹³. Nesse sentido, o seu programa político incluía o direito de autodeterminação dos povos, para que estes pudessem formar Estados nacionais próprios e modernos, controlados não por uma burguesia exploradora mas sim pelos próprios trabalhadores. Cumprindo a sua palavra, a 14 de novembro de 1917 é proclamada a Declaração de direitos dos povos da Rússia que outorga em quatro pontos: liberdade e soberania; direito à livre determinação, incluindo a separação total para formar um Estado independente; supressão de privilégios e restrições de carácter nacional e religioso; e livre desenvolvimento das minorias nacionais e grupos étnicos da Rússia. Ucrânia e Finlândia proclamam imediatamente a independência. Na Sibéria, no Cáucaso e na Polónia surgiram também governos independentes³¹⁴. Desta forma, o governo bolchevique renega abertamente o processo de russificação anterior e entra numa via de ocidentalização radical da política russa, admitindo ao mesmo tempo a sua incapacidade momentânea de controlar o vasto território do Império e vai ainda mais longe, iniciando um processo de descolonização dos territórios não-russos³¹⁵. No entanto, e tendo em conta o referido anteriormente, o Decreto não terá o mesmo efeito nem a mesma aplicação nos diversos territórios periféricos que constituem o Estado poliperiférico russo. Na Ásia Central não será recebido como na Europa Ocidental ou no Cáucaso.

³¹³ LÉNINE, V.I. Sobre o direito das nações, op. cit., p.515.

³¹⁴ REED, John. op. cit., p.222.

³¹⁵ HIRO, Dilip. op. cit., p.33.

A revolução de Fevereiro provocou que diversos partidos políticos surgidos no pós 1905 saíssem da clandestinidade no mundo muçulmano. No Azerbaijão aparece um Partido Socialista e um Pan-Turquico; o nacionalista Alash Orda dos cazaques e outros do género dos tártaros da Crimeia e de Kazán; na Transoxiana dois movimentos ainda clandestinos aparecem nos Kanatos, os Jovens Bukarianos e os Jovens Kivianos. Deles, o único verdadeiramente nacionalista era o Alash Orda; o resto situava-se perto do Partido Kadete russo. No entanto, ao não serem tampouco Pan-russos e por contarem com uma base etno-linguística, todos eles defenderão posições nacionalistas contra tanto bolcheviques como brancos. A primeira independência seria proclamada pelo Azerbaijão em finais de 1918. No entanto, para os bolcheviques, estas formações nacionalistas eram burguesas e portanto inimigas, pelo que foram atacadas, provocando a aproximação dos mesmos aos brancos que incrivelmente não souberam aproveitar a situação e aplicaram uma política chauvinista própria da pior versão czarista. Os muçulmanos voltaram a apoiar os bolcheviques que entretanto ajustaram a sua política para torná-la mais agradável. Mas esta medida seria momentânea, pois já no período de 1919-20, com a aproximação da finalização da guerra civil, os movimentos nacionalistas voltariam a ser esmagados³¹⁶.

3.2.2. – Guerra civil

A guerra civil prolongou-se de 1918 a 1921 e foi o momento em que os bolcheviques jogaram ao tudo ou nada. Uma derrota teria significado o seu desaparecimento definitivo da história. No entanto, venceram. Existem várias razões para esta vitória, sendo uma delas que os seus inimigos, os brancos, eram fracos. Não possuíam uma ideologia apelativa nem tentavam ganhar as populações para a causa, o

³¹⁶ ROY, Olivier. op. cit., p.42-44.

seu raciocínio era apenas militar. Afirmavam lutar pela “Rússia” e isso não dizia nada aos camponeses, cuja preocupação era a distribuição das terras. Hostilizavam as minorias nacionais do império num momento em que os combates se desenrolavam precisamente nos seus territórios. Os bolcheviques, por sua vez, perceberam as necessidades do momento, tiveram em conta a importância da organização e da mobilização das massas e sobretudo, criaram um partido que se tornaria num instrumento de governo³¹⁷. Na Ásia Central podemos observar claramente a evolução deste processo de concessões em momentos de fraqueza e imposição em momentos de força.

No momento do triunfo da revolução, os bolcheviques chegam a perder o domínio quase completo do Turquestão. Por esta razão, a sua política torna-se flexível e incorpora elementos próprios da região nas estruturas a ser construídas. Assim, o Partido Comunista Russo cria uma secção muçulmana no seu interior que por breves momentos se transforma no teoricamente independente Partido Comunista “Túrquico”. No seu interior várias correntes debatem com certa liberdade o futuro da região. Destaca-se Sultan Galiev, um tártaro do Volga que defende um modelo nacional-comunista mediante o qual devia formar-se um Partido Comunista Muçulmano, um exército muçulmano e um território muçulmano. Este novo Estado serviria então como ponte revolucionária para influenciar e apoiar futuras revoluções na Índia, Afeganistão, Irão e Turquia. Mas à medida que os bolcheviques vão afiançando a vitória tornam-se mais centralistas e menos tolerantes com a ideia de uma república autónoma ou independente muçulmana unida. Antes pelo contrário, o modelo defendido por Moscovo é o de criar repúblicas étnicas, partindo assim o Turquestão em Estados

³¹⁷ KENEZ, Peter. op. cit., p.60.

diferentes³¹⁸. Sultan Galiev será expulso em 1923 e preso em 1928. A linha defendida por Moscovo impõe-se.

A guerra civil desenvolve-se em fases e a primeira prioridade das novas autoridades é derrotar os exércitos brancos e as forças aliadas que são enviadas desde o estrangeiro para apoiá-los. A seguir, a guerra com a Polónia torna-se prioritária e depois o levantamentos de camponeses e operários descontentes (os chamados Exércitos Verdes) ocupa muitos dos recursos do recém-formado exército Vermelho organizado por Trotski. O Cáucaso e a Ásia Central apresentam-se como campos de combate extremamente complicados pelas composições étnicas e religiosas que compõem os territórios. Na Ásia Central, a acção do Partido Comunista encontra grande resistência por parte de grupos partisans que operavam em todo o Turquestão e contaram com o apoio de todas as classes sociais e das autoridades religiosas. No entanto, esta oposição não se encontrava unificada entre si nem possuía uma organização central. Os kanatos de Bucara e Kiva são reconquistados em 1920 mas isso não trava as guerrilhas islâmicas que continuarão a resistir até 1923. Este movimento ficou conhecido como *basmachi*³¹⁹ e apenas um escasso número de *jadids* não lhe ofereceu o seu apoio, preferindo tentar reformar o mundo islâmico aliando-se aos bolcheviques. Apenas esta vitória permitiria avançar para a criação da URSS enquanto Federação formada por novos Estados surgidos do redesenhar do antigo espaço do império em Dezembro de 1922. Lénine e Estaline, percebendo a ameaça que os nacionalismos representavam, apoiaram o desenvolvimento dos territórios não russos e contavam com erguer um Estado socialista

³¹⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.45.

³¹⁹ Termo pejorativo em língua uzbeque que se pode traduzir como “ladrão” ou “bandido”. HIRO, Dilip. op. cit., p.41.

centralizado, multi-étnico e anti-imperialista; uma espécie de “Império de acção afirmativa”.³²⁰

Durante a guerra civil existiram áreas do império que obtiveram a independência política por primeira vez. Isto tornava quase impossível que pudessem ser integradas na Federação Russa que começava a esboçar-se, formada por um território “russo” (onde os russos eram maioria) e Repúblicas “autónomas” internas (onde os russos eram minoria). Assim, o Exército Vermelho teve de intervir as mais das vezes para voltar a ocupar os territórios e “guiar” as novas repúblicas soviéticas soberanas nas suas relações bilaterais com a RSFSR. Mais uma vez, o império, demasiado grande e diverso, não podia ser governado por um único critério. Se na Ucrânia era relativamente simples criar uma RSS de critérios étnicos e territoriais, o mesmo princípio não podia ser aplicado na Ásia Central onde o território do cazaques, quirguizes, tajikos e uzbeques pertenciam à região “turquestana”. Primeiramente foram colocados dentro da RSFSR. No final de 1920 criou-se uma República cazaque autónoma mas não uma RSS³²¹. Mais uma vez, a política interna e externa da Rússia encontra-se tão interligada que não se pode estabelecer uma fronteira clara, fronteira esta que parece depender exclusivamente da força ou fraqueza do Estado central. Quando o Estado é forte, as relações entre as regiões são internas, quando o Estado é fraco, as relações são externas. Em última instância, o Estado forte triunfante esforçar-se-á no futuro para manter a aparência de um Estado fraco, federado em pé de igualdade.

³²⁰ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.151.

³²¹ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.121.

3.2.3. – Reorganização territorial

A construção da URSS trouxe consigo uma reforma administrativa que em 1924 definiu Bucara e Corasmia (Novo nome atribuído a Kiva) como RSS e começou uma reorganização territorial. Nenhuma área continha um grupo étnico claramente maioritário pelo que a missão era complexa. Moscovo não ditou a divisão; antes delegou nos comunistas locais que se envolveram em disputas territoriais entre si enquanto que o Estado central definia apenas os princípios gerais e arbitrava os debates. O governo comunista admitiu assim que conhecia mal a realidade do Turquestão e ainda menos a realidade de Bucara e Kiva. Assim, a política de indigenização foi realmente aplicada, não só na Ásia Central mas também em outras áreas geográficas. O modelo de criação da URSS levanta um debate de extrema importância para o futuro do novo Estado, pois o projecto apresentado por Estaline, então comissário para as nacionalidades, institui uma federação inteiramente subordinada à Rússia que concede às Repúblicas irmãs uma vaga autonomia. Lénine, ao descobrir a manobra, apercebe-se do chauvinismo russo e, persuadido de que a revolução mundial se desloca para a Ásia, considera nefasto manter qualquer lembrança da herança imperial czarista, ou pior ainda, manter tensões de carácter nacionalista no seio da futura federação. Opõe-se a tal projecto e propõe que as Repúblicas façam parte da União em pé de igualdade com a Federação da Rússia. A 6 de Outubro, o Comité Central aprova o projecto corrigido por Lénine e a 30 de Dezembro de 1922 a URSS é proclamada³²². Nesta fase final da vida de Lénine também podemos observar um debate sobre se o novo Estado deve prosseguir com uma política virada para a Europa ou para a Ásia. O novo regime deposita uma fé imensa na revolução mundial e acredita que a sua própria sobrevivência depende de um

³²² MARIE, Jean-Jacques. Estaline. 1ª Edição. Lisboa. Editorial Verbo, 2004. p.197.

triunfo revolucionário na Alemanha³²³. Quando este não acontece, Lénine e a cúpula bolchevique viram as suas atenções ao mundo colonial e prestam especial atenção ao Médio Oriente e a Ásia em toda a sua extensão. Através do Comintern constroem uma rede de apoio à revolução mundial cujo IV Congresso favorece claramente a acção na Ásia e Pacífico, onde as grandes potências imperialistas lutam pelas riquezas naturais e por estabelecer monopólios no seu benefício com o apoio das classes no poder, feudais, semi-burguesas ou aristocráticas. Destaca ainda a análise realizada em relação às nações muçulmanas pois o Comintern admite que nesse momento histórico (finais de 1922) o Pan-Islamismo e Pan-Turquismo são as forças dominantes na luta anti-imperialista, mas deixam claro que, no seu entender, a maturação das massas significará o abandono dessas ideias em favor da construção de nações independentes e unidas.³²⁴ Desta forma, e ainda que por apenas um breve período histórico, os defensores da teoria euroasiática ou da “Asiatização” da política russa, agora soviética, conseguem colocar as suas ideias em pé de igualdade com os russificadores com o apoio do pragmático Lénine, que, sendo um ocidentalizador extremo, consegue ver as dificuldades e procurar direcções mais favoráveis.

³²³ O Tratado de Brest-Litovsk assinado com a Alemanha para acabar com a I Guerra Mundial foi muito prejudicial para a Rússia. Quando Lénine foi confrontado com o assunto declarou que “A revolução é inevitável na Alemanha. Anulará o Tratado de Brest.”
VOLKOGONOV, Dmitri. op. cit., p.216.

³²⁴ DEGRAS, Jane. **The Communist International. 1919-1943 Documents.** Volume I (1919-1922). *The Royal Institute of Foreign Affairs.* London, 1955. p. 385.
Disponível online:
[http://anamnesis.info/documents/Degras%20-%20The%20Communist%20International%201919-1943%20-%20Documents%20-%20Volume%201%20\(1919-1922\)\(1971\).pdf](http://anamnesis.info/documents/Degras%20-%20The%20Communist%20International%201919-1943%20-%20Documents%20-%20Volume%201%20(1919-1922)(1971).pdf)

3.2.4. – *Nation Building* na Ásia Central

A Ásia Central torna-se um espaço de experimentação das teorias leninistas, e depois estalinistas sobre a construção do socialismo em sociedades atrasadas que não cumprem os requisitos marxistas para dar o salto evolutivo. A prioridade reside em criar as bases que a ausência do capitalismo não criou, isto é, Estados-Nação. E uma vez que a religião não é aceitável como força unificadora, a questão étnica torna-se na fundamentação destes Estados a criar. As independências são portanto desejáveis nem que sejam enquanto ficção política que justifique mais à frente a existência de uma Federação de nações em pé de igualdade. No entanto, neste processo, as ferramentas utilizadas guardarão uma notável continuidade com as políticas czaristas em três áreas: a relação com o Islão, a formação de “etnias” e o realinhamento das fronteiras administrativas. Na relação com o Islão, seguiram-se alternadamente três modelos: a repressão, a tentativa de instrumentalizar os mulás ou organizar o mundo do Islão através de instituições controladas pelo Estado e dirigidas por clérigos conservadores e leais. O objectivo soviético, ao igual que o dos czares foi sempre evitar as relações entre estes muçulmanos e os do resto do mundo muçulmano, desencorajando assim o pan-islamismo. Quanto à formação de “etnias”, mais uma vez o modelo soviético continuou a política czarista e centrou os seus esforços na língua como elemento central. As diferenças linguísticas foram destacadas e desenvolvidas e criaram-se novas codificações linguísticas alternando entre a utilização de alfabetos cirílicos ou latinos, sempre com o objectivo de separar os povos entre si e do mundo muçulmano e aproximá-los mais ao russo. Foi portanto um processo de russificação moderado, que com Estaline tornar-se-á no futuro mais intenso ao aplicar como regra nas escolas o ensino na língua materna na primária e o russo obrigatoriamente no ensino secundário e universitário. O russo enquanto língua franca é a pedra fundamental da política nacional

de Estaline e será sem dúvida no futuro, o instrumento mais importante do *soft power* russo pós-soviético. Finalmente, e para conseguir definitivamente criar nações independentes, mas não se afastando em demasia do modelo imperial, Moscovo iniciou uma série de mudanças administrativas nas fronteiras, inicialmente levadas a cabo quase exclusivamente por funcionários russos e mais à frente dirigidas por comunistas locais promovidos por Lénine e a sua política de indigenização³²⁵.

A grande mudança operada pela revolução na área seria porém, social e cultural. Após um longo tempo de alternância entre a tolerância pelos modos de vida tradicionais e uma russificação mais ou menos incipiente, o regime bolchevique aplica um política de ocidentalização extrema, rápida e agressiva. Através de leis e com a chegada de militantes e activistas, o poder dos soviets esforça-se por emancipar as mulheres dos costumes considerados mais retrógrados. Proíbe-se a poligamia e o costume generalizado nalgumas áreas de raptar mulheres para se tornarem noivas, as mulheres adquirem direitos dentro do casamento e podem obter o divórcio de mútuo consentimento. O objectivo era tornar as mulheres iguais em direitos aos homens e criou-se uma secção feminina dentro da Juventude Comunista (*Komsomol*) encarregada da propaganda e educação que encenava na praça pública eventos nos quais mulheres retiravam o véu ou renunciavam a outras tradições. No entanto, poucas mulheres mostraram interesse em abandonar o seu estilo de vida e as que o fizeram sofreram o ostracismo das suas comunidades e em casos extremos foram assassinadas. A grande revolução cultural resultou em vários aspectos contraproducente e criou grandes hostilidades. No final da década de vinte tornou-se óbvio que o espaço não eslavo era muito mais complicado de

³²⁵ ROY, Olivier. op. cit., p.52-58.

gerir que os espaços eslavos da União³²⁶. Pode-se concluir que na década de vinte vários modelos identitários foram aplicados ao mesmo tempo. Existiu uma tentativa de asiaticar a política externa no sentido de deslocar o apoio às revoluções desta área geográfica enquanto que na política cultural e social prosseguiu-se uma ocidentalização extrema que depois sofreria um processo de russificação imposto por Estaline na medida em que a União se ia tornando cada vez mais isolada do Ocidente.

3.2.5. – URSS: o edifício soviético

A construção do edifício soviético foi realizada de dentro para fora. Herdeiros de um império gigantesco e poliperiférico, habitado por inúmeros povos muito diferentes entre si; as autoridades bolcheviques decidiram primeiro definir os povos de forma clara e separá-los etnicamente os uns dos outros, atribuindo-lhes uma língua e costumes próprios, habitando um espaço próprio num processo de *Nation Building* com regras mais ou menos bem definidas. Uma vez que este processo se ia completando as novas nações ganhavam independência ou autonomia, ficando finalmente livres do chauvinismo imperial russo. Mas o poder no interior destas novas repúblicas ficava centralizado no Partido Comunista local, que por sua vez respondia perante o Comité Central de Moscovo que “orientava” a política destes territórios. Os líderes de cada República podiam ser escolhidos localmente num processo que ficou conhecido por *indigenização*. No entanto, estes líderes deviam seguir sempre as normativas da revolução socialista. Desta forma, a lógica apontava à criação de uma Federação de Estados soviéticos em pé de igualdade: a URSS. É assim a URSS formada por várias nações que partilham a sua existência para alcançar um bem maior, o socialismo. Existem duas exceções à teoria das nacionalidades; por um lado os russos cujo

³²⁶ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.151.

território era por sua vez também uma Federação e portanto não possui um território claramente delineado, e finalmente o novo cidadão “soviético” que é a soma de todas as nações sem no entanto, possuir uma Nação própria. O mais espantoso do processo é que, ao mesmo tempo que este edifício se constrói, constrói-se também o socialismo “num só país”, possuidor de um Estado central, uma economia centralizada, um território definido e um Partido monolítico³²⁷. Como nota de reflexão, podemos apontar que a URSS foi construída ao contrário que a União Europeia que até agora foi sendo construída de fora para dentro.

Os “apartamentos” do edifício soviético na Ásia Central foram construídos num período de tempo que vai de 1924 a 1936. As primeiras RSS criadas em 1924 viriam a ser as de Uzbequistão e Turquemenistão (República Turcomena). Em 1929, extraiu-se do Uzbequistão a RSS de Tajiquistão e em 1936 formaram-se as RSS do Cazaquistão e do Quirguistão naquela que seria a maior perda territorial da RSFSR³²⁸. Esta territorialização respondeu também a uma lógica estratégica que se pode designar de princípio de “ponte dupla”. O objectivo foi favorecer grupos étnicos que pudessem servir para influenciar os povos minoritários situados para lá da fronteira e ao mesmo tempo evitar vínculos com os países vizinhos perigosos, nomeadamente a Turquia e o Irão. Por esta razão favoreceram-se as nacionalidades Turcomenas, Uzbeques ou Tajiques, em detrimento dos grupos mais próximos aos Turcos e Persas³²⁹. A política de nacionalidades, como já se disse, era não só um elemento de política interna mas também de política externa, e um instrumento da política asiática da URSS.

³²⁷ SLEZKINE, Yuri. **The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism**. *Slavic Review*. Summer 1994, vol.53, n.2, p.435.
Disponível online: <http://www.jstor.org/stable/2501300>

³²⁸ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.40.

³²⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.67.

O final da década de vinte e o início da década de trinta apresenta-se como a de formação das nacionalidades submetidas ao projecto comum do etno-federalismo soviético e também o momento em que a política internacionalista leninista começa a mudar para uma política mais nacional empreendida por Estaline, como consequência da escolha de construir o socialismo num só país. Esta decisão tem grandes repercussões no projecto geral. Na Ásia Central, o processo de indigenização tem como objectivo ganhar lealdades e evitar movimentos anti-soviéticos tanto internos como externos. Com esta política, rapidamente a maioria dos membros dos Partidos Comunistas das repúblicas tornam-se locais e a língua natal é ensinada nas escolas primárias. Este processo levantou alguns conflitos com os russos lá instalados que chegaram a sofrer uma discriminação negativa por parte do Estado. Mas já no período de 1928-29 começam a sentir-se mudanças impulsadas por Estaline. Se até então o Império Russo tinha sido tratado como um regime explorador e brutal, agora o Estado começava a revisar esta análise afirmando que o Império tinha trazido cultura e civilização aos povos não russos. A partir de 1938, o russo, que já era língua franca, passa a ser por lei, parte obrigatória dos estudos. Houve também um ataque generalizado às religiões e a industrialização promoveu mais mudanças nos estilos de vida dos povos. A URSS começava a tornar-se não já numa União internacionalista de povos mas sim numa “irmandade.”³³⁰ A educação é pois parte essencial do projecto uma vez que, ao iniciar-se a revolução, o Partido Bolchevique conta com 5% de iletrados absolutos, 75% de militantes com instrução elementar, perto de 6% com instrução média e menos de 1% com instrução superior. Em Bucara, 70% dos comunistas não sabem ler e escrever em uzbeque e 98% não o consegue em russo. No Turquemenistão, um terço são analfabetos. Assim, na Ásia Central, o Partido torna-se

³³⁰ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.151.

um tapa-misérias dos velhos clãs feudais cujos chefes são leais ao chefe local³³¹. A educação servirá para moldar as mentes da próxima geração e a “sovietização” começa a ganhar forma como espécie de híbrido entre ocidentalização e russificação, uma espécie de meio-termo de políticas identitárias mediante a qual surgirá o *homo sovieticus* que, libertado das influências reaccionárias da tradição socio-religiosa islâmica, poderá alcançar a maturidade cultural e ideológica dos seus irmãos russos os quais, encontrando-se também eles imersos no mesmo processo, poderão no futuro construir conjuntamente uma ordem socialista. Nesta primeira fase, e tendo em conta o baixo nível de alfabetização, os comunistas devem dar o exemplo pessoal³³².

3.2.6. – O Estalinismo e os seus sucessores: política de *Kolkhoz*

O Estalinismo com o seu projecto de Socialismo num só país lançou-se num projecto de industrialização que reflectia o triunfo da tendência operária sobre a tendência pequeno-burguesa dentro do Partido, o que se reflectiu numa política que fortaleceu o papel do mesmo, assim como de um planeamento económico centralizado que requeria por sua vez de uma colectivização da agricultura³³³. E essa colectivização definiu por sua vez a construção do espaço soviético na Ásia central. O seu primeiro efeito foi o de acabar com toda forma de nomadismo e semi-nomadismo e a necessidade de ligar as comunidades rurais à terra, evitando dessa forma o êxodo rural. Desta forma, e tendo em conta as especificidades dos seus habitantes, a identidade política forjou-se no sistema rural com base nos grupos solidários pré-existentes. O primeiro Plano quinquenal (1928-32) serviu para estabelecer o *kolkhoz* como a moldura para os novos

³³¹ MARIE, Jean-Jacques. op. cit., p. 228.

³³² HIRO, Dilip. op. cit., p.44.

³³³ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.27.

grupos solidários que não eram mais do que reconstituições e reagrupações dos grupos previamente existentes. Uma vez que o *kolkhoz* se formava, beneficiava de uma institucionalização administrativa, económica, social e mesmo política. Possuía uma relativa autonomia e podia eleger o seu presidente que depois seria responsável de interagir com o Estado. Estes grupos solidários interagiam entre si através de redes pessoais ou colectivas que ajudavam a resolver problemas e superar dificuldades. Formou-se assim uma identidade *kolkhoziana* que ia para além da mera institucionalização que se mantinha mesmo quando um membro o abandonava, pois continuava identificado com o mesmo³³⁴. Mas esta colectivização teve um preço terrível, a resistência dos camponeses foi enorme e em 1933 tinham morrido entre quatro e cinco milhões de pessoas no processo de perseguição dos camponeses ricos (*deskulakização*) e na entrega forçada de cereais. Os próprios camponeses preferiam matar o gado e comer as vacas e os cavalos do que entregá-los aos *kolkhozes*³³⁵. É preciso não generalizar a situação e lembrar que a Ásia central era a parte da URSS menos desenvolvida e portanto a mais rural. É verdade que a colectivização foi um acto desumano e não se pode justificar a atitude do governo soviético da altura que quebrou o contrato social implícito que consiste em salvar as vidas dos seus cidadãos, mas também é preciso compreender que a maior parte dos militantes que neles participaram tinham como objectivo transformar a vida e sociedade soviéticas e acreditavam genuinamente num futuro melhor³³⁶. Esta fé explica como o Estado soviético conseguiu mobilizar tanta gente e realizar esta gigantesca reconversão da agricultura. Em linhas gerais, é verdade que o projecto desembocou num Estado totalitário que pretendia

³³⁴ ROY, Olivier. op. cit., p.86-89.

³³⁵ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.179.

³³⁶ KENEZ, Peter. op. cit., p.140.

controlar todas as atividades dos seus cidadãos, mas isto não é exactamente verdade para toda a União. Na Ásia Central, a presença do Estado manteve-se fraca como nos tempos do czarismo. A polícia é escassa, a NKVD em todas as suas formas só se encontra representada na principal cidade de cada distrito e os sovietes são ocupados por uma maioria de membros locais, sendo o resto dos quadros quase exclusivamente locais³³⁷. O Estado centralizado encontra-se, por sua vez, localizado, e este poder local tem nos *kolkhozes* a sua principal organização institucional.

Apesar desta realidade, o processo de “sovietização” continua a ganhar contornos mais russificados. Duas razões de força maior contribuirão para este facto; a industrialização provocará grandes migrações de russos à periferia e a GGP apelarà à maioria russa e ao seu sentimento nacional mais do que à defesa do socialismo que, por razões óbvias após tantas imposições e sacrifícios não é popular para a maioria. No primeiro caso, a mão de obra especializada russa é enviada à Ásia Central para dirigir e trabalhar na nascente indústria. A RSS de Cazaquistão será a mais afectada, como no tempo dos czares, sofrendo uma alteração na sua composição de 21,2% de russos em 1926 a 40,3% em 1939³³⁸. Este processo repete-se em toda a União e subitamente atacar o nacionalismo russo torna-se contraproducente, embora se mantenham fortes restrições ao seu desenvolvimento. Não só os especialistas e novos colonizadores russos alteram a demografia e composição étnica da Ásia Central. O grande terror desencadeado por Estaline incluiu a deportação de povos inteiros para as regiões mais inóspitas da União, e o Cazaquistão foi uma delas³³⁹. A GGP amplia ainda mais a russificação da

³³⁷ ROY, Olivier. op. cit., p.89.

³³⁸ The Cambridge History of Russia, Volume III, op. cit., p.501.

³³⁹ SERVICE, Robert. Historia, op. cit., p.218.

sovietização que tinha vindo a desenvolver-se anos antes. A “irmandade dos povos” proposta por Estaline tinha transformado ao russo numa espécie de irmão mais velho e a língua russa tornara-se na mais útil ferramenta de “fusão” dos povos. A invasão alemã semeia o pânico na cúpula dirigente que, não sem certa razão, acredita que o povo o pode abandonar. A solução encontrada é centrar os esforços no povo mais numeroso e apelar ao seu patriotismo. A defesa de Moscovo em 1941 torna-se o momento mais alto desta política quando Estaline exalta a grande nação russa, a nação de Plekhanov, de Lenine, de Pushkin, Tolstoi, Glinka, Gorki, Pavlov, Suvorov ou Kutuzov. Na sua longa enumeração não inclui personagens soviéticas, o que ele invoca é essencialmente a tradição imperial russa³⁴⁰. Esta situação manter-se-á no pós-guerra com mais ou menos impeto segundo o Secretário-Geral do momento, confirmando a sovietização como uma mistura de ocidentalização e russificação onde a segunda vertente será mais forte sem porém ser total.

A situação na Ásia central será, no entanto, notavelmente parecida com a da Rússia imperial no período soviético. A sovietização afectará quase apenas as elites e os centros urbanos enquanto que as áreas rurais manter-se-ão relativamente intocadas no esquema da re-tribalização baseada nos *kolkhozes*. O centro pratica uma espécie de administração indirecta mantendo apenas o controlo directo dos mecanismos chave; os altos cargos da KGB, o exército, guardas fronteiriços e os altos quadros do partido que apesar de tudo são locais. A técnica de nomear para segundo secretário um russo para dessa forma controlar o primeiro revelou ser uma medida ilusória. Apesar de existirem perto de cinco milhões de russos nas RSS da Ásia Central e perto de sete milhões só no Cazaquistão nunca surgiu uma elite russa nem o Estado a promoveu. Esta população

³⁴⁰ MARIE, Jean-Jacques. op. cit., p.514.

concentrava-se nos centros urbanos e quase não se misturava. Não costumavam aprender a língua local. A institucionalização do regionalismo era produto do sistema soviético e do meio rural e os quadros muçulmanos não tinham grandes perspectivas de saírem das suas Repúblicas pelo que quase toda a sua carreira se centrava na política local.³⁴¹

A URSS deixou de ser totalitária e passou a ser autoritária pela mão de Nikita Krushev que começou um processo de desestalinização que se revelaria irreversível. Ao começar essa reforma, um dos seus principais objectivos foi impedir a fossilização das chefias e incentivar a mobilidade. Exigiu-se que um terço dos membros dos órgãos dirigentes, tanto a nível nacional como regional, fosse substituído a cada eleição. O trabalho dos secretários do partido começaram a ser avaliados tendo como objectivo melhorar o seu desempenho. Com estas medidas só conseguiu gerar desagrado³⁴². As suas reformas chegavam tarde demais. O seu sucessor, Brejnev, chega ao poder apoiado precisamente pelas elites no poder que não desejavam mudanças mas estabilidade. Na política das nacionalidades, Krushev optimista e ingénuo desprezou os povos da URSS e acreditava firmemente que o país tinha resolvido a questão nacional e chegou mesmo a propor a unificação de todas as repúblicas asiáticas numa só. Acreditava portanto na realização da “fusão dos povos” num único “homo sovieticus”, o que provocou o efeito contrário ao planeado; estimulou os sentimentos nacionalistas no seio das Repúblicas que viam os seus privilégios ameaçados³⁴³. A partir desse momento, os nacionalismos foram crescendo ao ponto de, em 1969, uma sublevação em Tashkent precisar da

³⁴¹ ROY, Olivier. op. cit., p.104-107.

³⁴² KENEZ, Peter. op. cit., p.280.

³⁴³ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.44.

intervenção do exército após o assassinio de vários funcionários russos. A posição de Brejnev no que toca às nacionalidades foi intermédia. Falou em favor de uma “convergência” dos povos e prometeu ter tacto mas mesmo assim não toleraria nenhuma oposição aberta ao regime. Em vez de resolver os problemas, suprimiu-os, permitindo que continuassem a crescer na obscuridade. No Uzbequistão, o secretário-geral Sharaf Rashidov promoveu os membros do seu clã nas altas instâncias do Partido e permitiu que desfrutassem dos seus privilégios sem interferência de Moscovo. No Cazaquistão, Dinmammed Kunaev deu protecção de forma encoberta às emergentes aspirações nacionais. Todos os líderes da Ásia Central e do Cáucaso perseguiram os dissidentes nacionalistas ao mesmo tempo que seleccionaram e organizaram as élites locais cada vez mais sob princípios nacionais. A estabilidade de Brejnev residia portanto no facto de fechar os olhos aos cada vez mais óbvios sistemas clientelares que se reforçaram até a criação de “ninhos” de interesses tão herméticos que os emissários do Comité Central já não conseguiam desemaranhar³⁴⁴. A corrupção na Ásia Central tornou-se generalizada e tão local que o Estado Central começava a perder o controlo sob a mesma.

Andropov no seu curto período de governo demonstrou uma maior lucidez do que o seu antecessor e também do que o seu sucessor, Gorbatchov. Apercebendo-se da crise do sistema, acreditava na sua reforma através do aumento da disciplina e do combate à corrupção. E esta corrupção depressa destacou-se na Ásia Central e especialmente no Uzbequistão onde, acidentalmente, um satélite soviético descobriu que os terrenos de cultivo de algodão registados nos mapas de facto não existiam. O desvio de fundos tinha sido realizado a uma escala inimaginável. O Comité Central

³⁴⁴ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.366.

enviou Geidar Aliyev como agente anti-corrupção mas o seu sucesso foi limitado devido à falta de cooperação dos quadros locais. A medida provocou que se formasse um consenso para resistir ao poder central que preparou o terreno para a emergência da oposição religiosa e nacionalista³⁴⁵. Tal como tinha acontecido com Krushev, as reformas de Andropov chegavam tarde demais. A sua política para as nacionalidades foi mais ponderada, reconhecendo implicitamente o falhanço da criação de um “homo sovieticus” e aplicando, como Lenine tinha feito, meios de “acção afirmativa” para “assegurar a adequada representação de todas as nacionalidades” em todos os órgãos governamentais e partidários³⁴⁶. Mas o seu governo é apenas de meses. Morre e o seu trabalho fica incompleto e nas mãos de um Gorbachov que será superado pelos eventos que ele próprio desencadeará. Neste colapso, a política das nacionalidades terá grande importância e a Ásia Central entrará numa nova fase totalmente diferente; à das independências, por primeira vez, longe da Rússia.

³⁴⁵ HIRO, Dilip. op. cit., p.132.

³⁴⁶ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.62.

IV - A Rússia perante a Ásia Central independente

4.1. – A Ásia Central pós-soviética.

4.1.1. – Condições para as independências

Quando em finais de Dezembro de 1991, Mikhail Gorbachev dissolve a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, já toda a Ásia Central se encontrava numa situação de crise total. O colapso foi rápido, caótico e em muitos aspectos inesperado. A tentativa de reformar um regime absolutista, de partido único, enorme e repleto de diversidade étnica revelou-se impossível e agora, as quinze Repúblicas que a constituíam eram independentes e tinham de prosseguir o seu caminho. Dentre elas, quatro conformavam a Ásia Central soviética: Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Turquemenistão. Historicamente também se considerou neste grupo uma quinta; o Cazaquistão. Este espaço geográfico constituía a periferia do Estado *poliperiférico*³⁴⁷ soviético e era o mais extenso dos que conformavam a União, maior do que o espaço europeu não russo e o Cáucaso juntos, apenas superado pelo território da RSFSR³⁴⁸. Era também o mais rural e economicamente atrasado. A sua população em 1994 era de aproximadamente quarenta milhões de habitantes na sua grande maioria muçulmanos³⁴⁹ e com grande pujança demográfica, ao contrário dos eslavos em franca decadência. Mas a sua principal característica era que as suas Repúblicas nunca tinham existido até o seu estabelecimento pela URSS e da sua política de *multinacionalidade institucionalizada*³⁵⁰. Foi desde Moscovo, em colaboração com os comunistas locais que se traçaram fronteiras, definiram línguas, decidiram alfabetos, se seleccionaram

³⁴⁷ MEDVEDEV, Sergei. op. cit., p.524.

³⁴⁸ Ver Anexo 5, p.226.

³⁴⁹ STUERMER, Michael. op. cit., mapa, p.12.

³⁵⁰ BRUBAKER, Rogers. op. cit., p.49.

danças tradicionais e se fomentou a literatura local num esforço de *Nation Building* nunca antes visto. E apesar de que a sua soberania era meramente simbólica, o simbolismo era materialmente efectivo, com um aparato político e administrativo próprios³⁵¹. Até bandeira e brasão de armas lhes foi atribuído. Desta forma, a ficção tornou-se realidade de forma tão surpreendente que nem as próprias elites locais conseguiram assimilar a ideia com facilidade.

O processo de indigenização provou ser um sucesso e a colectivização forçada encontrou no *kolkhoz* a base institucional das relações entre o Estado central e as populações. Criaram-se redes clientelares que tinham por objectivo prosseguir interesses próprios, e a corrupção alastrou. Estas redes estavam tão emaranhadas que eram já praticamente incontroláveis. Assim, as principais ameaças para os interesses das elites das Repúblicas eram as reformas económicas que incluíam medidas anti-corrupção e a política das nacionalidades. Gorbatchev conseguiu juntar ambas ameaças numa só sem se aperceber. A liberdade de imprensa começou lentamente a surgir dando destaque às campanhas anti-corrupção e estas campanhas destaparam estruturas de corrupção no Azerbaijão, Uzbequistão e Cazaquistão muito maiores do que na RSFSR. Os líderes locais foram expulsos. No Cazaquistão foi nomeado sucessor de Kunaev o russo Gennadi Kolbin provocando violentos protestos em Alma-Ata perante o silêncio cúmplice da *nomenklatura* local e os ataques dos intelectuais locais ao comunismo. Por toda a União surgiam movimentos nacionalistas; mas a aparente tranquilidade que se vivia na RSFSR e na Ucrânia mantinha o optimismo. Para além disso, perto de vinte e cinco milhões de russos a viverem fora da RSFSR constituíam grandes minorias em muitas Repúblicas. Estes, acreditava-se, fariam tudo para manter a União Soviética ao

³⁵¹ ROY, Olivier. op. cit., p.11.

verem-se ameaçados pelos nacionalismos emergentes³⁵². O problema era que a URSS tinha sido construída como um Estado totalitário por Estaline, significando isso que o poder se encontrava plenamente centralizado mesmo em relação às Repúblicas criadas artificialmente e teoricamente soberanas. A primeira tentativa reformista levada a cabo por Krushev tornou o estado autoritário, diminuindo ligeiramente a centralização e permitindo uma certa autonomia. Esta política teve sucesso e consequentemente existiam pessoas que se sentiam verdadeiros soviéticos. Mas o aumento da mobilidade dos cidadãos, os casamentos mistos e a maior proximidade não só não conseguiram diminuir o nacionalismo crescente mas antes estimularam o seu crescimento ao salientar as diferenças mais do que as semelhanças. Na verdade, tanto o Estado totalitário como o Estado autoritário mantinham a unidade pela repressão ou ameaça de repressão. Gorbachev, ao retirar essa ameaça destruiu a unidade. As desordens que se seguiram na Ásia Central não foram dirigidas só contra o Estado soviético mas também contra os povos próximos entre si. Em 1989, os mechketes, muçulmanos instalados por Estaline no Uzbequistão nos anos do grande terror, foram chacinados pelos locais. No Quirguistão, as minorias uzbeques foram por sua vez atacados. Estes ataques às minorias repetiram-se por toda a União. Mesmo assim, as pessoas na Ásia Central, embora ressentidas com a interferência do governo central e pelo influxo de russos e ucranianos que chegaram a tornar-se majoritários em certas regiões, não formaram movimentos de independência fortes, talvez porque percebessem que beneficiavam de subsídios económicos e que as suas economias se encontravam completamente interligadas. Afinal de contas, o nacionalismo que mais contribuiria para a dissolução da URSS seria o liderado por Boris Ieltsin na RSFSR³⁵³.

³⁵² SERVICE, Robert. op. cit., p.424-425.

³⁵³ KENEZ, Peter. op. cit., p.354-357.

O nacionalismo russo surgiu alimentado pela russificação crescente da sovietação, processo iniciado na GGP e alimentado pelo isolamento da URSS do Ocidente capitalista. Apesar da acção afirmativa levada a cabo para elevar o desenvolvimento das populações não russas ao nível russo, os russos pareciam não compreender determinados problemas que as suas acções provocavam; ignoraram a ameaça à nacionalidade e à língua que implicava a migração de um grande número de trabalhadores russos para as outras repúblicas e alguns russos sentiam-se indignados pelo contínuo financiamento das repúblicas periféricas. Andrei Sákharov providenciou uma base ideológica a este movimento ao desenvolver o conceito de “soberanização”, com o qual defendia que também a Rússia tinha sido privada da sua igualdade com as outras repúblicas e que uma nova constituição devia dar à Rússia as suas próprias instituições republicanas. Em 1990 Boris Ieltin poria em prática este conceito.³⁵⁴

A URSS continha na sua Constituição, desde a sua fundação, o direito de secessão das suas Repúblicas, direito que se manteve em todas as sucessivas inclusive a de 1977³⁵⁵. Mas as regras para tal não estavam definidas e Gorbachev, na sua tentativa de seduzir as forças nacionalistas para que mantivessem a União, clarificou as regras com a Lei de Secessão de Abril de 1990. Mas a clarificação não significou a simplificação; os requisitos consistiam em que dois terços do eleitorado de uma república soviética votassem a favor da secessão e depois aceitassem um período de transição de cinco anos durante o qual as outras repúblicas podiam levantar objecções. Podia ainda realizar-se um novo referendo se um décimo do eleitorado o requeresse e o

³⁵⁴ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.209.

³⁵⁵ No art.6º e 8º da Constituição de 1918, onde o primeiro reconhece a independência da Finlândia e o direito à autodeterminação da Arménia, e o segundo explicita que os territórios podem decidir livremente participar ou não na Federação Russa. Nas Constituições seguintes o direito de secessão mantém-se no art.4º da Constituição de 1924, no art.17 da Constituição de 1936 e no art. 72º da Constituição de 1977.

Soviete Supremo da URSS tinha poderes para confirmar ou negar este desejo. O objectivo claro de Gorbachev era conservar a União. Neste sentido, lançou um referendo em Março de 1991 sobre a manutenção da mesma e obteve uma estrondosa vitória. A participação foi de 80% e 76,4% dos eleitores votou a favor. Na RSFSR os votos favoráveis atingiram o 71% e Gorbachev ganhou uma nova força moral na sua luta por manter a União. Mas a situação política continuou instável e desembocou na tentativa de golpe de Estado de 1991 levada a cabo pelos conservadores. Esta tentativa falhada elevou a força de Ieltsin, que rapidamente ultrapassou em poder real a Gorbachev. Mas a mudança definitiva só seria possível se a União desaparecesse. Com este objectivo, os presidentes das repúblicas eslavas, Ieltsin pela RSFSR; Leonid Kravchuk pela RSS de Ucrânia e Stanislav Shushkevich pela RSS de Bielorrússia juntaram-se em Belovezhkaia Puscha (perto de Minsk) sem autorização dos seus respectivos sovietes supremos para defender o fim da União e a criação de uma Comunidade de Estados Independentes. Foi também convidado à reunião Nursultan Nazarbaev, líder do Cazaquistão e defensor da preservação da União, mas, a decisão foi tomada antes da sua chegada à reunião³⁵⁶. À rebelia, sem grande legitimidade política ou social, e decidido por uma minoria de políticos soviéticos, a URSS chegava ao seu fim.

³⁵⁶ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.112-114.

4.1.2. – Da URSS à CEI

A 8 de Dezembro de 1991 foi criada a Comunidade de Estados Independentes (CEI) cujo núcleo eram os estados eslavos - Rússia, Bielorrússia e Ucrânia - com base no princípio da igualdade soberana. O objectivo era permitir uma continuidade nas unidades constituintes da União Soviética sob uma nova designação. Contudo, cada República seguiu o seu próprio caminho e actualmente é essencialmente um fórum de diálogo³⁵⁷. O Cazaquistão juntou-se ao núcleo fundador e aceitou manter um espaço económico comum e forças armadas estratégicas unificadas. O Secretariado não estaria em Moscovo mas em Minsk e não existia a figura do presidente. A 21 de Dezembro todas as outras repúblicas excepto as bálticas e a Geórgia juntaram-se. A URSS deixou de existir formalmente à meia-noite de 31 de Dezembro de 1991³⁵⁸.

Como já se disse, os movimentos independentistas na Ásia Central não eram tão fortes como em outras repúblicas e o nível de dependência económica era porventura maior. No entanto, a degradação das relações era real. A guerra do Afeganistão foi a primeira brecha, pois jovens uzbeques e tajikos eram enviados à frente de batalha ao mesmo tempo que eram tratados com um certo desprezo devido à sua religião muçulmana, situação que começou a por em causa o sentimento de colectividade e pertença soviética. Para além disso, a pujança demográfica da região tornava difícil a criação de emprego suficiente para todos. A solução passava por deslocar o excesso de gente para regiões da Sibéria, mas estes, muito ligados à sua terra apenas ficaram ressentidos com a medida. Também o investimento na região começou a sofrer grandes cortes à medida que a crise avançava, provocando crises crónicas. Gorbatchev

³⁵⁷ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.158.

³⁵⁸ SERVICE, Robert. Historia, op.cit., p.468.

contribuiu ainda mais neste processo ao criticar fortemente o Islão ao mesmo tempo que respeitava a Igreja Ortodoxa e ao perseguir e destituir altos funcionários locais na sua política anti-corrupção, muitas vezes substituindo-os por russos ou eslavos. A *nomenklatura* local sentia que o “contrato social” em vigor; exercer o poder local em troca de lealdade política e ideológica, estava a ser quebrado. No fundo, o processo de sovietação, ao ser cada vez mais russificado deixou de ser abrangente e expulsou-os. Eles deixaram de se reconhecer neste modelo eslavizado e não estavam dispostos a aceitar que todos os benefícios fossem para os russos³⁵⁹. Mais uma vez, o pico da russificação ajudou a alcançar o colapso, como em 1917.

O processo de independências começou a 11 de Março de 1990 quando a Lituânia abandonou a União. As repúblicas da Ásia Central foram das últimas em fazê-lo; o Uzbequistão e Quirguistão a 31 de Agosto de 1991; Tajiquistão a 9 de Setembro; Turquemenistão a 27 de Outubro e Cazaquistão a 16 de Dezembro. Esta decisão foi tomada na maior parte dos casos contra vontade ou por não existirem mais opções. O referendo sobre a manutenção da União tinha demonstrado que os povos a desejavam com esmagadores resultados de 90% a favor em toda a Ásia Central³⁶⁰. Também as elites não pareciam plenamente convencidas pois as suas repúblicas eram as mais favorecidas pelas subvenções federais. A CEI, por sua vez, nunca esteve à altura dos problemas com que se deparava e na sua primeira fase apenas serviu de plataforma coordenadora de certas políticas.³⁶¹ Foi a própria Federação Russa que se encarregou de afastar de si as Repúblicas da Ásia Central. Para Boris Ieltsin e o seu novo regime a área

³⁵⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.127-129.

³⁶⁰ KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. op. cit., p.212.

³⁶¹ PRAT, Cesáreo R. Aguilera de. **Rusia y la CEI: ¿Relaciones de política exterior o interior?** *Afers Internacionals*, 1998, no.42, p.8.
Disponível online: <http://www.raco.cat/index.php/RevistaCIDOB/article/view/28090/27924>

não tinha interesse. A sua política era ocidentalista e o seu abandono provocou a perda de influência e a entrada de novos actores na zona, como os EUA que reforçaram a presença na sequência do 11 de Setembro, mas também a China, Irão, Turquia e em menor medida a UE. Tudo isto permitiu às repúblicas adquirir maior margem de manobra com respeito à Rússia e outros membros da CEI³⁶². Não existiu pois, de facto, uma política de bloco da nova Federação Russa em relação ao agora denominado “estrangeiro próximo” pelo que se torna necessário observar o desenvolvimento das repúblicas individualmente.

4.1.3. – Cazaquistão

A política interna do Cazaquistão encontra-se muito marcada pela política de fixar os nómadas e semi-nómadas à terra. Esta política provocou alterações radicais na sociedade local e teve como apanágio a *kolkhonização* das relações institucionais. O plano de Nikita Krushov de usar as suas terras virgens para cultivo foi um momento de continuidade mas também uma espécie de segunda revolução. Neste processo liderado por Panteleimon Ponomarenko e Brejnev (ambos russos) foi necessário atrair jovens militantes voluntários da RSFSR e da Ucrânia, provocando o descontentamento do povo cazaque e das elites que viram como o Partido local era dominado por eslavos. No entanto, os *kolkhozes* e as cooperativas agrárias dos eslavos e dos cazaques mantiveram-se separados e quase não existia contacto entre as diferentes comunidades, acontecendo a mesma coisa nos centros urbanos. A política de indigenização, brevemente interrompida pela chegada dos eslavos, reanudou-se com a escolha de Dinmuhammed Kunayev para liderar o partido na década de sessenta. Este rapidamente construiu uma rede de interesses que favoreceu os seus aliados locais. O maior êxito de Kunayev foi

³⁶² ORTEGA, António José Sanchez. op. cit., p.3.

conseguir estabelecer uma harmonia entre Cazaques e eslavos, casando mesmo ele próprio com uma russa. Durante a sua direcção, a região também se industrializou, produzindo 10% do carvão e 5% do petróleo da URSS. No seu território construiu-se também o complexo espacial de Baikonur e deram-se muitos dos ensaios atómicos realizados pela União Soviética, o que teve efeitos muito negativos na natureza. Foram também colocadas armas nucleares estratégicas no território³⁶³. O longo governo de Kunayev foi próspero mas corrupto e criou as bases para o nacionalismo emergente que despertaria com a sua demissão por parte de Gorbatchev, que colocou no seu lugar um russo que nunca tinha vivido no Cazaquistão; Gennadi Kolbin. O seu governo de três anos (1986-1989) foi contestado e combatido desde o início e levou à sua substituição por Nursultan Nazarbayev que se mantém no poder após eleições sucessivas criticadas pelos observadores internacionais. A sociedade cazaque é hoje mais complexa e menos monolítica do que as restantes na Ásia central. Isto deve-se não só ao tamanho da República, mas também à sua diversidade étnica, a escala da russificação, a existência de um sector privado e altos níveis de urbanização, para além de uma vasta fronteira partilhada com a Rússia. O Cazaquistão foi o último país a declarar a independência (Dezembro de 1991) e isto deveu-se a que os russos constituíam em 1991, 37% contra um 42% de cazaques étnicos e existia o medo de que o norte do território, onde os russos eram maioritários, pudessem sentir a tentação de unir-se à Rússia. Para evitar tal facto fez concessões ao permitir a língua russa como oficial (embora não estatal), mas nunca fez concessões na soberania nem permitiu a dupla nacionalidade. Transladou também a capital de Alma-Ata para Astana para melhor controlar a zona

³⁶³ HIRO, Dilip. op. cit., p.235-238.

maioritariamente russa³⁶⁴. Para o ano 2004, a composição étnica tinha mudado para um 55,8% de cazaques étnicos e um 28,3% de russos³⁶⁵.

4.1.4. – Uzbequistão

Por sua vez, Uzbequistão foi sempre uma das regiões mais pobres da URSS mas um destacado produtor de algodão a nível mundial. A industrialização da região deu-se durante a GGP pois muitas fábricas da Rússia central foram mudadas para lá e lá permaneceram. É também este o principal período de chegada de famílias russas aos centros urbanos (sobretudo Tashkent) que chegaram a constituir um 8,3% da população em 1994³⁶⁶. As duas grandes razões para a formação de um nacionalismo anti-soviético foram o facto de se tratar da República soviética mais islamizada de todas e um sentimento de perseguição partilhado pelas elites locais aquando das campanhas anti-corrupção. A isto pode somar-se a violência étnica que começou a deflagrar nos finais da década de oitenta. A chegada ao poder de Islam Karimov em 1989 acelerou o processo de indigenização extrema da república e no entanto o seu objectivo não passava pela declaração de independência total, mas sim uma autonomia cada vez mais crescente. Esta foi, porém proclamada a 31 de Agosto de 1991 após o golpe de estado falhado no mesmo mês. O Partido Comunista autodissolveu-se em Setembro e ressurgiu como o Partido Democrático do Povo e o Uzbequistão independente tornou-se membro da CEI. Karimov venceu as eleições presidenciais com 68% dos votos no meio das críticas dos observadores internacionais e o país entrou numa espiral de descontrolo dos preços e os conflitos multiplicaram-se. O novo regime de Karimov buscou então o

³⁶⁴ ROY, Olivier. op. cit., p.134-135.

³⁶⁵ U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Kazakhstan. [Online] 20 Abril 2009. Disponível online: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5487.htm> (último acesso 24 Julho 2012)

³⁶⁶ STUERMER, Michael. op. cit., mapa, p.12

reconhecimento de Washington como saída para os seus problemas³⁶⁷. Entrou-se também numa fase de repressão da oposição interna mas conseguiu-se finalmente o reconhecimento de Washington e o investimento estrangeiro na região. A inflação continuou apesar da criação de uma moeda única, o Sum, mas para 1995 já se tinha tornado auto-suficiente em alimentação e recursos energéticos³⁶⁸. Em 1996, a população russa tinha diminuído para um 5,5%³⁶⁹. Karimov procurou estabelecer laços de amizade com os seus vizinhos islâmicos do Paquistão, Irão e Arábia Saudita e integrou o Islão como elemento cultural Uzbeque ao mesmo tempo que combateu o islão radical e selou as fronteiras com o Tajiquistão, nesse momento envolto numa guerra civil que levou 40.000 refugiados a instalar-se no Uzbequistão. O vale de Fergana tornou-se um foco de tensões constantes com os radicais islâmicos e Karimov decidiu intervir no conflito Tajique directamente, tentando assim ganhar a aprovação tanto de Moscovo como de Washington, preocupados pelo radicalismo islâmico. Esta procura de reconhecimento não impediu que Karimov reescreve-se a história do país, re-introduzindo estilos de vida pré-soviéticos que em muitos sentidos regrediram as conquistas da revolução de Outubro, sobretudo no que toca ao direito das mulheres. Emir Timur Beg foi elevado a pai da nação uzbeque e os russos étnicos foram obrigados a optar pela nacionalidade uzbeque até 1 de Julho de 1993 data após a qual seriam considerados imigrantes ilegais e perderiam o direito à educação e saúde gratuitas³⁷⁰. Apesar de ser o Estado mais interior do mundo, o Uzbequistão foi capaz de se afastar da Rússia de forma completa, apoiando-se na sua auto-suficiência energética, na sua produção de algodão (segundo

³⁶⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.142-145.

³⁶⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.133-134.

³⁶⁹ U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Uzbekistan. [Online] 31 Janeiro 2012. (último acesso 24 Julho 2012)
Disponível online: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2924.htm>

³⁷⁰ HIRO, Dilip. op. cit., p.154-157.

produtor do mundo) e ouro (quarto produtor do mundo), nos investimentos estrangeiros sobretudo de países ocidentais, Japão e Coreia, e na colaboração militar com os EUA³⁷¹. Colaboração esta que permitiu a Washington colocar uma base militar - Karshi-Kanabad – no seu território da qual viriam a ser expulsos em 2005.

4.1.5. – Quirguistão

A República Quirguiz ou Quirguistão foi também incluída no projecto das terras virgens e, como no Cazaquistão, viu uma grande chegada de russos, ucranianos e alemães do Volga. Desenvolveu-se a cultura do algodão (quarto produtor mundial hoje). Para além disso, e sendo coberta por montanhas os três quartos do seu território, a extracção de minerais é outra das suas fontes de riqueza, destacando como líder na União na extracção de mercúrio e antimónio e um dos principais em carvão e urânio. A República foi governada durante um longo período por Turdahun Usubaliyev que estabeleceu o culto à personalidade até à chegada ao poder de Gorbatchev que o retirou do poder em 1985 colocando Absamat Musaliyev que aguentaria no posto até inícios de 1991. As reformas de Gorbatchev aceleraram o aumento das tensões étnicas numa república onde mais de 52% eram quirguizes, 22% russos e 13% uzbeques. Como no resto das Repúblicas, aqui também as comunidades encontravam-se separadas, estando os russos e eslavos concentrados nas cidades, especialmente Bishkek, e não aprendiam a língua local. Os casamentos mistos eram raros. Os uzbeques concentravam-se no sul na região de Osh, continuidade geográfica do vale de Fergana. Nesta região existe o costume de raptar mulheres para as tornar noivas, tradição esta que a URSS não conseguiu erradicar. Com o aumentar das tensões étnicas, o Soviete Supremo declarou o quirguiz a língua oficial e contemplou um período de oito anos até deixar de tratar o

³⁷¹ ROY, Olivier. op. cit., p.193-194.

russo como língua co-oficial. A comunidade russa começou a abandonar a região o que contribuiu ao aumento da crise pois por norma geral eram a mão-de obra mais especializada. As tensões com a população uzbeque na região de Osh também aumentou até culminar em motins em Junho de 1990³⁷². Ao contrário das outras Repúblicas, num primeiro momento, no Quirguistão não existiu uma reformulação do Partido Comunista e a criação de um sistema presidencial autoritário. Askar Akayev foi eleito Presidente sendo previamente membro da Academia de Ciências e não do aparato político. Manteve uma postura liberal e democrática permitindo a existência de vários partidos e anunciou a privatização da economia e da propriedade imobiliária. No entanto, rapidamente percebeu-se que esta atitude mais do que vontade era um sinal da fraqueza do Estado Central e em 1995, quando as eleições parlamentares favoreceram os adversários, Akayev seguiu uma linha mais autoritária que, apesar de tudo, não lhe permitiu estender o seu mandato mediante referendo. Venceu mesmo assim as eleições seguintes no final desse ano. A dependência de Moscovo e a sua influência mantiveram-se neste período muito fortes³⁷³. Durante a década de noventa Akayev recebeu créditos do estrangeiro que o deixaram com uma enorme dívida externa e teve de enfrentar guerrilhas islâmicas que entravam e saíam do país envoltos em conflitos em repúblicas vizinhas. Mas a sua principal preocupação foi manter o poder, o que conseguiu em 2000 vencendo novamente umas polémicas eleições nas quais se tornou requisito obrigatório passar um exame de língua quirguize (que ele próprio mal conseguiu aprovar). Os atentados de 11 de Setembro de 2001 provocaram um súbito interesse americano pela região e Akayev cedeu a base militar de Manas sem restrições aos EUA ganhando assim o seu apoio, ao mesmo tempo que pediu ajuda à Rússia na segurança doméstica,

³⁷² HIRO, Dilip. op. cit., p.281-285.

³⁷³ ROY, Olivier. op. cit., p.136-137.

balançando assim ambos poderes. A influência russa continuou a notar-se por exemplo nos meios de comunicação, com domínio da tv russa, e nas publicações na mesma língua. Mas o deteriorar do respeito aos direitos humanos continuou até se tornar insustentável. Quando em 2005 houve rumores de que Akayev tentaria a reeleição, a oposição levantou-se e a 24 de Março tomou o parlamento na chamada “Revolução das Tulipas”. Akayev fugiu para Moscovo e a sua rede de corrupção foi publicamente exposta. O seu sucessor Kurmanbek Bakiyev foi reconhecido por Moscovo e Washington e manteve a base aérea de Manas, a amizade russa e chamou a um fortalecimento da Organização de Cooperação de Shangai³⁷⁴. Bakiyev tornou-se tão corrupto e autoritário quanto o seu antecessor e foi por sua vez derrubado por um novo golpe em Abril de 2010 que colocou de Presidente interina Rosa Otumbayeva que teve como principal missão sufocar os *pogroms* anti-uzbeques e assegurar a transição pacífica e democrática do poder que finalmente aconteceu a 1 de Dezembro de 2011 com a eleição de Almazbek Atambayev como Presidente por seis anos sem reeleição³⁷⁵.

4.1.6. - Turquemenistão

A República de Turquemenistão foi transformada em tempos de Krushev em produtora de algodão. Para isso chegou ao território mão-de-obra especializada russa e eslava que ocuparam os postos mais elevados suscitando assim ressentimentos. Em 1994 constituíam o 8,3% da população³⁷⁶. Uma vez que perto de 80% do território é coberto pelo deserto de Karakum, o governo soviético decidiu construir um canal de

³⁷⁴ HIRO, Dilip. op. cit., p.281-285.

³⁷⁵ CIDOB. Biografias lideres politicos. [Online] 18 Maio 2012. (último acesso 15 Junho 2012) Disponível online: http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/asia/kirguizistan/almazbek_atambayev

³⁷⁶ STUERMER, Michael. op. cit., mapa, p.12.

irrigação subsidiário do rio Amu Darya e em direcção ao Mar de Aral para assim aumentar o terreno de cultivo de algodão, levar água à capital Ashgabat e abrir uma via de navegação. A obra começou em 1954 e foi concluído na sua máxima extensão em 1986, tornando-se o segundo maior do mundo no seu género e aumentando a produção de algodão até se tornar o segundo produtor apenas por trás do Uzbequistão. A partir da década de sessenta começou também a extracção de gás natural. Na década de setenta alcançou-se a literacia universal e a libertação da mulher teve um sucesso relativamente elevado. No entanto, o sistema tribal, composto por cinco grandes tribos que concorrem entre si, não conseguiu ser desmantelado. O clientelismo e a corrupção estavam extendidos mas não tanto como no Uzbequistão. Mesmo assim, Gorbachev retirou, em 1985 ao Secretário-Geral Gapusov e no seu lugar foi colocado Saparmurat Atayevich Niyazov que já não largaria o poder até à sua morte em 2006³⁷⁷. Niyazov proclamou a independência a 27 de Outubro de 1991, dissolveu o Partido Comunista que passou a chamar-se Partido Democrático e tornou-se Presidente. Desde o início, toda forma de oposição foi eliminada e instituiu-se o culto à personalidade, tendo o líder passado a ser denominado “Turkambashi” significando “o líder dos Turcomenos”. Apesar das promessas e do dinheiro conseguido pela venda do gás natural (com a forte influência da israelita Merhav) a população foi empobrecendo à mesma velocidade que Niyazov e os seus enriqueciam³⁷⁸. A população russa em 1994 equivalia a 8,3% da população³⁷⁹ enquanto que em 2003 se tinha reduzido a 4%³⁸⁰. Desde a independência, Niyazov preferiu respeitar o sistema tribal do que combatê-lo e aproximou-se à etnia turcomena,

³⁷⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.192-194.

³⁷⁸ ROY, Olivier. op. cit., p.135-136.

³⁷⁹ STUERMER, Michael. op. cit., p.12.

³⁸⁰ U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Turkmenistan [Online] 23 Janeiro 2012. (último acesso 24 Julho 2012)
Disponível online: <http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/35884.htm>

patrocinando a criação de uma “Associação de Turcomenos do Mundo” da qual foi designado Presidente e começou um processo de islamização patrocinado pela Turquia. O sistema económico não sofreu grandes alterações em relação ao modelo soviético e não se promoveram melhorias de infraestruturas nem expandi-las³⁸¹. Desta forma, toda a economia ficou dependente do gás do qual possui a terceira ou quarta maior reserva mundial estimada. Quanto à comunidade russa, foi-lhe permitida a dupla nacionalidade uma vez que não representam um perigo para a estabilidade da República por serem apenas uns 300.000 e porque a sociedade turcomena é coesa³⁸². Esta seria no entanto, mais tarde retirada num dos caprichos do ditador. Niyazov pretendeu manter-se neutro nas relações internacionais e forjou alianças de diferente teor com a Rússia (militares), Irão (económicas), e Turquia (culturais) sem isto o impedir de manter contactos com outros parceiros e assim evitar participar nas alianças regionais propostas. No entanto, o culto à personalidade atingiu proporções gigantescas ao ponto de renomear os dias da semana ao seu gosto e obrigar a população a ler e seguir a sua obra *Ruhnama* o qual servia como guia para a vida. Esta situação criou tensões entre a população e em 2002, uma tentativa de golpe de Estado fracassada aumentou os níveis de repressão interna e após um curto romance com os EUA, Niyazov voltou a procurar a protecção russa ao ver que Ocidente não o apoiava contra os golpistas³⁸³. As suas decisões foram-se tornando cada vez mais bizarras à medida que os anos passavam e a sua política externa continuou a dar reviravoltas conforme os interesses do momento. O ditador finalmente morreu em 2006 e foi substituído por Gurbanguly Berdymukhammedov em Fevereiro de 2007 numas eleições claramente fraudulentas que lhe deram um mandato de 5 anos.

³⁸¹ HIRO, Dilip. op. cit., p.192-194.

³⁸² ROY, Olivier. op. cit., p.194.

³⁸³ HIRO, Dilip. op. cit., p.219-225.

Este imediatamente se virou economicamente para a Rússia, assinando um acordo conjunto que incluía também o Cazaquistão de construir um gasoduto paralelo ao já existente que reforçou a posição russa no abastecimento de gás à Europa e diminuiu fortemente a possibilidade da UE conseguir diversificar as suas fontes. Apesar de manter o modelo herdado, o totalitarismo do regime tem vindo a ser diminuído progressivamente³⁸⁴. Em Fevereiro de 2012, Berdymukhammedov foi reeleito para mais um mandato de cinco anos novamente com fortes suspeitas de fraude³⁸⁵.

4.1.7. - Tajiquistão

A República de Tajiquistão especializou-se também no cultivo do algodão apesar de contar com apenas 7% do seu território apto para cultivo. Pela mesma razão, uma grande quantidade de trabalhadores russos especializados chegaram à região chegando a constituir na década de cinquenta um 13% da população e 40% de membros do Partido Comunista local. Também neste caso não se misturaram com a população local que por sua vez apresentava grandes diferenças étnicas e sociais, sendo as zonas rurais dominadas pelo tribalismo e as urbanas pelas elites mais comprometidas com o regime comunista. A comunidade uzbeque também era grande e importante, o que provocou tensões importantes pois estes eram de origem turca enquanto os tadjiques são de origem persa. O próprio Partido reproduziu no seu interior as facções tribais, formando-se vários grupos de interesse; os Khojandis (com influência uzbeque) no

³⁸⁴ CIDOB. Biografias lideres politicos. [Online] 06 Junho 2012. (último acesso 15 Junho 2012)
Disponível online:
http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/asia/turkmenistan/gurbanguly_berdy_mujammedov

³⁸⁵ BBC News Asia. [Online] 13 Janeiro 2012. (último acesso 19 Julho 2012)
Disponível online
<http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-17009053>

norte, os Pamires no leste; os Kulyabis no sudeste e os Kurban-Tyubis no sudoeste. Entre estes grupos cabe destacar uma especial animosidade existente entre os vales do Kulyab e de Garm (islamizado). Os Khojandis e Kulyabis monopolizavam o poder político e económico da República. Somado a este intrincado sistema de relacionamentos é preciso destacar ainda a existência de um islamismo radical. Para além de ser a região mais pobre da União, o Tadjiquistão era também o mais abertamente islâmico e os acontecimentos no estrangeiro, a revolução iraniana e a guerra de Afeganistão (com o qual partilha uma grande fronteira) tiveram grande influência na sociedade tadjique³⁸⁶. Politicamente, a facção de Khojand (então Leninabad) dominou o Partido até 1992 através de vários secretários-gerais, no entanto este domínio apenas era certo na sua província e no aparelho central, enquanto que as forças de segurança e o aparelho rural não estavam controlados³⁸⁷. Este cenário desembocaria mais adiante em guerra civil. A população russa, presentindo o perigo das tensões étnicas e o crescente radicalismo islâmico, começou a emigrar. Entre 1977 e 1988, perto de 120.000 saíram alterando a percentagem de 10,5% para 7% da população. As reformas de Gorbatchev escalaram a situação e em 1990 começaram motins na capital Duchambé contra os arménios refugiados e os escravos. O Islão tornou-se o elemento central do nacionalismo tadjique e as autoridades soviéticas viram-se obrigadas a enviar forças especiais para restituir a ordem com o resultado de 23 mortos e 110 feridos³⁸⁸. O secretário-geral Kahnar Mahkamov foi eleito Presidente mas foi obrigado a demitir-se pela pressão nas ruas, sendo substituído por Aslanov que dissolveu o Partido Comunista e declarou a independência mas, por sua vez perdeu o poder para Rahmon Nabiyeu, apoiado pelos

³⁸⁶ HIRO, Dilip. op.cit., p.310-313.

³⁸⁷ ROY, Olivier. op. cit., p.113-114.

³⁸⁸ HIRO, Dilip. op. cit., p.310-313.

conservadores, que restituiu o Partido Comunista. A partir desse momento a guerra civil desatou-se formando-se dois bandos através de alianças tribais, sendo um composto por conservadores e kohjandis e o outro por várias forças entre as quais o Partido do Renascimento Islâmico, radical. A Federação Russa apoiou a primeira facção e o conflito elevou-se ao ponto de se praticarem crimes de guerra que levaram a limpezas étnicas. O resultado foi que as forças islâmicas fugiram para o Afeganistão, de onde lançavam ataques, enquanto que os Pamires reconheceram o governo Kulyabi estabelecido em Duchambé e a presença de tropas russas nas fronteiras em troca de manter a sua autonomia em Gorno-Badakhshan, embora o seu comportamento predatório acabasse por retirar-lhe apoio. Por trás das forças em conflito encontravam-se os russos a apoiar uma facção e os uzbeques a apoiar outra. O território tornou-se *de facto* um protectorado russo até que em finais de 1996 apoiaram a assinatura de um acordo entre Rahmanov e a oposição islâmica que entrou em efeito em 1997³⁸⁹. Com a estabilidade alcançada e em sequência aos atentados de 11 de Setembro, Rahmanov conseguiu o apoio americano em troca da sua presença na base militar de Kulyab. Isso não impediu que em 2004 permitisse a concessão de uma base militar à Rússia num aluguer válido os próximos quarenta e nove anos. A partir do ano 2000, a economia começou a crescer, graças em parte a que a Rússia permitiu as viagens sem visto, o que levou a uma grande onda de imigração. As remessas dos imigrantes são uma das maiores fontes de rendimento do País, sendo a outra o tráfico de drogas procedentes do Afeganistão através do seu território³⁹⁰. As campanhas em contra do radicalismo islâmico têm obtido bons resultados mas a corrupção generalizada continua a ser uma das mais elevadas a nível mundial.

³⁸⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.139-142.

³⁹⁰ HIRO, Dilip. op. cit., p.348-351.

4.2 – A Rússia na Ásia Central: a política externa hoje.

4.2.1. – A crise da identidade russa na política externa

O colapso da URSS teve como consequência o naufrágio do sistema económico, o aumento da decomposição social com o crescimento das desigualdades sociais e o caos político na Rússia durante toda a década de noventa, agora chamada “A década desastrosa”. O confronto entre Gorbatchev e Ieltsin não se deu apenas nas questões materiais e institucionais mas também no terreno dos ideais e da identidade. A URSS sustentava-se em três pilares fundamentais; a identidade, a ideologia e os interesses permanentes da Grã-Rússia e a ordem de importância de cada um deles definia a política soviética. O objectivo de Gorbatchev era salvaguardar estes pilares, reformando-os, para assim preservar a União. A vitória de Ieltsin acabou com esta tentativa. Ele optou pela “Pequena Rússia”, a Federação de fronteiras mal definidas, com grandes bolsas de russos vivendo fora dela e cujo nacionalismo reprimido até então começava apenas a florescer no meio do caos. A “Pequena Rússia” que substituiu a Grã-Rússia prescindia da ideologia comunista e quebrava a identidade construída ao longo das últimas sete décadas, baseada na construção de um homem novo, o *homo sovieticus*, que surgiria da fusão dos povos num só cidadão comprometido com a construção do socialismo, não só a nível nacional mas também mundial. Na verdade, este homem novo nunca chegou a existir mas é inegável que, a certos níveis e em diversos graus, conseguiu-se um certo êxito na criação desta identidade, feito demonstrado no facto de que, ainda hoje, todas as Repúblicas da Ásia Central continuam a celebrar o 9 de Maio como Dia da Vitória contra o agressor fascista. A GGP foi sem dúvida o momento alto na criação de uma identidade colectiva, pois as populações entraram em contacto directo: no exército os povos não eslavos melhoraram o seu russo e os costumes homogenizaram-se minimamente. O sentimento geral foi que

a vitória era de todos³⁹¹. Mas os elementos que os separavam eram maiores e a gradual russificação do projecto soviético aumentou o fosso. Um antigo slogan rezava que na URSS “a forma era nacional e o conteúdo socialista” e uma vez que a crise económica e política estava a acabar com o socialismo, para além de que este nunca tinha tido grande sucesso enquanto ideologia na Ásia Central, a realidade estava a dar a vitória à forma. Assim, as linguagens criadas prevaleceram sobre a mensagem, os alinhamentos territoriais administrativos sobre o internacionalismo e o aparelho de governo sobre a ideologia³⁹². Para além da crise do socialismo, as últimas décadas do século XX trouxeram consigo também uma revitalização dos sentimentos religiosos. Gorbachev reabilitou a Igreja Ortodoxa e a sua política foi continuada por Ieltsin. Ao fazê-lo, os povos muçulmanos reagiram e descobriram que eles também tinham uma história, uma identidade e uma força. Não é que não o soubessem mas mantinham as suas tradições e crenças à porta fechada e estas tinham-se alimentado com os acontecimentos no Irão e no Afeganistão. Agora, sentiam que podiam expressar-se com mais liberdade e esta expressão reflectiu sentimentos xenófobos contra as comunidades russas³⁹³. E estes sentimentos xenófobos eram mútuos, uma vez que os meios de comunicação sediados na RSFSR eram abertamente xenófobos nas suas opiniões sobre os habitantes da Ásia Central a quem os moscovitas denominavam despectivamente “rabos negros.”³⁹⁴ Os pilares que Gorbachev tratava de salvar estavam certamente desgastados, mas derrubá-los foi a função de Iéltsin que, ao fazê-lo, declarou-se herdeiro apenas dos interesses permanentes da agora diminuída Rússia. Desta forma, a ideologia foi condenada a desaparecer e a identidade ficou por construir.

³⁹¹ HIRO, Dilip. op. cit., p.60.

³⁹² ROY, Olivier. op. cit., p.120.

³⁹³ STUERMER, Michael. op. cit, p.156-157.

³⁹⁴ ROY, Olivier. op. cit., p.126.

4.2.2. – Política externa: de Ieltsin a Putin

Ao desfazer-se da União e empreender o seu próprio caminho, Ieltsin transformou a sua relação com as Repúblicas da Ásia Central em política externa e obrigou-as a construir a sua própria identidade. Em ambos processos, abandonou-as, mais interessado na política a Ocidente e na ocidentalização extrema do seu novo regime. O período “romântico” dos seus primeiros anos de governação levou-o a integrar-se nas instituições ocidentais ao mesmo tempo que prosseguia uma política de não-ingerência no espaço pós-soviético, permitindo assim a consolidação das independências que poderiam ser evitadas na Ásia Central ou pelo menos condicionadas aos interesses da Rússia. Finalmente, a sua política de amizade com Ocidente resultou em fracasso ao constatar que os seus novos “amigos” não o apoiaram financeiramente e jogaram à imposição desde o princípio, gerando sentimentos anti-ocidentalistas. Só então Ieltsin voltou a virar as suas atenções ao espaço pós-soviético, o qual tornou prioritário na política externa³⁹⁵. Mas mesmo nessa altura, as tentativas russas de exercer um papel mais relevante na cena internacional viram-se travados pela difícil situação interna. Em 1998 a Rússia atingiu o seu ponto mais desesperado quando a crise política, económica e social provocaram um novo colapso ao mesmo tempo que a guerra na Chechénia destruía a imagem internacional do país³⁹⁶.

A chegada ao poder de Vladimir Putin teve a virtude de pôr uma certa ordem no caótico mundo herdado de Ieltsin. A sua política externa buscou desde o início o equilíbrio através da procura de aliados diversificados, aplicando medidas de contrapeso e primazia. Esta política externa realista ou de “nacionalismo pragmático” sustenta-se

³⁹⁵ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.159-160.

³⁹⁶ PRAT, Cesáreo R. Aguilera de. op. cit., p.4.

numa ordem interna estável e crescimento económico com base nos recursos energéticos³⁹⁷. Esta política externa apoiada na política interna é resultado directo de um equilíbrio geral buscado por Putin. Para ele, a nova identidade russa, apesar de não estar completamente definida, deve passar por uma recuperação do melhor que a Rússia Imperial e a União Soviética tinham para oferecer e um equilíbrio entre as tradicionais posturas de ocidentalização, russificação e asiaticização. Putin encarregou-se de “reconstruir” a história russa limpando os feitos soviéticos das suas manchas incómodas (ao contrário de Ieltsin que se lançou contra a herança comunista). Manteve o 9 de Maio como dia central das festividades russas e substituiu o 7 de Novembro para o 4 de Novembro (dia da unidade nacional) substituindo a festa comunista por uma festa que celebra a resistência contra o invasor polaco de 1612. Na praça Lubyanka, sede da FSB; sucessora da KGB, permitiu a colocação da Pedra Solovietzky como memória aos mortos nas purgas mas ao mesmo tempo, permitiu a colocação de um busto dedicado a Félix Dzerzhinsky, fundador da Cheka, no Ministério do Interior, e a Catedral de Cristo Redentor, demolida em 1931 reergueu-se na década de noventa e foi consagrada em 2000. Putin ligou-se tanto à Igreja Ortodoxa como Gorbatchev e Ieltsin mas teve o cuidado de não a abraçar incondicionalmente, sabendo que vivem na Federação perto de vinte milhões de muçulmanos que não aceitariam essa circunstância³⁹⁸. No que toca aos símbolos da Pátria, também arranjou um solução de equilíbrio tentando manter contentes as diferentes facções. O hino soviético recuperou a sua oficialidade com uma nova letra e retirou a “Canção Patriótica” inspirada em esboços do compositor Glinka escolhida por Ieltsin e a qual nunca ganhou popularidade. Já a bandeira branca, vermelha e azul que tinha sido utilizada pelos movimentos anticomunistas tanto na guerra civil como na GGP, manteve-se oficial. Finalmente, o aniversário de Lénine não

³⁹⁷ FREIRE, Maria Raquel. A Política Externa, op. cit., p.86-87.

³⁹⁸ STUERMER, Michael. op, cit., p.196-198.

foi recuperado como feriado mas o seu mausóleo foi mantido no Kremlin até os dias de hoje³⁹⁹. Putin poderá não ter resolvido a questão da identidade russa e esta questão poderá ainda demorar muitos anos a ser resolvida se alguma vez o ser, mas o que não pode ser questionado é que foi capaz de criar uma síntese das diferentes tradições e heranças que pelo menos permitiram ao povo russo voltar a sentir orgulho no seu passado e sentir mais confiança no futuro do que na desastrosa década de noventa. E esta síntese, em conjunto com os princípios centralizadores dos processos de decisão e um crescente autoritarismo serviram como moldura para a aplicação de políticas tanto internas como externas durante doze anos, até que hoje, 2012, existem indícios de poderem vir futuramente a estalar.

4.2.3. – Organismos de integração europeia

A política externa russa para a Ásia Central tem vindo a desenvolver-se, como já se disse, acompanhando as evoluções da política interna. E esta evolução pode dividir-se em dois; o primeiro foi o “período romântico” que é na verdade a continuação e extremização da política ocidentalista de Gorbatchev e o seu projecto da “casa comum europeia”. Este período é dominante de 1985 a 1993 embora as suas manifestações continuem até hoje. O segundo período (que podemos subdividir em dois) abarca de 1993 até os nossos dias e caracteriza-se pela definição do “estrangeiro próximo” como espaço central da política externa russa primeiro (1993-2000) e pelo desenvolvimento de um política multi-vectorial e multipolar depois (2000 até hoje). Estes períodos são mais indicativos das primazias de cada via em cada momento histórico; não momentos estanques e diversos entre si, mas sim contínuos e interligados. Para levar a cabo as suas políticas, a Rússia conta com diversos instrumentos de integração como a CEI e os

³⁹⁹ SERVICE, Robert. *Rússia*, op. cit., p.233-235.

projectos de união estatal ou aduaneira com vários Estados pós-soviéticos; projectos de colaboração e defesa colectiva como a Organização do Tratado de Segurança Colectiva (OTSC), a Organização de Cooperação de Shangai (OCS) e tratados bilaterais com as Repúblicas da Ásia Central que visam sobretudo a protecção das minorias russas e acordos em matéria militar e económica.

A CEI, como já se viu, falhou no seu propósito principal aquando da sua criação, que era o de servir de aparelho político para a Federação Russa manter as alavancas de poder nas suas mãos; e falhou porque a própria Rússia nem quis nem estava em condições de jogar o seu papel de potência dominante. Mas a partir de 1993, a Rússia começa novamente a demonstrar interesse numa área que considera sua por natureza ao ponto de a denominar “estrangeiro próximo”, dando a entender com isto que aqui não é claro se as relações são internas ou externas, ao contrário do estrangeiro “normal” onde se joga com outras regras. Este tipo de pensamento não é exclusivo das elites *eurasianistas* nem das *eslavófilas* mas também das reformistas ocidentalizadoras. Todas elas encontram-se impregnados dos ideais de “destino manifesto” e “missão universal” da Rússia. Assim, a CEI é considerada um meio para restaurar a sua autoridade e liderança no papel de “polícia” com direito a ingerência.⁴⁰⁰ Mas esta ingerência não significa uma posição agressiva ou a vontade de uma reintegração física dos territórios; o objectivo não é restaurar um super-Estado euroasiático ou criar uma nova versão do Império Russo; o verdadeiro objectivo é criar condições favoráveis para a expansão económica e aumentar a influência política e garantir a lealdade dos novos Estados. Para o ano 2005 a Rússia já tinha perdido a fé na CEI enquanto instituição pelo que começou a adoptar medidas mais flexíveis e pragmáticas para promover interesses específicos em

⁴⁰⁰ PRAT, Cesáreo R. Aguilera de. Op. cit., p.4.

cada país individualmente ou através de alianças. Com este objectivo surgiu do seu seio a Comunidade Económica Euroasiática (CEEa ou EurAsEC) e a Organização do Tratado de Segurança Colectiva (OTSC, ou também conhecido como Tratado de Tashkent)⁴⁰¹. Todos estes elementos de interacção fazem parte da política global empreendida por Putin que tem por objectivo definido a contenção e eliminação, na medida do possível, da influência estrangeira na Ásia Central; evitar a integração ou aproximação das Repúblicas da zona ao Ocidente; limitar o risco de novas revoluções coloridas e manter o máximo controlo possível sobre os recursos energéticos da região, mantendo o monopólio das rotas de exportação da energia⁴⁰².

4.2.4. – Organismos de integração económica

A Comunidade Económica Euroasiática (CEEa) surgiu do projecto de União Aduaneira promovida no seio da CEI entre Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão e foi assinada em Astana no ano de 2000 incluindo já como membros o Quirguistão e o Tajiquistão. Os seus objectivos são “promover o processo de formação de uma União Aduaneira e de um espaço económico único⁴⁰³.” Uma das suas principais características é que permite a liberdade de movimentos entre os seus membros (supressão dos vistos). O espaço económico único deu um grande passo em frente em Janeiro de 2010 com o acordo entre Rússia, Bielorrússia e Cazaquistão para avançar decididamente com o projecto, que conta com o interesse do Quirguistão e de Tajiquistão em formar parte

⁴⁰¹ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.81-82.

⁴⁰² ORTEGA, António José Sanchez. op. cit., p.14.

⁴⁰³ Eurasian Economic Community – EAEC. Constituição. [Online] 05 Maio 2012. p.1-2. (último acesso 10 Maio 2012)
Disponível online: <http://www.worldtradelaw.net/fta/agreements/eaecfta.pdf>

enquanto a Ucrânia decidiu manter-se à margem. Apesar das divergências ainda existentes entre as partes, o projecto parece continuar a avançar⁴⁰⁴.

4.2.5. – Organismos de segurança regional

A Organização do Tratado de Segurança Colectiva é por sua vez uma aliança militar intergovernamental regional que nasceu em 1992 e foi ratificada em 2002 pela Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão aos quais se juntou o Uzbequistão em 2006. Desde 2004 possui o estatuto de observador na Assembleia Geral da ONU. A sua principal característica é que a agressão contra um dos seus membros é considerada como uma agressão a todos eles com as respectivas consequências.⁴⁰⁵ Em paralelo a este organismo relacionado com a CEI, surgiu também e separado do mesmo, a Organização de Cooperação de Shangai em 2001, que teve como origem um acordo subscrito pela Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão (que ficaram conhecidos como “os cinco de Shangai”) em 1996 que visava fortalecer a confiança militar destes cinco países sobretudo no que toca às suas fronteiras comuns. Em 2001, e somando-se o Uzbequistão à organização, nasceu a OCS com o objectivo claro de “combater o terrorismo, o separatismo e o extremismo”. Esse mesmo ano, os atentados de 11 de Setembro nos EUA provocaram a sua entrada na região que foi inicialmente aprovada pelas potências regionais mas com o passar dos anos e a manutenção de tal presença, a OCS tem-se tornado no principal instrumento da Rússia e da China para exigir a retirada americana do Quirguistão e Uzbequistão. A

⁴⁰⁴ Jornal Expresso. Actualidade. [Online] 5 Julho 2010. (último acesso 6 Julho 2012)
Disponível online:
<http://expresso.sapo.pt/russia-bielorrussia-e-cazaquistao-criam-uniao-aduaneira=f592056>

⁴⁰⁵ OTSC – Tratado de Segurança Colectiva. Pagina oficial em inglês. [Online] Institucional. (último acesso 2 Janeiro 2012)
Disponível online:
http://www.odkb.gov.ru/start/index_aengl.htm

Organização celebra exercícios militares conjuntos a grande escala e tem-se ocupado também de assuntos de segurança energética onde é um instrumento mais útil para a China que tem vindo a quebrar o monopólio russo das rotas de exportação⁴⁰⁶. Apesar de partilharem preocupações e uma vasta área geográfica, a OTSC e a OCS não significam a mesma coisa para a Rússia. O primeiro organismo compreende apenas países considerados “próximos” e o seu objectivo é manter a superioridade russa na região inclusive contra a China, enquanto que a OCS serve como constatação de que a China é a potência em ascensão e antes que entrar em rota de colisão, é preferível partilhar protagonismo com ela, tendo como inimigo comum a presença americana. Mais uma vez, a Rússia pretende equilibrar as suas relações com Ocidente e Oriente, potenciando alianças e preparando-se para possíveis conflitos.

4.2.6. – Relações bilaterais: Cazaquistão

Para além destas organizações multilaterais, a Rússia tem vindo a estabelecer relações bilaterais com as Repúblicas da Ásia Central, tendo como principais objectivos a defesa dos seus interesses e os interesses mútuos, sobretudo no campo militar, económico e político-social. No caso do Cazaquistão, estas são especialmente importantes. O primeiro grande problema a resolver foi o das armas nucleares. No seu momento de independência continha 650 armas nucleares tácticas para além de grande quantidade de armas estratégicas que inicialmente queria manter pelo menos em parte. As pressões de Moscovo e Washington provocaram que se entregasse todo o arsenal à Rússia, estado sucessor da URSS e destruísse os silos, tarefa economicamente suportada pelos EUA. Cazaquistão assinou o Tratado de Não Proliferação. Em relação ao uso das

⁴⁰⁶ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. **La Organización de Cooperación de Shangai en su X aniversario.** *Instituto Español de Análisis Estratégicos*. 28 de Julio de 2011. p.6.

Disponível online:

http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2011/DIEEEA18_2011OrganizacionCooperacionShanghai.pdf

bases espaciais de Baikonur e Plesetsk, o Cazaquistão aceitou a utilização conjunta durante cinquenta anos (1992-2042) em troca de uma renda anual de cento e vinte milhões de dólares. Neste ambiente de boa vontade, Nazarbayev assinou rapidamente um tratado de amizade, cooperação e apoio mútuo com a Rússia que ainda hoje persiste; estabeleceram-se áreas militares conjuntas e utilização comum de bases militares, para além do reconhecimento da inviolabilidade das fronteiras⁴⁰⁷. O Cazaquistão pertence a todas as organizações de defesa regionais a par da Rússia, demonstrando assim a sua proximidade a Moscovo neste campo. A OCS joga aqui um papel central na política externa cazaque, e nela pretende erguer-se como um terceiro pilar entre a Rússia e a China, embora até o momento não lhe tenha gerado benefícios. Pensa-se que no futuro o crescimento de China obrigará Astana a escolher entre uma potência ou outra.⁴⁰⁸ No campo económico, a integração com a Rússia também é forte, ao ponto de ser um dos três países que formam a União Aduaneira, a par da Bielorrússia. Isto não os impede de atrair investimento estrangeiro dentre os quais destacam o americano e o japonês⁴⁰⁹. Recentemente, a presença chinesa no campo energético tem-se tornado também forte apesar de certas tensões entre ambos países. Desde 2009 o oleoduto “Atyrau – Alashankou” une ambos países e o gasoduto “Turquemenistão – China” passa pelo seu território, para grande desagrado dos russos⁴¹⁰. Apesar disto, a situação não é completamente negativa para a Rússia, pois ao redor da indústria energética, têm aumentado as vendas de produtos manufacturados e maquinaria ao Cazaquistão que são

⁴⁰⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.250-251.

⁴⁰⁸ LAUMULIN, Murat. **The Shangai Cooperation Organization as Geopolitical Bluff? A view from Astana.** *Russie.Nei.Visions*. Julho 2006. nº12. passim.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

⁴⁰⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.126.

⁴¹⁰ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.6.

posteriormente utilizados para transportar os recursos ao mercado chinês⁴¹¹. As boas relações entre ambos países têm como fundo o facto do país ser o mais russificado de todas as novas Repúblicas e conter uma grande quantidade de russos étnicos no seu interior. Estes russos têm vindo a abandonar o sul do país mas não o Norte onde se concentra a maioria e Nazarbayev teme uma possível divisão do seu território em favor da Rússia. Ao manter-se próximo da Rússia, evita ter de aceitar a existência de dupla nacionalidade⁴¹². Os vistos são fáceis de obter embora poucos cazaques étnicos tenham emigrado para a Rússia, e a língua russa continua a ser estatal, e apesar das tentativas de “nacionalizar” o sistema misto educativo através da língua local, na verdade, nas zonas urbanas uma boa quantidade de pessoas ainda prefere receber a sua educação em russo.⁴¹³

4.2.7 - Uzbequistão

Com o Uzbequistão as relações bilaterais são frias e relativamente incertas. Desde 1991 o país recusou-se a deixar operar no seu território tropas russas ou guardas fronteiriços. Após sofrer uma série de atentados terroristas em 1999 e os atentados de 11 de Setembro, Karimov preferiu alinhar-se aos EUA permitindo-lhes operar bases aéreas como Karshi-Khanabad (K2). No entanto, em 2005, quando uma rebelião sangrenta surgiu em Andijon contra ele, voltou a realinhar-se com a Rússia ao desconfiar que os americanos eram responsáveis pelo golpe. No entanto, se Putin tivesse colocado condições, não existem muitas razões para não ter alinhado com a China. O interesse russo é manter a estabilidade do país para assim manter a estabilidade da região.

⁴¹¹ HILL, Fiona. op. cit., p.39-40.

⁴¹² ROY, Olivier. op. cit., p.191-192.

⁴¹³ FIERMAN, William. **Language and Education in Post-Soviet Kazakhstan: Kazakh-Medium Instruction in Urban Schools.** *The Russian Review*. Janeiro 2006, no.65, p.115.
Disponível online: http://www.ihc.ucsb.edu/research/identity_articles/Rus_Rev_Jan_2006_article.pdf

Moscovo acredita que a perda de Uzbequistão para o radicalismo islâmico provocaria o caos em toda a região⁴¹⁴. Mais do que isto, Uzbequistão pretende erguer-se em potência regional pelo que é improvável que alguma vez aumente a sua cooperação militar com a Rússia para além da que já tem. Os instrumentos que possui para manter-se longe da ingerência russa são uma grande população de uns vinte e oito milhões de habitantes (o país mais habitado da região⁴¹⁵), capacidade económica para ser auto-suficiente em energia, sendo também o segundo produtor mundial de algodão, o quarto de ouro e auto-suficiente a nível alimentar. Possui também investimento estrangeiro da Europa Ocidental, Japão e Coreia do Sul⁴¹⁶. Apenas no gás a Rússia conseguiu manter uma presença forte ao inaugurar o campo de Khauzak com reservas de 400 bilhões cúbicos métricos que a Lukoil vendeu à Gazprom até o ano 2040. No campo social, existem perto de milhão e meio de uzbeques a trabalhar maioritariamente na Rússia e no Cazaquistão⁴¹⁷. Por sua vez, a população de etnia russa hoje em dia é apenas de uns 5% no Uzbequistão. Neste sentido, a liberalização da legislação migratória russa em 2006 facilitou a vida de milhões de trabalhadores ilegais não só uzbeques mas de toda a Ásia Central que dessa forma puderam tornar-se residentes ou cidadãos russos. Em resumo, nos últimos anos o Uzbequistão está a voltar à órbita russa após mais de uma década de ser o Estado que mais se tinha afastado. Esta é uma excelente notícia para Moscovo que

⁴¹⁴ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.81-82.

⁴¹⁵ Segundo o site CIA – The World Factbook [Online] 5 de Julho 2012 - que indica 28.394.180 habitantes estimados em 2011. Para se perceber estes números, é preciso compará-los com os números dos seus vizinhos no mesmo ano: Cazaquistão 17.522.010; Quirguistão 5.496.737; Tadjiquistão 7.768.385 e Turquemenistão 5.054.828. É portanto o Uzbequistão a potência demográfica da região. (último acesso 26 Julho 2012)

Disponível online:

https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/wfbExt/region_cas.html

⁴¹⁶ ROY, Olivier. op. cit., p.193-194.

⁴¹⁷ HIRO, Dilip. op. cit., p.250-251.

passa a ter boas relações com uma peça chave no tabuleiro da Ásia Central⁴¹⁸. No entanto, estas relações não parecem estar completamente seguras.

4.2.8. - Quirguistão

O Quirguistão mantém-se próximo de Cazaquistão e Rússia e não tem grandes perspectivas de poder abandonar essa área de influência. O seu território não possui grandes recursos naturais pelo que o interesse do mundo por ele não é grande⁴¹⁹. No plano militar, a Rússia manteve tropas fronteiriças até 1999, data em que se resolveram os desacordos com a China quanto às fronteiras⁴²⁰. O Quirguistão pertence também aos organismos regionais de defesa, a OTSC e a OCS, mas isso não significa que não tenha relações com os EUA, antes pelo contrário, na sequência dos atentados de 11 de Setembro, o Quirguistão arrendou-lhes a base aérea de Manas ao mesmo tempo que reforçava os laços com a Rússia buscando o seu apoio na segurança interna⁴²¹. A influência americana sente-se com muita força, não só através do campo militar, mas também pela presença de várias ONG. A Rússia possui também a sua própria base militar muito perto da americana que tem como principal objectivo contrabalançar esta influência americana. Economicamente, o norte do Quirguistão encontra-se muito ligado ao sul do Cazaquistão e possui uma população russa considerável que se dedica aos trabalhos mais especializados. O mais interessante para a Rússia é a água, pois o Quirguistão e o Tajiquistão controlam este cada vez mais valioso recurso⁴²². A companhia eléctrica russa RAO UES tem comprando fábricas eléctricas no Cazaquistão

⁴¹⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.81-82.

⁴¹⁹ ROY, Olivier. op. cit., p.192.

⁴²⁰ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.3.

⁴²¹ HIRO, Dilip. op. cit., p.250-251.

⁴²² RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.88.

e agora o seu plano de desenvolvimento leva-as a investir tanto no Quirguistão como no Tajiquistão. O controlo da electricidade e da água pode vir a revelar-se ainda mais importante do que o controlo do gás no futuro⁴²³. Socialmente, o russo continua a falar-se, e o seu valor é socialmente elevado e os meios de comunicação russos (televisão, rádio, jornais) predominam sob os locais, razão pela qual a visão internacional dos quirguizes é semelhante à dos russos⁴²⁴. Hoje em dia, perto de 25% dos alunos escolhem o russo na sua educação.

4.2.9. - Tajiquistão

O Tajiquistão, como já se viu, partilha muitas características nas suas relações com a Rússia, com o Quirguistão. É um Estado importante para a segurança da região devido à sua fronteira com o Afeganistão e à população étnica tajique que lá vive. Foi, durante um bom tempo, o ponto de controlo russo mais importante em relação ao Afeganistão e devido à sua guerra civil, o território onde a Rússia teve mais presença militar, com uma missão de paz da CEI de 1994 a 1999, e de vigilância fronteiriça até 2005⁴²⁵. De relevância é a manutenção da estação de radar “Okno” em mãos russas. Economicamente, o Tajiquistão mantém-se dependente de Moscovo que lhe fornece o petróleo e o gás e domina o mercado eléctrico e de telecomunicações⁴²⁶. No entanto, é preciso ter em conta tanto aqui como no Quirguistão a entrada da China como doador a grande escala, pois estas doações têm o claro objectivo de influenciar a região no seu

⁴²³ Ibidem, p.109.

⁴²⁴ HIRO, Dilip. op. cit., p.302.

⁴²⁵ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.3.

⁴²⁶ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.109.

benefício, superando assim a Rússia e outros possíveis adversários⁴²⁷. Finalmente, a população russa no Tajiquistão não é revelante, mas a comunidade tajique na Rússia estima-se ser de entre quinhentos e 800 000, número muito significativo⁴²⁸.

4.2.10. - Turquemenistão

O Turquemenistão não faz parte das alianças de segurança da região nem das económicas. A presença militar russa durou até 1999 no controlo das fronteiras. Após essa data, foram assinados protocolos de cooperação e extradição no combate ao terrorismo. Também os EUA tornaram-se parceiros, mas neste caso no combate ao narcotráfico que provém do Afeganistão⁴²⁹. De resto, o Turquemenistão declarou-se uma nação “estritamente neutral”. A verdadeira razão pela qual o Turquemenistão tem conseguido altos graus de independência e o seu interesse para o mundo é o facto de possuir a terceira ou quarta maior reserva mundial de gás. Neste sentido, o controlo do gás Turcomano é fundamental para a Rússia poder manter a sua política de preços subsidiados a diversos países da CEI. Apesar das difíceis relações políticas e das tentativas na maior parte infrutíferas do Turquemenistão de diversificar as vias de abastecimento, o facto é que a Rússia tem conseguido aumentar a sua presença no sector com a aquisição da sua rede de gasodutos e a construção das novas rotas⁴³⁰. Apenas a China tem conseguido quebrar este domínio. A comunidade russa é formada por umas

⁴²⁷ KASSENOVA, Nargis. **China as Emerging Donor in Tajikistan and Kyrgystan**. *Russie.Nei.Visions*. Janeiro 2009, nº36.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

⁴²⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.114.

⁴²⁹ HIRO, Dilip. op. cit., p.224-225.

⁴³⁰ ORTEGA, António José Sanchez. op. cit., 2009. p.14.

300.000 pessoas que podem ter dupla nacionalidade e falar a sua língua. Não se prevê que possam ser um elemento desestabilizador para o regime turcomano⁴³¹.

Existe portanto, hoje em dia, uma presença russa importante na Ásia Central, embora seja mais forte numas Repúblicas do que noutras. Mas o monopólio absoluto das relações foi quebrado há já bastante tempo e não é previsível que possa ser reconstruído. De facto, o que a Rússia procura não é o monopólio mas sim a liderança regional. Mas para obtê-la tem de enfrentar novas potências interessadas na região. Estas são o Irão e a Turquia e mais importante, os EUA e a China.

4.2.11 – Concorrência regional: Irão e Turquia

Com o colapso da URSS, o Irão empreendeu uma campanha de aproximação ao Azerbaijão, Arménia, Turquemenistão e Tajiquistão, que se limitou à área cultural e económica. A revolução não foi exportada. Com o Turquemenistão, Teerão assinou acordos económicos, técnicos, culturais e científicos. Projectou-se a construção de um gasoduto mas este foi impedido por Washington ao negar financiamento. Apesar disso, conseguiu criar-se uma ligação ferroviária de 150 quilómetros que proporcionou uma saída do espaço pós-soviético. No Tajiquistão, Irão apoiou a mudança do alfabeto cirílico para o persa e assinou tratados de amizade e cooperação com o governo de Nabiyeu que incluía representantes islâmicos e começou a transmitir em persa nas televisões tadjiques e a enviar livros de texto; assim como enviou petróleo para ajudar na crise económica. Durante a guerra civil apoiou o Partido do Renascimento Islâmico mas o seu papel foi limitado. Já as relações com o Cazaquistão e Uzbequistão, ambos com

⁴³¹ ROY, Olivier. op. cit., p.194.

fortes sentimentos anti-islâmicos consistiam apenas em acordos económicos e culturais⁴³².

Em tempos mais recentes, tanto Cazaquistão como Uzbequistão têm tornado a sua política mais pragmática favorecendo o desenvolvimento das relações com o Irão, sobretudo no campo do comércio e na infra-estrutura de transporte, o que permitiu ao Cazaquistão uma saída ao Golfo Pérsico⁴³³. Assim, a penetração iraniana na Ásia Central é relativamente limitada. De facto tem desenvolvido uma cooperação estratégica com Moscovo com o objectivo de limitar a presença norte-americana e desenvolver a sua capacidade nuclear⁴³⁴. Esta colaboração, embora cada vez mais tensa pela pressão de Ocidente, ainda se mantém e beneficia a Rússia em relação ao Irão na Ásia Central.

Quanto à Turquia, viu na desintegração soviética uma oportunidade de reforçar a sua presença nessa zona estratégica fundamental. Para isso contava com fortes ligações culturais que podiam ser exploradas. Mas apesar da euforia inicial, o interesse de Ancara foi-se esfriando até se transformar, hoje, numa questão secundária na agenda turca⁴³⁵. A Turquia preferiu centrar-se nas suas relações com a EU, mantendo apesar de tudo, ligações económicas principalmente na área da construção, exportação de bens de consumo e no negócio do algodão. Os países da Ásia Central, apesar de não sentirem já a mesma ligação com a Turquia que tinham no início da independência continuam a manter ligações com as instituições militares turcas nas quais confiam para a formação

⁴³² HIRO, Dilip. op. cit., p.380-381.

⁴³³ HIRO, Dilip. op. cit., p.387-388

⁴³⁴ SIMÃO, Licínia. República Islâmica do Irão. Em: FREIRE, Maria Raquel. (coord.) Política Externa. As Relações Internacionais em mudança. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.325.

⁴³⁵ BARRINHA, André. Turquia. Em: FREIRE, Maria Raquel. (coord.) Política Externa. As Relações Internacionais em mudança. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.374.

de quadros médios e superiores e a ajuda na profissionalização das suas forças armadas⁴³⁶.

4.2.12. – China

A China é sem dúvida o grande protagonista na Ásia Central juntamente com a Rússia e aquele que desperta mais preocupações para o Kremlin. Erguendo-se como provável potência mundial no futuro a médio e longo prazo, Moscovo deseja manter uma relação positiva com Pequim; uma parceria estratégica que lhe permita manter um papel de relevância no futuro. A China é a melhor candidata para contrabalançar o papel dominante dos EUA e para além disso, a amizade permite-lhe monitorar e moderar as ambições chinesas⁴³⁷. No debate interno, como já se assinalou, a política de Putin visa equilibrar as diferentes vias de desenvolvimento, e nesse sentido, as tradicionais vozes “asiatizadoras” têm vindo a moldar-se ao século XXI em forma de “sinófilos”, que advogam pela união estratégica com a China, alguns pragmáticos e outros ideológicos⁴³⁸. Na Ásia Central, o objectivo russo de ser o actor proeminente contrasta com a sua preocupação de não antagonizar uma China que já não pode ser afastada do jogo. Assim, Moscovo prefere jogar a carta da cooperação, para dessa forma conter a influência política e económica chinesa⁴³⁹. A OCS surge como o instrumento que reconhece a incapacidade russa de vencer a China pelo que prefere partilhar a influência de forma lógica e pactuada. Mas em boa verdade, a China já conseguiu quebrar o monopólio no controlo dos recursos energéticos e as rotas de trânsito das mesmas e não

⁴³⁶ HIRO, Dilip. op. cit., p.124.

⁴³⁷ LO, Bobo. **Russia, China and the United States: From Strategic Triangulation to the Postmodern Triangle.** *Russie.Nei.Visions*. Fevereiro 2010, nº47. p.18.
Disponível online: http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

⁴³⁸ TSYGANKOV, Andrei P. op. cit., p.12.

⁴³⁹ LO, Bobo. Axis, op. cit., p.100.

se vê clara a possibilidade de inverter esta realidade, sobretudo tendo em conta a preocupação russa pelo futuro do seu Extremo Oriente que poderá ver-se ameaçado pelo crescente poder da China⁴⁴⁰. A China mantém intensas relações bilaterais em todos os âmbitos com o Cazaquistão que constitui o seu principal mercado na Ásia Central. Com o Uzbequistão, ao não possuírem uma fronteira conjunta, a relação não é tão intensa e é sobretudo económica, dedicando-se sobretudo à melhoria das vias de transporte e, provavelmente a longo prazo poderá começar uma maior colaboração no campo energético. Com o Quirguistão e Tajiquistão, ambos com fronteiras partilhadas existem também boas relações e desenvolvimento nas vias de transporte e comércio, mas existem receios mútuos em relação à segurança, pois existem tensões separatistas, extremismo islâmico e tráfico de droga que preocupam Pequim. Finalmente, as relações com o Turquemenistão são mais distantes dadas as características isolacionistas do seu regime. Em todo o caso, a China reconhece a relação especial entre a Ásia Central e a Rússia e não vê com maus olhos a consolidação da posição de Moscovo, pelo que deseja sempre evitar dar a sensação de estar a competir pelo domínio da região⁴⁴¹.

4.2.13. – EUA

Finalmente, os EUA continuam a constituir, em todos os campos, o maior adversário da Federação Russa mesmo quando os seus dirigentes seguem uma via ocidentalista que necessariamente se vê mitigada pelos russificadores e asiaticadores. Dentro dos pressupostos mais importantes da política externa russa actual destacam o desejo de criar uma ordem multipolar na qual a Rússia possa servir de contra-peso à

⁴⁴⁰ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.10.

⁴⁴¹ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.180.

primazia norte-americana⁴⁴². Nesta ordem das coisas, a Ásia Central não atraiu demasiado a atenção de Washington como outras áreas de influência russa, nomeadamente a Europa de Leste ou o Cáucaso mas isto mudou com os atentados terroristas de 11 de Setembro e a consequente invasão de Afeganistão. Para surpresa de muitos, Putin aceitou e apoiou a presença americana na região através de bases militares no Uzbequistão, Tajiquistão e Quirguistão. Foi esta uma decisão táctica que evitava, por um lado, a humilhação de os EUA as terem instalado na mesma sem a sua permissão, e por outro, permitiu a Putin perseguir os seus inimigos na Chechénia sem receber críticas externas. Para além disso, Moscovo calculou que poderia obter benefícios noutras negociações como a aceleração da sua entrada na OMC ou algumas concessões no Tratado de Misséis Antibalísticos. Não obteve nenhum.⁴⁴³ A aliança estratégica com a China surge assim como uma necessidade mútua para contrabalançar a presença militar americana na região e tem obtido resultados positivos. Apesar dos EUA terem estabelecido relações com todos os países da região e possuírem uma grande força militar no terreno, para além de todo o seu arsenal de *soft power*, que vai desde os meios de comunicação até a implementação de ONG no terreno; existe a sensação de que os americanos poderão vir a abandonar esta longínqua região num futuro não muito distante⁴⁴⁴. Em resumo, a presença americana é aquela que mais ameaça os interesses de Moscovo nesta região na actualidade e esta tudo fará para a conter o máximo possível, embora não se apresente como sendo necessariamente uma ameaça a longo-prazo. A questão iraniana poderá vir a revelar-se decisiva nestes cálculos.

⁴⁴² FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.163.

⁴⁴³ VILLAYERDE, Jesus A. Nuñez e CARRASCO, Mayte. op. cit., p.81-95.

⁴⁴⁴ LO, Bobo. Axis, op. cit., p.98.

4.3. – A Rússia na Ásia Central: perspectivas de futuro

4.3.1. – Proximidade e afastamento de Moscovo

Como vimos até agora, um dos objectivos centrais da política externa russa é o da manutenção da sua liderança no espaço pós-soviético e dentro deste “estrangeiro próximo”, a Ásia Central se destaca como a área onde a Rússia possui de facto mais instrumentos para exercer tal liderança. No entanto, mesmo aqui, e após uma década desastrosa que se caracterizou pelo abandono da região e um regresso inicial com mais intenções do que possibilidades, a Rússia já não é o líder absoluto da região e enfrenta forte concorrência da China e dos EUA por um lado e a resistência das próprias Repúblicas a cair novamente num domínio similar ao imperial ou ao soviético. Apesar de terem sido “criadas” pela URSS num exercício de *nation-building* e ainda não terem definido completamente a sua nova identidade, o certo é que esta identidade não se encontra ligada obrigatoriamente à Rússia. Mais do que falar de Repúblicas dependentes e Repúblicas independentes da Rússia, podemos falar antes de Repúblicas mais ou menos independentes da Rússia. Estes dois grupos ficariam conformados como, sendo mais próximos de Moscovo; o Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão, enquanto que se encontrando mais afastadas temos o Uzbequistão e Turquemenistão⁴⁴⁵.

Nenhuma destas Repúblicas desejava ardentemente a independência em 1991 ou tinha um plano de acção para o futuro. Na verdade, as independências surgiram de um processo de degradação do poder no centro (Moscovo) e uma reacção de protecção dos seus privilegios pessoais das elites nas periferias (Repúblicas). Antes da URSS não existiam enquanto Estados ou Nações, mas isso não as impediu de separar-se e começar a desenvolver-se longe da Rússia. No momento da independência, as Repúblicas

⁴⁴⁵ ROY, Olivier. op. cit. p.191-193.

possuíam virtualmente os atributos de Estados independentes: um chefe de estado, um parlamento, um partido e um ministro de negócios estrangeiros. A soberania simbólica tornou possível o surgimento de soberania real e a Nação podia também surgir a partir da “nacionalidade” definida para cada República. Os elementos que faltavam para se tornarem Estados eram apenas o exército e o controlo das comunicações e transportes que se mantinham em monopólio do Estado central, mas até isso resultou um elemento de desprendimento da Rússia, uma vez que eram por norma geral eslavos os responsáveis destes campos na periferia. Assim, poucos nativos das repúblicas tinham ligações profissionais ou sociais que os ligasse à União de forma tão forte que os levasse a lutar pela sua manutenção⁴⁴⁶. Dos pilares da União; identidade, ideologia e interesses permanentes da Grã-Rússia, apenas o primeiro tinha alguma validade para esta região, e apenas porque os bolcheviques, na sua tentativa de criar um “império de acção afirmativa” tinham estabelecido identidades inspiradas nos costumes e tradições locais, exaltando as diferenças dos povos e ocultando as semelhanças. A estas bases juntou-se o Islão, até então reprimido. Sob esta base geral, as identidades das novas repúblicas foram-se assentando e progressivamente afastando de Moscovo, apenas diferenciando-se pela velocidade a que este afastamento se deu dependendo não só, mas sobretudo da capacidade económica de cada região.

4.3.2. – Fases da política externa russa

Paralelamente a este processo, a Rússia, imersa numa profunda crise de identidade, social, política e económica, prosseguiu uma política externa com opções pouco claras, argumentos incoerentes e acções controversas⁴⁴⁷. Esta situação apenas fortaleceu o afastamento das repúblicas agora independentes. Na Ásia Central, podemos dividir a

⁴⁴⁶ ROY, Olivier. op. cit., p.116-117.

⁴⁴⁷ FREIRE, Maria Raquel. A Política Externa, op. cit., p.78.

política externa russa nas seguintes fases: a “fase do abandono” (1991-1992), na qual a Rússia retira-se voluntariamente considerando a Ásia Central um fardo insustentável. Culmina já em 1993 com o fim da “zona rublo.” Esta foi seguida de uma “fase da manutenção da paz” (1992-1999) perante a qual a Rússia continuou a retirar-se e observou passivamente como outras potências entravam na região. Apenas manteve tropas nas zonas de fronteira e tentou manter a paz e ordem mas eventualmente falhou com a sua derrota na guerra de Chechénia, que acabou com a sua credibilidade militar. Seguiu-se-lhe uma “fase do regresso” (2000-2003). Com a chegada de Putin ao poder começou uma nova era na relação com a Ásia Central, que se torna mais relevante e activa. A vitória na segunda guerra de Chechénia repõe alguma credibilidade a Moscovo mas, em última instância, os desejos são maiores que as capacidade reais da Rússia. Os atentados de 11 de Setembro são um duro golpe para os seus interesses uma vez que provocam a entrada dos EUA na zona desequilibrando as forças regionais. Finalmente, hoje em dia (de 2003 em adiante) vive-se uma “fase de reconquista” que tem como objectivo restaurar a influência russa para voltar a tornar-se o poder regional determinante. Foca-se na prevenção de futuras revoluções “coloridas” e na recuperação de países há muito perdidos como o Uzbequistão, o qual conseguiu trazer de volta à sua órbita. A contenção dos EUA e a partilha de poder com a China são os ingredientes essenciais, ao mesmo tempo que o controlo dos recursos naturais e a expansão do comércio os principais objectivos⁴⁴⁸.

⁴⁴⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.118-121.

4.3.3. – Vantagens da Rússia

Para alcançar estes objectivos, a Rússia conta com vários instrumentos, dentre os quais destacam as seguintes: presença militar no terreno; proximidade às elites no poder; controlo de recursos energéticos e vias de transporte; presença de populações russas; ligações linguísticas e culturais.

A presença militar no terreno, embora reduzida em comparação com a presença na década de noventa, continua a ser significativa, não só através das organizações regionais como a OCS que realiza exercícios conjuntos⁴⁴⁹, mas também através da base aérea de Kant no Quirguistão, o radar Dniéper e a estação espacial de Baikonur no Cazaquistão, as bases militares de Dushambé, a utilização conjunta da base aérea de Ayni e o sistema de vigilância Okno no Tajiquistão. As maiores preocupações são manter um sistema de defesa aéreo conjunto (que se encontra relativamente intacto) e a inter-operatividade das Forças Armadas, utilizando o mesmo armamento, as mesmas regulações militares e a mesma cultura militar⁴⁵⁰.

A proximidade às elites no poder é também significativa. A maioria dos actuais líderes da Ásia Central são ainda os mesmos que lideravam na URSS. No Uzbequistão, Karimov tem 74 anos, No Cazaquistão Nazarbayev tem 71, Rahmanov no Tajiquistão conta com 59⁴⁵¹. Esta gerontocracia no poder partilha valores, tradições e estilos com a parte russa e esta prefere manter o *status quo* antes que ver mudanças de regime ou pressionar para introduzir mudanças. Isto não se deve à existência de uma

⁴⁴⁹ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.5.

⁴⁵⁰ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng.op cit., p.102-103.

⁴⁵¹ RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. op. cit., p.10.

“solidariedade autoritária” mas sim ao facto da Rússia acreditar que a sucessão poderá ser levada a cabo por radicais islâmicos. Para além disso, não pretende pressionar estes líderes para evitar tentações de aumentarem os laços com a China⁴⁵². Infelizmente para a Rússia, esta vantagem é muito limitada no tempo e a mudança geracional nas lideranças enfraquecerá no futuro as suas posições.

O controlo dos recursos energéticos e vias de transporte é também fruto de um passado comum. A Rússia, herdeira da URSS, controla os gasodutos e oleodutos dos tempos soviéticos e todos eles dirigem-se para o seu território, e daí para a Europa Ocidental; o principal cliente. Estes meios são fixos e não podem ser reorientados pelo que os acordos assinados são de longa duração e afectam também os países de passagem⁴⁵³. O objectivo principal é continuar a ser a principal via de distribuição dos recursos do Cazaquistão, Turquemenistão e Uzbequistão para evitar que as mesmas se tornem concorrentes no mercado e manter o preço de compra abaixo do preço de venda para a rentabilidade se manter elevada⁴⁵⁴. Apesar de que a China já conseguiu quebrar o monopólio, a verdade é que a Rússia mantém uma posição muito forte neste campo⁴⁵⁵.

A presença de populações russas na Ásia Central é de importância fulcral. Existem hoje em dia perto de 4.5 milhões de russos (30%) no Cazaquistão, 600.000 no Quirguistão (11%), 1.5 milhões no Uzbequistão e 240.000 no Turquemenistão. No

⁴⁵² RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.84.

⁴⁵³ FREIFELD, Daniel. **A Ópera do grande gasoduto**. *Foreign Policy Portugal*. Out-Nov 2009, no.12, p.58.

⁴⁵⁴ ORTEGA, António José Sanchez. op. cit., p.14.

⁴⁵⁵ Ver Anexo 6. p.227.

Tajiquistão, a quantidade se reduz a 68.000⁴⁵⁶. Desde que Putin chegou ao poder, declarou que o destino destas populações seria “uma questão de guerra e paz”⁴⁵⁷. Isto demonstra a importância estratégica que estas populações podem vir a ter em caso de necessidade para a Rússia, como já se viu no Cáucaso onde o conflito com a Geórgia derivado da sua invasão dos territórios de Abcásia e Ossétia do Sul foi feito em nome de que 95% da sua população tinham a cidadania russa⁴⁵⁸.

Finalmente, as ligações linguísticas e culturais poderão vir a ser a base do desenvolvimento futuro de um *soft power* inteligente. A língua russa ainda é usada co-oficialmente no Cazaquistão e no Quirguistão. No primeiro, 85% da população ainda a fala e no segundo existem perto de 1.5 milhões de falantes. Perto de metade dos cazaques em idade escolar estudam em russo e perto de dois terços dos universitários optam por ela. Existe em Astana uma universidade euroasiática e uma divisão da Universidade Estatal de Moscovo. Existem perto de 11.000 estudantes cazaques estudando na Rússia. No Quirgistão os números são mais modestos com perto de 25% dos estudantes em escolas russas, mas existem uma Universidade Eslávica e várias divisões de universidades russas. No Tajiquistão existe também uma universidade russo-tajique. O governo russo pretende assim formar elites locais na Rússia para mantê-los na sua área de influência no futuro. Já os meios de comunicação em russo viram-se muito diminuídos mas ainda marcam presença com canais de televisão e jornais, que mantêm um mercado muito importante no Cazaquistão e Quirguistão⁴⁵⁹.

⁴⁵⁶ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.84.

⁴⁵⁷ STUERMER, Michael. op. cit., p.69.

⁴⁵⁸ LEMAY-HEBERT, Nicolas. op. cit., p.64.

⁴⁵⁹ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.116-117.

4.3.4. – Desafios da Rússia

No entanto, a Rússia tem à sua frente também uma série de desafios que não lhe facilitarão a sua tentativa de recuperar a liderança da zona. Entre eles, são muito significativos os seguintes: a presença chinesa na Ásia Central; os novos valores nacionais das Repúblicas e o declínio demográfico russo.

A presença chinesa é importante a médio e longo prazo. Enquanto que hoje em dia a presença americana na Ásia Central é a maior ameaça para as ambições russas e chinesas, o que os levou a criar uma cooperação estratégica; o facto é que os americanos, a médio ou longo prazo, provavelmente abandonarão a região. Não é o caso dos dois aliados que, partilhando o mesmo espaço, parecem destinados inevitavelmente a entrar em competição o um contra o outro. Ambos a crescer em auto-confiança, consideram a zona de influência como própria, e não agem apenas por interesse nacional mas também com um sentido de “missão histórica”, sobretudo no caso russo⁴⁶⁰. A China por enquanto continua na sua política de “ascensão pacífica” e respeita as aspirações russas, mas apenas o tempo dirá se esta situação se mantém na medida em que a China se ergue em potência global.

As Repúblicas da Ásia Central, ao ganhar a sua independência, tentaram desde logo separar a sua identidade daquela da Rússia, criando novos valores nacionais. Neste sentido, começaram a buscar antecedentes históricos que servissem de mitos fundacionais. Estes mitos fundacionais, como já vimos, afastam-se da matriz ocidental e no futuro, as novas gerações educadas nesses novos valores poderão não sentir nenhuma proximidade da Rússia. Apesar das tentativas russas de manter a matriz cultural e a

⁴⁶⁰ LO, Bobo. Axis, op. cit., p.113.

língua, o declínio parece irreversível. Muitos professores de russo abandonaram a região por falta de futuro e, fora do Cazaquistão e Quirguistão, a língua não é favorecida. O consumo de meios de comunicação é cada vez mais caro e difícil de obter; viajar é cada vez mais caro; e de Moscovo não chegam ajudas, voluntários, bolsas de estudo suficientes ou livros⁴⁶¹. Como já se viu, nos anos recentes Moscovo tenta inverter esta situação mas as suas acções bem poderão ter chegado tarde demais.

Finalmente, o declínio demográfico. A Rússia tem vindo a sofrer uma rápida perda de população. Segundo um relatório de 2007, a Rússia perde cada ano entre 800.000 e 900.000 habitantes devido ao maior número de mortes que de nascimentos. Esta situação é muito grave pela perda de trabalhadores futuros mas também porque desequilibra a balança entre russos e não-russos, uma vez que a população que mais cresce são os muçulmanos, que actualmente são perto de vinte milhões, mas que poderão ser perto de um terço da população total em 2050. Este declínio deve-se também em parte à deterioração acentuada das condições de vida, problemas de habitação e ao estilo de vida. A crise demográfica constitui hoje o principal impedimento ao crescimento económico. A longo prazo, a Rússia aposta pelo regresso dos que se foram embora na década de noventa com as melhorias económicas⁴⁶². Mas a curto prazo o que se sabe é que uma população de 143 milhões em 2005 poderá vir a ser de 137 milhões em 2026. A este ritmo, a única forma de manter o crescimento económico passará necessariamente pela imigração a grande escala. Por seu lado, as populações da Ásia Central crescem a um ritmo acelerado com excepção do Cazaquistão, e estão a chegar em massa à Rússia. Ao terem pertencido à URSS

⁴⁶¹ ROY, Olivier. op. cit., p.198.

⁴⁶² STUERMER, Michael. op. cit., p.161-162.

apresentam a vantagem de dominarem minimamente o russo e partilharem certos aspectos de uma cultura comum. Porém, a sua integração não tem sido perfeita e nalguns casos têm sido vítimas de comportamentos xenófobos e islamofóbicos⁴⁶³. A sociedade russa só lentamente começa a compreender a gravidade da situação e o governo toma medidas ao respeito, mas por enquanto carece de uma estratégia a longo-prazo⁴⁶⁴.

4.3.5. – *Soft power*: a necessidade de uma política identitária

Tendo em conta todos estes pontos fortes e fracos da política russa para a Ásia Central, parece-nos lógico que para alcançar os seus objectivos, as autoridades russas terão obrigatoriamente que começar a desenvolver e aplicar medidas integrais de *soft power* se querem alcançar os seus objectivos. O *soft power* é definido por Joseph Nye como “a habilidade de se conseguir o que se quer através da atração ao invés da coerção” e que se pode “cultivar através de relações com aliados, assistência económica e trocas culturais.”⁴⁶⁵ Estes elementos já os vimos e pode-se fazer uma leitura dos mesmos. Pode-se afirmar que a Rússia possui indubitavelmente ferramentas de *soft power* a nível da CEI dada a difusão relativamente forte da língua russa, a presença de diásporas russas e a herança de instituições educativas e científicas. No entanto, esta herança encontra-se em declínio e encontra-se potencialmente sub-explorada, para além de lhe faltar uma organização estratégica mais coerente e eficaz.⁴⁶⁶ Estas limitações

⁴⁶³ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.114-115.

⁴⁶⁴ VISHNEVSKY, Anatoly. op. cit., p.25.

⁴⁶⁵ NYE Jr, Joseph S, apud POPESCU, Nicu. **Russia's Soft Power Ambitions**. *CEPS Policy Briefs*. Outubro 2006, nº115. p.1.
Disponível online: <http://aei.pitt.edu/11715/1/1388.pdf>

⁴⁶⁶ KATSOUÉVA-JEAN, Tatiana. “Soft Power” Russe: discours, outils, impact. *Russie.Nei.Reports*. Outubro 2010, nº5. p.23.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

podem ser superadas simplesmente desenvolvendo melhor aquilo que já se faz desde o ano 2000, isto é, utilizar os seus recursos económicos para encorajar os estados vizinhos a se associarem mais firmemente às suas políticas regionais; potenciar ainda mais a utilização do russo como *lingua franca*, e disseminar com maior intensidade os produtos de consumo e a cultura popular expressada pela televisão, a indústria cinematográfica, a música, as novelas populares e o reviver da grande tradição artística russa. Por outro lado, utilizar como difusores da cultura e dos valores russos os próprios imigrantes que residem no seu território e voltam aos seus impregnados de “Rússia”. Em poucas palavras, é importante que a Rússia retraía a sua mão pesada e estenda no seu lugar a mão do comércio. Dificilmente poderá a Rússia rivalizar com os EUA em termos de *soft power*, mas pode aspirar pelo menos a recuperar os níveis de *soft power* que a URSS possuía na sua imediata esfera de influência⁴⁶⁷. A Rússia deve comprometer-se fortemente a ajudar na formação das futuras elites e alcançar também as sociedades e não só os governos, deve promover a integração económica (sobretudo com o Cazaquistão) e monitorizar as zonas problemáticas, permitir às populações da Ásia Central estabelecer-se na Rússia e ajudá-los a integrar-se na sua sociedade, e sobretudo, compreender os limites das suas capacidades, que não lhe permitem erguer-se como único baluarte da segurança mas antes um árbitro honesto e fiável, e continuar a colaborar com a China e aprender a conviver com os EUA o tempo que for preciso⁴⁶⁸. Naturalmente, tudo isto apenas poderá ser alcançado eficazmente quando a Rússia conseguir definir a sua identidade de forma mais clara e objectiva, pois apenas então poderá projectar-se definitivamente ao mundo. A Rússia não é a União Soviética e já não pode oferecer-se ao mundo como modelo de desenvolvimento ou como uma

⁴⁶⁷ HILL, Fiona. op. cit., p.5-6.

⁴⁶⁸ RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. op. cit., p.129-130.

alternativa com atratividade normativa para os outros; esse pilar ideológico desapareceu para sempre. Também não é uma democracia no sentido ocidental e o espaço da CEI já não se encontra no interior das suas fronteiras. A Rússia é um Estado novo que antes não existia no mapa político ou geográfico global⁴⁶⁹. Isso não quer dizer que não possua os instrumentos e as tradições necessárias para, mais uma vez, reformular-se e surgir das suas próprias cinzas. As vias de ocidentalização, russificação e asiaticização encontram-se firmemente estabelecidas nas mentes dos russos e cabe a eles decidir que tipo de combinação querem experimentar agora. De momento, Putin tem optado por seguir uma via geral ocidentalista mitigada por uma russificação moderada no plano interno, e um piscar de olhos aos asiaticizadores no plano externo que se reflecte na parceria estratégica com a China. Os valores da Nação parecem surgir de uma amálgama do que se considera o melhor da época imperial e o melhor da época soviética, não se escondendo nas elites a permanência de um sentimento de missão “messiânica” da Rússia que, contudo, não acaba de estar bem definida. Nestes doze anos de governo de Putin, este caminho parece ter trazido estabilidade e riqueza à Rússia mas nos últimos tempos, manifestações e protestos têm surgido no seio do povo, demonstrando o nascimento de uma verdadeira sociedade civil por primeira vez no país que até agora se tinha acostumado à obediência até atingir o ponto de ruptura e a seguir a explosão revolucionária. Estarão eles satisfeitos com as opções identitárias tomadas pelas suas elites? Apenas o tempo o dirá, e quanto mais esse tempo se prolongar mais difícil será para a Rússia atingir os seus objectivos na Ásia Central.

⁴⁶⁹ FREIRE, Maria Raquel. A Política Externa, op. cit., p.78.

Conclusões

O colapso soviético constitui para os russos “uma das maiores catástrofes geopolíticas do século XX.”⁴⁷⁰ No entanto, é um facto consumado para o qual não há volta atrás. Após o desaparecimento da URSS, surgiu um conjunto de nações muito diferentes entre si. Alguns possuíam sentimentos nacionalistas bem delineados e rapidamente encontraram o seu caminho e identidade sem recorrer à violência como é o caso das repúblicas bálticas, (que aderiram à UE e desde aí adoptaram uma atitude muito crítica e nalguns casos hostil à Rússia⁴⁷¹) outras entraram em conflitos civis ou em conflito entre si próprias (casos do Tajiquistão ou dos Arménios e Azerbaijanos (Azeris) pelo enclave de Ngorno-Karabakh) e, finalmente, as nações de Ásia Central encontraram-se de súbito independentes, tendo apenas como identidade a herança da sovietação e os seus paradoxos⁴⁷². Estas começaram a estabelecer relações com os seus vizinhos, e a Rússia, cuja identidade tinha saído ainda mais prejudicada do que a maior parte das outras Repúblicas,⁴⁷³ abandonou relativamente a zona para só voltar em força após a sua década desastrosa. O ressurgimento da Rússia - construído através da sua política energética - encontra na Ásia Central um dos campos fundamentais na luta por voltar a ser uma potência mundial, mas a sua hegemonia foi posta em causa pela concorrência de fortes actores dentre os quais destacam os EUA e a China. Estes dois adversários estratégicos apresentam características distintas na região. Os EUA são uma ameaça sobretudo militar, dada a sua presença em peso em consequência dos atentados terroristas de 11 de Setembro. No entanto, as preocupações securitárias em raiz do

⁴⁷⁰ Vladimir Putin, apud STUERMER, Michael. op. cit., p.47.

⁴⁷¹ CAMARA, Manuel de la. op. cit., p.88.

⁴⁷² ROY, Olivier. op. cit., p.XIII.

⁴⁷³ SERVICE, Robert. Historia, op. cit. p.509.

terrorismo islâmico da primeira década deste século estenderam-se para outros assuntos, como a associação simplificadora entre terrorismo, radicalismo islâmico e entrada de estrangeiros⁴⁷⁴, isto é, imigração, outra das grandes questões para a Rússia do século XXI em pleno declínio demográfico; complicando portanto ainda mais a relação com esta região predominantemente islâmica. Mas se a presença americana poderá revelar-se datada no tempo, a da China é seguramente uma presença a longo prazo. Assim, Moscovo prefere conter os EUA por um lado e estabelecer uma aliança estratégica com a China por outro. Mas mais do que as ferramentas de *hard power* que possui, a Rússia precisa de aproveitar muito melhor as suas ferramentas de *soft power*, pois num mundo no qual a globalização, a revolução informática e os processos democratizadores parecem ser fenómenos de longa duração, a liderança bem sucedida passa por desenvolver políticas mais integradoras e participativas com maior ênfase na atracção do que na voz de comando⁴⁷⁵. A Rússia possui vantagens e ferramentas que lhes permitem ser optimistas quanto ao futuro na região, mas este dependerá do tipo de política externa e de modernização que a Rússia empreenda. Ao longo dos séculos, a Rússia tem seguido três linhas principais: a Russificação, a Asiatização e a Ocidentalização. Estes termos são por vezes misturados entre si ou ganham contornos peculiares como a Sovietização ou o pan-eslavismo mas as linhas permanecem. Num Estado que não possui uma tradição democrática forte, é crucial entender como se interpreta a construção identitária no topo do poder, pois o caminho que as elites prossigam terá consequências em toda a construção do novo sistema internacional multipolar do século XXI. Hoje, Vladimir Putin, enquanto Presidente reeleito para mais

⁴⁷⁴ BRANDÃO, Ana Paula. Migração internacional e estudos de segurança. Dilemas da investigação. Em: MOREIRA, Adriano e RAMALHO, Pinto (coord.) Estratégia. Volume XVI. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica. 2007. p.85.

⁴⁷⁵ NYE Jr, Joseph. S. **Soft Power, Hard Power and Leadership**. 27-10-2006.

Disponível online:

http://www.hks.harvard.edu/netgov/files/talks/docs/11_06_06_seminar_Nye_HP_SP_Leadership.pdf

seis anos de governo, parece ter planos de continuar a sua política de equilíbrios entre as linhas históricas de pensamento. A tendência dominante continua a ser a ocidentalizadora, herdada sobretudo dos governos de Gorbachev e Ieltsin, mas esta mitiga-se claramente com um discurso mais russificado para a política interna e uma asiaticização progressiva no campo económico. No entanto, nem por isso a Rússia deixa de levantar dúvidas e apreensões entre as nações ocidentais. Economicamente, a utilização dos recursos energéticos como arma política levanta dúvidas sobre a fiabilidade de Moscovo nos negócios. Mas em boa verdade, tanto os EUA como a UE recorrem a métodos semelhantes na sua política externa, impondo sanções, bloqueios, proibições e outras medidas do género a todo aquele Estado que não joga pelas suas regras ou não cede aos seus interesses. Daí que Moscovo não aceite facilmente ser criticado por quem faz a mesma coisa⁴⁷⁶. Isto leva a que as elites russas sintam a tentação de se isolarem e prosseguirem uma política de “lobo solitário”⁴⁷⁷, que, porém, tem custos elevados em termos de imagem e projecção. Como vimos, a importância das elites políticas e económicas na Rússia é enorme dada a natureza centralizadora do regime e a sua institucionalização do *ruling vertical*.⁴⁷⁸ Mas as transformações recentes do Estado podem bem ter alterado estas coisas para sempre. Uma verdadeira sociedade civil parece estar agora a florescer, o que constitui uma novidade histórica. Os russos hoje ainda não tiveram a oportunidade de decidir o que significa ser russo, mas começam a dar os primeiros passos para decidir por si próprios. A maior parte deles não

⁴⁷⁶ Citando apenas dois exemplos ilustrativos, temos o caso da venda e regulação do mercado de armas, no qual os EUA e a UE impõem sanções e proibições ao mesmo tempo que vendem os seus equipamentos a nações que poderão eventualmente utilizá-las em confrontos armados, contrariando a sua própria doutrina. É o caso de Israel, Taiwan e Paquistão entre outros. O outro é a renegociação de contratos nos países ocupados como Afeganistão e Iraque, ou em mudança de regime como Líbia, onde as empresas europeias e americanas ficam com as principais concessões. Em ambas situações, os interesses económicos russos são sempre, invariavelmente prejudicados.

⁴⁷⁷ STUERMER, Michael. op. cit., p.234.

⁴⁷⁸ FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa, op. cit., p.150.

são nacionalistas ao ponto de colocar o sentimento patriótico por cima de qualquer outra aspiração. Estão cansados de tantos tumultos e parecem decididos a seguir agora um caminho de mudanças graduais e pacíficas. Ainda é necessário que o país viva um longo período de paz interna e externa; deve criar-se um sistema legal e uma consciência cívica, e sobretudo, as melhorias económicas devem beneficiar mais camadas da população⁴⁷⁹. Este processo demora tempo, mas as manifestações nas ruas contra os abusos nas últimas eleições de 2012 servem como prova de que as mudanças estão em curso. Talvez a grande revolução russa do século XXI seja o surgimento desta sociedade civil e talvez a sociedade civil venha a alcançar um consenso duradouro sobre a identidade russa. Mas por enquanto, a Rússia que existe é a Rússia de Putin, e esta Rússia, cada vez mais confiante em si mesma procura recuperar o seu lugar na ordem política internacional. A chave do sucesso poderá muito bem residir na Ásia Central.

⁴⁷⁹ SERVICE, Robert. *Historia*, op. cit., p.510.

Bibliografia

- BARRINHA, André. Turquia. Em: FREIRE, Maria Raquel. (coord.) *Política Externa. As Relações Internacionais em mudança*. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.361-386.
- BRANDÃO, Ana Paula. Migração internacional e estudos de segurança. Dilemas da investigação. Em: MOREIRA, Adriano e RAMALHO, Pinto (coord.) *Estratégia*. Volume XVI. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica. 2007. p.81-100.
- BRUBAKER, Rogers. **Nationhood and the national question in the Soviet Union and post-Soviet Eurasia: An institutional account.** *Theory and Society* 23: 47-78. Kluwer Academic Publishers, 1994.
- CAMARA, Manuel de la. **Las relaciones entre la UE y Rusia.** *UNISCI Discussion Papers*, Jan. 2008, no.16. p.85-109.
Disponível online:
<http://revistas.ucm.es/cps/16962206/articulos/UNIS0808130085A.PDF>
- DEGRAS, Jane. **The Communist International. 1919-1943 Documents.** Volume I (1919-1922). *The Royal Institute of Foreign Affairs*. London, 1955.
Disponível online:
[http://anamnesis.info/documents/Degras%20-%20The%20Communist%20International%201919-1943%20-%20Documents%20-%20Volume%201%20\(1919-1922\)\(1971\).pdf](http://anamnesis.info/documents/Degras%20-%20The%20Communist%20International%201919-1943%20-%20Documents%20-%20Volume%201%20(1919-1922)(1971).pdf)
- DIK, Evgueni. **La posición rusa hacia México en vísperas de la guerra de 1847.** *Departamento Académico de Estudios Internacionales, ITAM*. p.98-99
Disponível online:
<http://biblioteca.itam.mx/estudios/47-59/50-51/EvgueniDikLapositionrusahacia.pdf>
- FERNANDES, Sandra Dias. **Decifrar a potência Russa.** *Relações Internacionais*, mar. 2009, no.21, p.79-85.
- FIERMAN, William. **Language and Education in Post-Soviet Kazakhstan: Kazakh-Medium Instruction in Urban Schools.** *The Russian Review*. Janeiro 2006, no.65, p. 98–116
Disponível online:
http://www.ihc.ucsb.edu/research/identity_articles/Rus_Rev_Jan_2006_article.pdf
- FREIFELD, Daniel. **A Ópera do grande gasoduto.** *Foreign Policy Portugal*. Out-Nov 2009, no.12, p.56-63
- FREIRE, Maria Raquel. **A Política Externa em transição: o caso da Federação Russa.** *Relações Internacionais*, set. 2009, no.23, p.75-89.

- FREIRE, Maria Raquel. Federação Russa. No seu: FREIRE, Maria Raquel. (coord.) Política Externa. As Relações Internacionais em mudança. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.149-169.
- FREIRE, Maria Raquel. **Tempo de balanço: (AS)simetrias nos mandatos presidenciais de George W. Bush e Vladimir Putin.** *Relações Internacionais*, set.2008, no.19, p.135-145.
- GEARY, Patrick J. O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo. 1ª Edição. Lisboa. Gradiva, 2008.
- HILL, Fiona. **Energy empire: oil, gas and Russia's revival.** *The foreign Policy Center*, Set.2004.
Disponível online: <http://fpc.org.uk/fsblob/307.pdf>
- HIRO, Dilip. Inside Central Asia: A Political and Cultural History of Uzbekistan, Turkmenistan, Kazakhstan, Kyrgystan, Tajikistan, Turkey and Iran. Ed. The Overlook Press.
- HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos. 3ª Edição. Lisboa. Presença, 2002.
- IVANOV, Igor. **The New Russian Identity: Innovation and Continuity in Russian Foreign Policy.** *The Washington Quarterly*. Verão 2001, 24:3 p.7-13.
Disponível online: <http://www.twq.com/01summer/ivanov.pdf>
- KENEZ, Peter. História da União Soviética. 1ª Edição. Lisboa. Edições 70, 2007.
- KASSENOVA, Nargis. **China as Emerging Donor in Tajikistan and Kyrgystan.** *Russie.Nei.Visions*. Janeiro 2009, nº36.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk
- KATSOUÉVA-JEAN, Tatiana. **“Soft Power” Russe: discours, outils, impact.** *Russie.Nei.Reports*. Outubro 2010, nº5.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk
- KEERAN, Roger e KENNY, Thomas. O Socialismo Traído: por trás do Colapso da União Soviética. 2ª Edição. Lisboa. Avante! 2008.
- KUCHINS, Andrew C. **Why Russia is so Russian.** *Current History*. Outubro 2009. p.318-324.
Disponível online:
http://www.goramblers.org/Upload/1696/Kuchins_Why%20Russia%20is%20so%20Russian.pdf

- LAUMULIN, Murat. **The Shangai Cooperation Organization as Geopolitical Bluff? A view from Astana.** *Russie.Nei.Visions*. Julho 2006. nº12.
Disponível online : http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk
- LEMAY-HEBERT, Nicolas. **Zone of conflict: clash of paradigms in South Ossetia.** *OAKA*. 2008. p.57-70.
- LÉNINE, V.I. As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.35-39.
- LÉNINE, V.I. Sobre o direito das nações à autodeterminação. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.509-556.
- LÉNINE, V.I. Sobre a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.569-572.
- LÉNINE, V.I. Acerca do orgulho nacional dos Grão-Russos. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p. 566.
- LÉNINE, V.I. O Imperialismo, fase superior do capitalismo. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo I. Lisboa. Avante! 1977. p.575-671.
- LÉNINE, V.I. Carta aos membros do CC. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo II. Lisboa. Avante! 1977. p.389.
- LÉNINE, V.I. Sobre a questão das nacionalidades ou da “autonomização”. Em: LÉNINE. V.I. Obras Escolhidas em três tomos. Tomo III. Lisboa. Avante! 1977. p.648-652.
- LEQUER, Walter. **Moscow’s Modernization Dilemma.** *Foreign Affairs*, November/December 2010.
- LO, Bob. **A fine balance - The strange case of Sino-Russian relations.** *Russie.CEI.Visions, IFRI*, Abril 2005, no.1.
Disponível online: www.ifri.org/downloads/boboloanglais.pdf
- LO, Bobo. **Axis of Convenience: Moscow, Beijing, and the New Geopolitics.** Londres. Chatham House, 2008.
- LO, Bobo. **Rússia, China and the United States: From Strategic Triangulation to the Postmodern Triangle.** *Russie.Nei.Visions*. Fevereiro 2010, nº47.
Disponível online: http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk
- MANDELSTAM, Ossip. **Guarda minha fala para sempre.** 1ª Edição. Lisboa. Ed. Assírio & Alvim, 1996. p.24-25.

- MARIE, Jean-Jacques. Estaline. 1ª Edição. Lisboa. Editorial Verbo, 2004.
- MARX, Karl y ENGELS, Friedrich. El Manifiesto Comunista. Once Tesis sobre Feuerbach. 1ª Edição. Madrid. Alhambra, 1985.
- MEDVEDEV, Sergei. **A General Theory of Russian Space: A Gay Science and a Rigorous Science.** *Alternatives: Global, Local, Political.* Oct. – Dec. 1997, Vol. 22, No. 4, p.523-553.
Disponível online: <http://www.jstor.org/stable/40645009>
- MIR, Rafael Jerez. Marx y Engels: el Marxismo Genuino. 1ª Edição. Madrid. Editorial Cincel, 1985.
- MIRANDA, Jorge. Manual de Direito Constitucional, Tomo 1 – Preliminares. O Estado e os Sistemas Constitucionais. 6ª Edição. Coimbra. Coimbra Editora, 1997.
- MONTENEGRO, Walter. Introducción a las Doctrinas Político-Económicas. 1ª Edição. Mexico DF. Biblioteca del Oficial Mexicano, 1982.
- MOREIRA, Adriano. Religiões e Poder Político. No seu: MOREIRA, Adriano e RAMALHO, Pinto (coord.) Estratégia. Volume XVII. Lisboa: Instituto Português da Conjuntura Estratégica. 2008. p.7-16.
- MOREIRA, Adriano. Teoria das Relações Internacionais. 5ª Edição, Coimbra. Almedina, 2005.
- MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. La Rusia de los Zares. 1ª Edição. Madrid. Espasa Calpe, 2007.
- NYE Jr, Joseph. S. **Soft Power, Hard Power and Leadership.** 27-10-2006.
- Disponível online:
http://www.hks.harvard.edu/netgov/files/talks/docs/11_06_06_seminar_Nye_HP_SP_Leadership.pdf
- ORTEGA, António José Sanchez. **La reemergencia de Rusia en el espacio postsoviético. La energía como objeto y medio.** [Online] *Revista Electrónica de Estudios Internacionales.* 2009.
Disponível online:
http://reei.org/reei17/doc/articulos/articulo_SANCHEZ_AntonioJose.pdf
- POPESCU, Nicu. **Russia's Soft Power Ambitions.** *CEPS Policy Briefs.* Outubro 2006, nº115.
Disponível online: <http://aei.pitt.edu/11715/1/1388.pdf>
- PRAT, Cesáreo R. Aguilera de. **Rusia y la CEI: ¿Relaciones de política exterior o interior?** *Afers Internacionals*, 1998, no.42, p.7-20.
Disponível online:
<http://www.raco.cat/index.php/RevistaCIDOB/article/view/28090/27924>

- PUSHKIN, Alexander. La Hija del Capitán. México DF. Lito Ediciones Olimpia, 1973.
- REED, John. Diez dias que conmovieron al mundo. 17ª Edição. México DF. Editores Mexicanos Unidos, 2000.
- ROY, Olivier. The New Central Asia: Geopolitics and the Creation of Nations. Ed. Taurus, 2000
- RUIZ GONZÁLEZ, Francisco J. **La Organización de Cooperación de Shangai en su X aniversário.** Instituto Español de Análisis Estratégicos. 28 de Julio de 2011.
Disponível online:
http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_analisis/2011/DIEEEA18_2011OrganizacionCooperacionShanghai.pdf
- RUMER, Eugene, TRENIN, Dmitrii e ZHAO, Huasheng. Central Asia, views from Washington, Moscow and Beijing. Ed. M.E. Sharp.
- Russian Foreign Policy – Sources and Implications de Olga Oliker [et al.]. EUA. : RAND Corporation, 2009.
Disponível online:
http://www.rand.org/pubs/monographs/2009/RAND_MG768.pdf
- SAKWA, Richard. **New cold war or twenty year's crisis? Russia and international politics.** *International Affairs*. 2008, 84:2, p.241-267.
- SEBESTYEN, Victor. Revolução 1989: a Queda do Império Soviético. 1ª Edição. Lisboa. Presença, 2009.
- SERVICE, Robert. Historia de Rusia en el siglo XX. 1ª Edição. Barcelona. Editorial Critica, 2010.
- SERVICE, Robert. Rusia, Experimento con un pueblo. 1ª Edição. Madrid. Siglo XXI Editores, 2005.
- SIMÃO, Licínia. República Islâmica do Irão. Em: FREIRE, Maria Raquel. (coord.) Política Externa. As Relações Internacionais em mudança. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2011. p.313-337.
- SLEZKINE, Yuri. **The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted Ethnic Particularism.** *Slavic Review*. Summer 1994, vol.53, n.2, p.414-452.
Disponível online: <http://www.jstor.org/stable/2501300>
- SMOLANSKY, Oles M. Soviet foreign policy under Gorbachev. Em: Estratégia. No.5. Lisboa. Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais. Outono 1988.
Disponível online: <http://www.ieei.pt/publicacoes/exemplar.php?exemplar=38>

- STUERMER, Michael. Putin e o Despertar da Rússia. 1ª Edição. Lisboa. Presença, 2009.
- The Cambridge History of Russia, Volume I – From Early Rus to 1689. Edited by Maureen Perry. Cambridge University Press, 2006.
- The Cambridge History of Russia, Volume II – Imperial Russia (1689-1917). Edited by Dominic Lieven. Cambridge University Press, 2006.
- The Cambridge History of Russia, Volume III – The Twentieth Century. Edited by Ronald Grigor Suny. Cambridge University Press, 2006.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. Da Democracia na América. 1ª Edição. Cascais. Principia, 2007.
- TOFFLER, Alvin. A Terceira Vaga. 1ª Edição. Lisboa. Livros do Brasil, 2003.
- TROTSKY, Lev. Literatura y Revolución. Ediciones digitales Izquierda Revolucionaria. 2006.
Disponível online:
<http://www.marxists.org/espanol/trotsky/1920s/literatura/indice2.htm>
- TROTSKY, Lev. Sobre la Vida Cotidiana. 1ª Edição. Barcelona. Icaria Editorial, 1977.
- TSVETÁEVA, Marina. Depois da Rússia. 1ª Edição. Relógio D'Água Editores, 2001. p.12-13.
- TSYGANKOV, Andrei P. **What is China to us? Westernizers and Sinophiles in Russian Foreign Policy.** *Russie.Nei.Visions*. Dezembro 2009, nº45. p.12.
Disponível online:
http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk
- VAN OUDENAREN, John e CONTE, Francis. **Understanding Soviet Foreign Policy.** *Mc Nair Papers -The Institute for National Strategic Studies*. Abril 1990. nº7.
- VILLAYERDE, Jesus A. Nuñez e CARRASCO, Mayte. **Política exterior y de seguridad de Rusia: ida y vuelta a la escena mundial.** *Papeles del Este*, 2008, no.16, p.81-95.
Disponível online:
<http://revistas.ucm.es/cee/15766500/articulos/PAPE0808120081A.PDF>
- VISHNEVSKY, Anatoly. **The Challenges of Russia's Demographic Crisis.** *Russie.Nei.Visions*. Junho 2009, nº41.
Disponível online:
http://www.ifri.org/?page=our-e-notes&id_pubcategorie=11&lang=uk

- VOLKOGONOV, Dmitri. *Lenine - Uma nova biografia*. Coimbra. Edições 70, 2008.
- WILSON, Dominic e PURUSHOTHAMAN, Roopa. **Dreaming with BRICs: The path to 2050**. [Online] *Goldman Sachs Global Economics Paper*. Out.2003, no.99
Disponível online: <http://www2.goldmansachs.com/ideas/brics/book/99-dreaming.pdf>
- ZAKARIA, Fareed. *O Mundo Pós-Americano*. 1ª Edição. Lisboa. Gradiva, 2008
- ZURCHER, Christoph. *The Post-Soviet Wars: Rebellion, Ethnic Conflict, and Nationhood in the Caucasus*. 1ª Edição. New York e Londres. New York University Press, 2007.

Sites consultados

- BBC News Asia. [Online] 13 Janeiro 2012. (último acesso 19 Julho 2012)
Disponível online
<http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-17009053>
- CIA – The World Factbook. Central Asia. [Online] 5 Julho 2012. (último acesso 26 Julho 2012)
Disponível online:
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/rs.html>
- CIA – The World Factbook. Central Asia. [Online] 5 de Julho 2012. (último acesso 26 Julho 2012)
Disponível online:
https://www.cia.gov/library/publications/the-worldfactbook/wfbExt/region_cas.html
- CIDOB. Biografias lideres politicos. Almazbek Atambayev. [Online] 18 Maio 2012. (último acesso 15 Junho 2012)
Disponível online:
http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/asia/kirguizista/almazbek_atambayev
- CIDOB. Biografias lideres politicos. Gurbanguly Berdymujammedov. [Online] 06 Junho 2012. (último acesso 15 Junho 2012)
Disponível online:
http://www.cidob.org/es/documentacion/biografias_lideres_politicos/asia/turkmenistan/gurbanguly_berdymujammedov

- Eurasian Economic Community – EAEC. Constituição. [Online] 05 Maio 2012. p.1-2. (último acesso 10 Maio 2012)
Disponível online: <http://www.worldtradelaw.net/fta/agreements/eaecfta.pdf>
- Jornal Expresso. Actualidade. [Online] 5 Julho 2010. (último acesso 6 Julho 2012)
Disponível online:
<http://expresso.sapo.pt/russia-bielorrussia-e-cazaquistao-criam-uniao-aduaneira=f592056>
- Jornal Público. Economia [Online] 04 Março 2011. (último acesso 21 Julho 2012)
Disponível online:
<http://economia.publico.pt/Noticia/brasil-sauda-adesao-da-africa-do-sul-ao-bloco-dos-bric-1483260>
- OTSC – Tratado de Segurança Colectiva. Pagina oficial em inglês. [Online] 05 Fevereiro 2012. Institucional. (último acesso 02 Janeiro 2012)
Disponível online:
http://www.odkb.gov.ru/start/index_aengl.htm
- Ria Novosti, versão espanhola. Opinião. [Online]. 26 Abril 2011. Material preparado pelo jornal Moskovskie Novosti (último acesso 6 Julho 2012)
Disponível online:
http://sp.rian.ru/opinion_analysis/20110426/148812478.html
- U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Kazakhstan. [Online] 20 Abril 2009. (último acesso 24 Julho 2012)
Disponível online:
<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/5487.htm>
- U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Turkmenistan [Online] 23 Janeiro 2012. (último acesso 24 Julho 2012)
Disponível online:
<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/35884.htm>
- U.S. Department of State. Countries & Regions, Background Note: Uzbekistan. [Online] 31 Janeiro 2012. (último acesso 24 Julho 2012)
Disponível online:
<http://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2924.htm>

Tabela de Anexos

- Anexo 1 - Mapa do Império Russo 222

Expansão no período 1795-1914.

- Anexo 2 – Mapa da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas 223

Divisões Administrativas em 1989

- Anexo 3 – Mapa da Federação Russa 224

Divisões Administrativas em 1994

- Anexo 4 – Mapa da conquista da Ásia Central 225

Expansão no período 1689-1914

- Anexo 5 – Mapa da Ásia Central e Cáucaso 226

Divisão política na actualidade

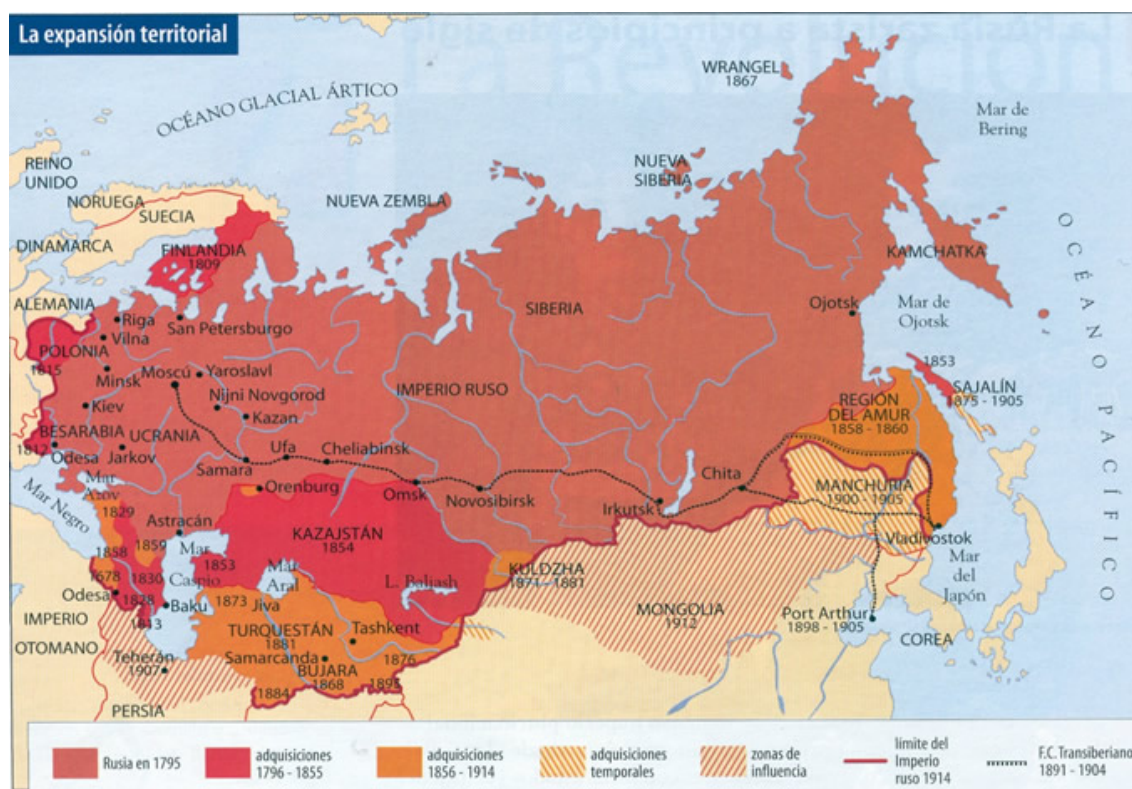
- Anexo 6 - Mapa de gasodutos e oleodutos na Rússia / Ásia Central 227

Infraestrutura siviética e novas redes propostas

Anexos

Anexo 1 – Mapa do Império Russo

Expansão no período 1795-1914.



Fonte: Disponível online (23 Fevereiro 2011)

<http://clasehistorias.blogspot.pt/2011/02/mapa-sobre-la-expansion-del-imperio.html>

Anexo 2 – Mapa da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas

Divisões Administrativas em 1989



Fonte: The University of Texas at Austin. Libraries [Online] 20 Julho 2012

Disponível online:

http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/soviet_union_admin_1989.jpg

Anexo 3 – Mapa da Federação Russa

Divisões Administrativas em 1994



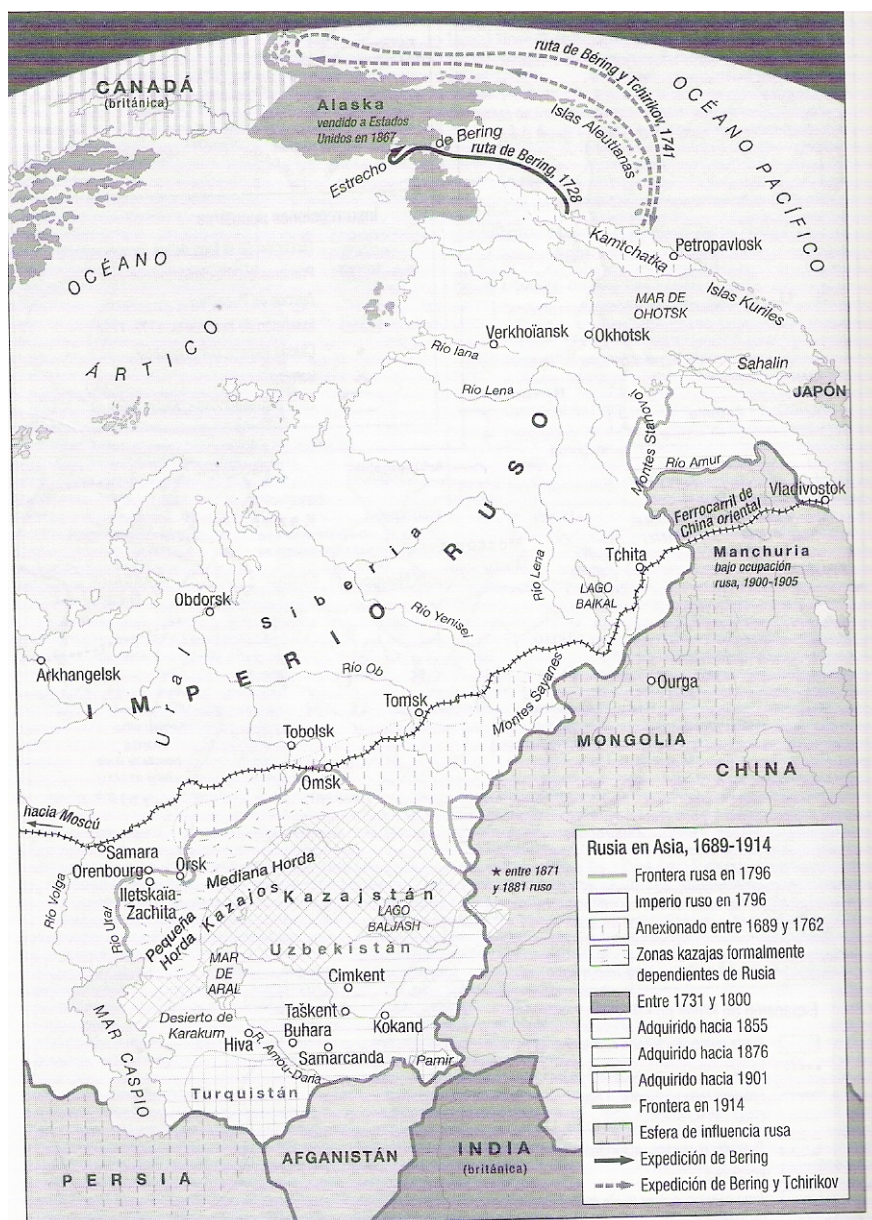
Fonte: The University of Texas at Austin. Libraries [Online] 20 Julho 2012

Disponível online:

<http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/russiaaddivisions.jpg>

Anexo 4 – Mapa da conquista da Ásia Central

Expansão no período 1689-1914



Fonte: MUÑOZ-ALONSO, Alejandro. La Rusia de los Zares. 1ª Edição. Madrid. Espasa Calpe, 2007. (Mapas)

Anexo 5 – Mapa da Ásia Central e Cáucaso

Divisão política na actualidade



Fonte: The University of Texas at Austin. Libraries [Online] 20 Julho 2012

Disponível online:

http://www.lib.utexas.edu/maps/commonwealth/caucasus_cntrl_asia_pol_2003.jpg

Anexo 6 – Mapa de gasodutos e oleodutos na Rússia / Ásia Central

Infraestrutura siviética e novas redes propostas



Fonte: BIX, Herbert P. The Asia-Pacific Journal: Japan Focus. **The Russo-Georgia War and the Challenge to American Global Dominance.** [Online] 16 Junho 2012.

Disponível online:

http://www.japanfocus.org/-Herbert_P_-Bix/2919